



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2013

**Carla Daniela do Vale
Leitão da Mota**

**MUSEU E MONUMENTO EM PROJETO DE
EDUCAÇÃO VISUAL**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2013

**Carla Daniela do Vale
Leitão da Mota**

MUSEU E MONUMENTO EM PROJETO DE EDUCAÇÃO VISUAL

Relatório final apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel Dias Costa Valente, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

À minha família pelo amor, apoio e incentivo ao longo de todo este processo.

o júri

presidente

Prof. Doutora Teresa Bettencourt da Cruz
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

arguente principal

Prof. Doutor Manuel Salvador de Araújo Lima
professor auxiliar aposentado da Universidade dos Açores

orientador

Prof. Doutor António Manuel Dias Costa Valente
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

No final desta minha jornada não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que foram essenciais ao longo de toda esta caminhada:

À minha família pelo apoio constante.

À professora cooperante Ana Paula Bernardes pela disponibilidade, apoio e autonomia concedida ao longo de todo o processo.

Ao meu orientador Prof. Doutor António Manuel Dias Costa Valente pelo apoio e disponibilidade.

À Prof. Doutora Dayse Neri de Souza pela disponibilidade e ajuda neste projeto ao nível da metodológica.

À Prof. Doutora Inês Oliveira pela disponibilidade e colaboração na validação dos instrumentos de recolha de dados.

À colega Ana Grave pelo companheirismo e ajuda prestada.

Aos alunos pelo seu contributo e empenho.

Ao Museu Marítimo de Ílhavo pela forma como acolheu este projeto, ajudando a torná-lo possível.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram ligados a este trabalho.

palavras-chave

Museu, Monumento, projeto, Educação Visual.

resumo

O presente trabalho destina-se a dar a conhecer os trabalhos desenvolvidos pelos alunos de uma escola do concelho de Ílhavo, explorando a relação entre o Museu/Monumento e a escola.

A grandiosidade do Farol da Barra e o património cultural e artístico presente no Museu Marítimo de Ílhavo fazem destes espaços únicos e repletos de potencialidades educativas. Neste sentido, pretendeu-se explorar todas essas potencialidades no desenvolvimento de um projeto de Educação Visual.

Todo o processo de trabalho desenvolvido em torno da interação entre a escola e o Museu/Monumento tem como intuito dar vida a uma parceria que se pretende cada vez mais dinâmica entre a comunidade escolar e a oferta educativa e cultural promovida pelos Museus.

A finalidade deste estudo consiste em compreender o Museu/Monumento como espaço potenciador e facilitador do processo de ensino.

O estudo de caso foi o método de investigação utilizado, dado o tipo de recolha que se iria efetuar.

Desta forma, as técnicas utilizadas foram essencialmente de natureza qualitativa: observações, inquéritos por entrevistas semiestruturadas e análise documental. De modo a complementar e reforçar os dados da observação direta também se recorreu à aplicação de um inquérito por questionário - análise quantitativa.

A análise global dos resultados revela que os alunos consideram que as visitas ao Museu e ao Monumento contribuem para um melhor desenvolvimento dos projetos da disciplina de Educação Visual.

Este trabalho permitiu explorar e estimular a relação entre a escola e o Museu/Monumento, desenvolvendo-se uma relação de entreajuda e cooperação entre estes espaços.

keywords

Museum, Monument, project, Visual Education.

abstract

This assignment is intended to raise awareness to the work carried out by students of a school in the municipality of Ílhavo, exploring the relationship between the Museum /Monument and the school.

The greatness of the Farol da Barra and the cultural and artistic heritage present in the Maritime Museum of Ílhavo make these spaces unique and full of educational potential. Therefore, we sought to explore all these capabilities in the development of a Visual Education project.

The whole work process around the interaction between the school and the Museum/Monument, serves to give life to a partnership that aims to be increasingly dynamic between the school community and the cultural and educational provision promoted by the Museums.

The purpose of this study is to understand the Museum/Monument as a space enhancer and facilitator of the teaching process.

The case study was the research method used, due to the means of the gathering of information which would take place.

Thus, the techniques used were essentially qualitative: observations, surveys by semi-structured interviews and documentary analysis. In order to complement and enhance the data from direct observation there was also the resort to the application of a questionnaire survey - quantitative analysis.

The global analysis of the results reveals that students consider that visits to the Museum and the Monument contribute towards a greater development of the projects of the Visual Education discipline.

This assignment allowed the exploration and the stimulation of the relationship between school and the Museum/Monument, developing a relationship of mutual support and cooperation between these spaces.

Índice

Introdução.....	21
1. Enquadramento teórico	27
1.1. Educação Artística.....	29
1.1.1. Educação Artística em Portugal.....	32
1.1.2. Educação Visual.....	34
1.1.3. Educação Visual e o design/ comunicação visual.....	36
1.2. Museu e Monumento	37
1.2.1. Museu e Monumento como espaço de educação e aprendizagem.....	39
1.2.2. Museu e Monumento nas visitas de estudo	43
1.2.3. Museu e Monumento num projeto de Educação Visual	45
2. Metodologia de investigação	49
2.1. Problemática e metodologia de investigação	51
2.2. Enquadramento do projeto	54
2.2.1. Caracterização socioeconómica do meio.....	54
2.2.2. Escolha e caracterização dos participantes	55
2.3. Método: Estudo de caso	65
2.4. Técnicas e instrumentos	66
2.4.1. Observação participante.....	67
2.4.2. Inquérito por questionário	68
2.4.3. Inquérito por Entrevista.....	69
2.5. Validação de instrumentos de investigação	72
3. <i>Farol da Barra</i> – a construção do projeto.....	73
3.1. Definição do tema.....	75
3.2. Objetivos do projeto.....	75
3.3. Parceria com o MMI.....	76
3.4. Preparação, implementação e recursos do projeto	76
3.5. Desenvolvimento do projeto – análise e discussão dos dados.....	78
3.5.1. Desenho de observação através de projeção em sala de aula	80
3.5.2. Aula de exterior com visita ao MMI	82
3.5.3. Criação de logótipo.....	87
3.5.4. Aula de exterior no Farol da Barra	91
3.5.5. Materialização tridimensional de Farol da Barra	94
3.5.6. Concretização de cartaz	101
3.5.7. Exposição “Na Rota do Bacalhau” e na Semana Aberta.....	104

3.5.8.	Apresentação do projeto no MMI	105
3.5.9.	Exposição no Festival do Bacalhau	106
3.5.10.	Opiniões dos alunos	106
3.5.11.	Opiniões dos entrevistados.....	109
3.5.12.	Triangulação de dados	112
3.6.	Limitações e constrangimentos.....	113
Conclusão.....		115
Bibliografia		119
Webgrafia		123
Anexos		127

Lista de siglas e abreviaturas

APECV – Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual

CAP – Comissão Administrativa Provisória

CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico

DT – Diretor de Turma

EE – Encarregado(s) de Educação

E.V. – Educação Visual

ICOM – International Council of Museums

ICOMOS – International Council of Monuments and Sites

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

MMI – Museu Marítimo de Ílhavo

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PAA – Plano Anual de Atividades

PEE – Projeto Educativo da Escola

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

PTT – Plano de Trabalho de Turma

Índice de figuras

Figura 1 – Desenho de observação através de projeção em sala de aula	80
Figura 2 – Desenho de observação I	81
Figura 3 – Desenho de observação II	81
Figura 4 – Desenho de observação III	81
Figura 5 – Desenho de observação IV.....	81
Figura 6 – Visita de estudo ao MMI I.....	83
Figura 7 – Visita de estudo ao MMI II.....	83
Figura 8 – Visita de estudo ao Aquário	84
Figura 9 – Aula de pesquisa na biblioteca do MMI I.....	84
Figura 10 – Aula de pesquisa na biblioteca do MMI II.....	85
Figura 11 – Ficha de apoio a visita ao MMI de aluno da turma Azul	85
Figura 12 – Aula de pesquisa na biblioteca do MMI III	86
Figura 13 – Criação de logótipo I	87
Figura 14 – Criação de logótipo II	88
Figura 15 – Criação de logótipo III	88
Figura 16 – Criação de logótipo IV.....	88
Figura 17 – Criação de logótipo V.....	88
Figura 18 – Criação de logótipo VI.....	89
Figura 19 – Criação de logótipo VII.....	89
Figura 20 – Criação de logótipo VIII.....	89
Figura 21 – Exemplo logótipo I	89
Figura 22 – Exemplo logótipo II	90
Figura 23 – Aula de exterior ao Farol I.....	91
Figura 24 – Aula de exterior ao Farol II.....	92
Figura 25 – Aula de exterior ao Farol III.....	92
Figura 26 – Aula de exterior ao Farol IV.....	92
Figura 27 – Aula de exterior ao Farol V	93
Figura 28 – Desenho de observação à vista I	93
Figura 29 – Aula de exterior ao Farol VI.....	93
Figura 30 – Desenho de observação à vista II	93
Figura 31 – Estudo para listas do Farol I.....	95
Figura 32 – Estudo para listas do Farol II.....	95
Figura 33 – Estudo para listas do Farol III.....	96
Figura 34 – Estudo para listas do Farol IV	96

Figura 35 – Estudo para listas do Farol V	96
Figura 36 – Estudo para listas do Farol VI	96
Figura 37 – Preparação maquete I.....	96
Figura 38 – Preparação maquete II.....	97
Figura 39 – Preparação maquete III.....	97
Figura 40 – Preparação maquete IV	97
Figura 41 – Preparação maquete V	97
Figura 42 – Preparação maquete VI	97
Figura 43 – Preparação maquete VII	98
Figura 44 – Preparação maquete VIII	98
Figura 45 – Preparação maquete IX	98
Figura 46 – Preparação maquete X	98
Figura 47 – Preparação maquete XI	98
Figura 48 – Preparação maquete XII	99
Figura 49 – Preparação maquete XIII	99
Figura 50 – Preparação maquete XIV	99
Figura 51 – Preparação maquete XV	100
Figura 52 – Concretização de cartaz I	101
Figura 53 – Concretização de cartaz II	101
Figura 54 – Concretização de cartaz III.....	102
Figura 55 – Concretização de cartaz IV	102
Figura 56 – Exemplo cartaz I	102
Figura 57 – Exemplo cartaz II	102
Figura 58 – Exemplo cartaz III	102
Figura 59 – Concretização de cartaz V	103
Figura 60 – Concretização de cartaz VI	103
Figura 61 – Exemplo cartaz IV	103
Figura 62 – Exposição “Na Rota do Bacalhau”	104
Figura 63 – Exposição Semana Aberta.....	104
Figura 64 – Apresentação MMI.....	105
Figura 65 – Exposição no Festival do Bacalhau.....	106

Índice de tabela

Tabela 1 – A profissão que desejo exercer no futuro	56
Tabela 2 – Grau académico do pai	57
Tabela 3 – Grau académico da mãe	57
Tabela 4 – Profissão do pai	58
Tabela 5 – Profissão da mãe	59
Tabela 6 – Relação dos alunos com a escola	60
Tabela 7 – Relação dos alunos com o estudo	61
Tabela 8 – Hábitos de estudo	61
Tabela 9 – Relação dos alunos com a educação artística através da escola	61
Tabela 10 – Relação dos alunos com a educação artística fora da escola	62
Tabela 11 – Relação dos alunos com a disciplina de E.V.	62
Tabela 12 – Visitas a museus e monumentos	63
Tabela 13 – Relação dos alunos com os museus e monumentos	63
Tabela 14 – Visita ao MMI	106
Tabela 15 – Justificação da não participação	106
Tabela 16 – Relação dos alunos com a visita ao MMI	107
Tabela 17 – Visita ao Farol	107
Tabela 18 – Justificação da não participação	107
Tabela 19 – Relação dos alunos com a visita ao Farol da Barra	108
Tabela 20 – Opinião sobre projeto <i>Farol da Barra</i>	108
Tabela 21 – Projeto <i>Farol da Barra</i> e conhecimentos adquiridos	109



30 min

Introdução

Introdução

(...) as artes desempenham um importante papel contributivo na comunicação inter-cultural; devem ter uma base cultural com incidência no património local, como fonte de promoção da relevância e sustentabilidade sociais. A educação artística deve estar acessível dentro e fora da escola e ser obrigatória em todas as escolas.

(Mbuyamba, 2006, p.12)

As artes são sem dúvida alguma indispensáveis ao desenvolvimento do ser humano, devendo ser sempre promovidas ao longo da vida pois fomentam o sentido crítico e criativo dos indivíduos. O tipo de experiência que as artes são capazes de proporcionar é único, não podendo ser substituído por nenhuma outra área do conhecimento.

A construção da nossa identidade deve-se muito à capacidade que temos de reconhecer e compreender a arte produzida pelo grupo cultural a que pertencemos. O contacto com a arte de outras culturas permite-nos entender e valorizar o que temos de singular e também amplia a nossa visão do mundo.

Logo, as artes constituem um meio de expressão e de descoberta, assim como, uma forma de comunicação entre pessoas e diferentes povos, abrindo vias privilegiadas para o desenvolvimento de conhecimentos. Neste sentido a educação artística pode facilitar o desenvolvimento da linguagem, aumentar a capacidade criativa, auxiliar o processo de socialização e apoiar o desempenho intelectual em geral. Por outro lado, permite que se atinjam competências muito importantes para as sociedades atuais, nomeadamente a capacidade de trabalhar em equipa e de se relacionar com outras culturas.

Read (2010) profere que o objetivo da educação deveria ter como princípio a preparação de indivíduos singulares, artistas, pois entende como artista todo o indivíduo preparado para desenvolver ideias, sensações, habilidades, independentemente da sua área de trabalho. Neste sentido este autor também alude para a importância de se estimular aquilo que é particular em cada ser humano, sendo que “ o objectivo da educação deveria ser o de encorajar o desenvolvimento individual” (p.20).

Também os avanços tecnológicos vividos nas últimas décadas levam a Koichiro Matsuura, citado por Mbuyamba (2006), a afirmar que “a criatividade, a imaginação e a capacidade de adaptação, competências que se desenvolvem através da Educação Artística, são tão importantes como as competências tecnológicas e científicas

necessárias para a resolução de problemas” (p.3). Desta forma, a educação, especialmente a educação artística tem um papel fundamental na resposta a estas transformações e avanços tecnológicos, proporcionando e promovendo a autonomia, a criatividade e o espírito crítico. Face a todos estes novos desafios, há que equacionar, incessantemente, uma infância ainda mais enriquecida e com acesso a todas as áreas e matérias artísticas que possam impulsionar o conhecimento e o progresso humano.

A 14 de outubro de 1986 foi publicado em Diário da República a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei nº 46/86, onde está patente a importância da educação artística no Ensino Básico em Portugal: “Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios” (p.3069). No entanto, a 2 de novembro de 1990 o Decreto-Lei nº 344/90 faz uma dura crítica à forma como a educação Artística se processa em Portugal reafirmando que:

O Governo tem consciência de que a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino profissional que venha a ter. A formação estética e a educação da sensibilidade assumem-se, por isso, como elevada prioridade da reforma educativa em curso e do vasto movimento de restituição à escola portuguesa de um rosto humano. (p.4522)

Neste contexto as disciplinas artísticas têm um papel fundamental pois “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno.” (Ministério da Educação, 2001, p.149). Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB) a disciplina de Educação Visual (E.V.) é uma disciplina essencial à educação global de qualquer indivíduo e “constitui-se como uma área de saber que se situa no *interface* da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual” (Ministério da Educação, 2001, p.155).

O CNEB relata uma série de competências artísticas, entre outras:

Práticas de investigação

Promover projectos de pesquisa em artes. Explorar um determinado tema/situação/problema com significado para o aluno, baseando a recolha e

tratamento da informação num processo que vise a protecção do património artístico, num quadro de rigor ético.

(...)

Conhecimento do património artístico nacional

Promover a valorização do património artístico e cultural nacional, regional e local de uma forma ativa e interventiva. Contemplar trabalhos de investigação que pressuponham recolha, registo, exploração e avaliação de dados e, sempre que possível, visitas de estudo.

(Ministério da Educação, 2001, pp.150, 151)

Assim, a E.V. contribui, por exemplo, para a educação do olhar e do ver, para a sensibilização do património cultural local, para o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e para o desenvolvimento da criatividade.

Neste sentido, a aprendizagem não pode ser confinada ao espaço escolar, pois este não vive isolado da comunidade que o rodeia nem se pode afastar da influência que esta exerce sobre ele. Segundo Unesco (2006) não é suficiente ter boas escolas precisa-se antes criar parcerias com indivíduos e organizações da comunidade, “actividades como visitar museus de arte e galerias (...) são preciosas oportunidades educativas para professores e alunos, em todos os contextos de aprendizagem” (p.13). Ainda segundo esta organização as “visitas fornecem aos alunos informação abundante e propiciam-lhes encontros artísticos e oportunidades de ver e participar activamente em processos artísticos tendo simultaneamente um vasto potencial para a implementação de práticas pedagógicas integradas” (Unesco, 2006, p.15).

Deste modo, este estudo pretende apurar a importância do desenvolvimento de projeto em E.V., com base na unidade de trabalho Design/Comunicação Visual, em parceria com um Museu local, promovendo e valorizando a cultura e tradição da região. Desta forma, com o objetivo de aproximar estes dois mundos (Escola e Museu/Monumento), desenvolveu-se um trabalho conjunto com duas turmas do 8º ano, de uma Escola do Concelho de Ílhavo e o Museu Marítimo de Ílhavo (MMI), recorrendo-se ao Estudo de Caso.

Tendo subjacente este objetivo geral, desenvolveu-se um conjunto de questões para as quais se gostaria de obter respostas no final desta pesquisa:

De que forma os alunos têm acesso à Educação Artística?

Qual a opinião dos alunos sobre a disciplina de E.V.?

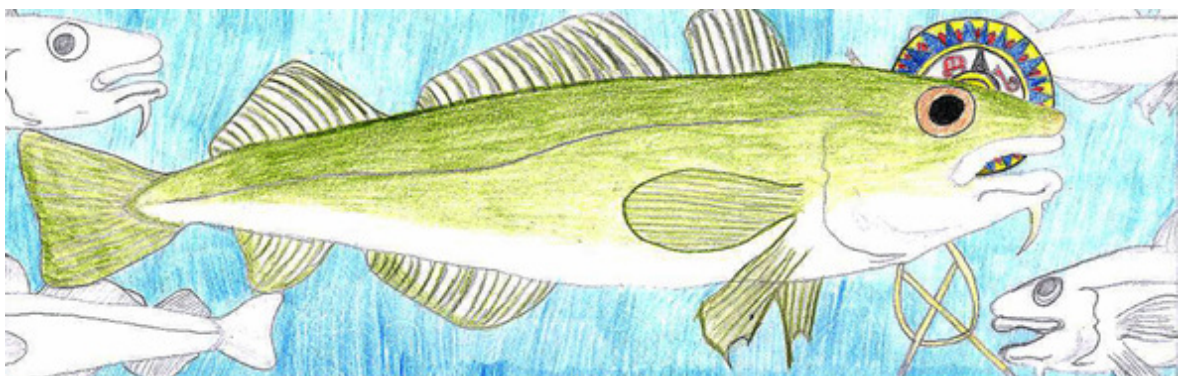
Com que frequência é que os alunos visitam Museus e Monumentos? E com quem fazem essas visitas?

Qual a opinião dos alunos sobre os Museus e Monumentos?

Qual o contributo das visitas feitas ao MMI e ao Farol da Barra no desenvolvimento do projeto?

Qual a opinião dos alunos sobre o projeto desenvolvido? Qual o seu contributo na construção de conhecimentos necessários sobre os conteúdos associados ao projeto?

Assim, neste relatório pretende-se dar conta da sequência do trabalho realizado, apresentando-o em três momentos. No primeiro capítulo, situa-se o ponto de partida deste percurso, contextualizando e analisando a disciplina de E.V. e os Museus e Monumentos como espaços de educação para, de seguida, interligar ambas as temáticas. No segundo capítulo, fundamentar-se-á as escolhas relativamente à metodologia de investigação escolhida e aos procedimentos técnicos colocados em prática. No terceiro capítulo, será descrito o trabalho desenvolvido ao longo de todo o processo, apresentando-se e analisando-se os dados obtidos, de modo a responder a todas as questões previamente colocadas. Ainda serão expostas algumas limitações e constrangimentos encontrados ao longo do estudo. Para finalizar, expõem-se as considerações finais.



1. Enquadramento teórico

1.1. Educação Artística

Nos dias de hoje reconhece-se a importância da educação artística no desenvolvimento do indivíduo, assim como, na própria sociedade. Num mundo confrontado com novos desafios e problemáticas, fruto dos avanços tecnológicos, a educação artística tem um papel fundamental para a resolução desses problemas, através do desenvolvimento de competências como a criatividade, a imaginação e a capacidade de adaptação (Mbuyamba, 2006). Deste modo, a escola para além de ensinar conteúdos científicos, deverá desenvolver nos seus alunos capacidades como o pensar e o repensar, o questionamento, a análise crítica e a criativa, entre outros.

Mbuyamba (2006) defende que a educação artística “proporciona às jovens gerações de estudantes a oportunidade de um desenvolvimento mais completo e equilibrado. O desenvolvimento de capacidades criativas para o século XXI é uma prioridade.” (p.3). Como tal, para além da família ou amigos, cabe ao professor contribuir para o desenvolvimento destas capacidades. Pois, tal com Stake (2012) afirma:

Ensinar não é apenas prelecionar, não é apenas fornecer informação; mais do que isso, é forjar oportunidades para os alunos seguirem a natural inclinação humana para conhecer mais. Fornecer informação, facultar acesso à informação de forma regular, é uma parte principal do ensino, mas duas considerações prévias são a selecção de informação e/ ou experiências necessárias e o reconhecimento das condições que irão facilitar a aprendizagem para os alunos, individual e colectivamente. (p.108)

Já Dewey, na sua obra *Democracy and Education*, citado por Arends (1999), menciona que a sala deveria ser um laboratório para a aprendizagem da vida real e os professores deveriam envolver os alunos na pesquisa de problemas sociais.

Read (2010), pioneiro da educação pela Arte, expõe que só através da integração das artes na escola o indivíduo desenvolve capacidades motoras, de raciocínio, de afirmação, de cooperação, bem como o espírito crítico, proporcionando uma formação global e contribuindo para a integração do indivíduo na sociedade.

Segundo Eisner (2008) a escola e os seus alunos só têm a ganhar se a imaginação e a arte fizerem parte do ensino, pois estes conceitos não são meros ornamentos e juntos podem “libertar-nos dos nossos hábitos enrijecidos” (p.16). Por isso, Eisner (2002)

também acredita que aprimorar os sentidos e ampliar a imaginação é o trabalho que a arte faz para potencializar e intensificar a cognição.

Neste sentido, em 2004/5 a Unesco em colaboração com o Conselho para as Artes da Austrália (O Conselho) e a Federação Internacional dos Conselhos de Artes e Organismos para a Cultura (IFACCA) encomendou uma investigação para se estabelecer o impacto dos programas ricos em arte na educação das crianças e dos jovens em todo o mundo. Este estudo concluiu que a arte tem um contributo precioso na educação global das crianças, com real destaque no que se refere ao seu desempenho académico, bem-estar, atitudes em relação à escola e percepções da aprendizagem (Bambford, 2007).

Assim, é importante recorrer à arte para ensinar as crianças e os jovens, dado que a educação artística permite estimular a inteligência, a sensibilidade e a afetividade. Neste sentido, o professor não deve condicionar o aluno, deve antes motivá-lo para a expressão livre dos sentimentos, de modo a conduzir o aluno à autonomia, espírito crítico e criatividade em qualquer área. Segundo Sousa (2003a) a “educação que se afasta do modelo que apenas se limita ao ensino-aprendizagem e que se equaciona em termos da personalidade, já apresenta como objectivos a satisfação das necessidades (biológicas, afectivas, cognitivas, sociais e motoras) desenvolvimentais da criança” (p.11).

Porém, ainda segundo o estudo promovido pela Unesco, em 2004/5, conclui-se que “permanece o fosso entre a importância concedida à educação artística “no papel” e na prática.” (Santos, 2006, outubro/ dezembro, p.5). Logo, verifica-se uma desvalorização da educação artística, predominando a ideia de que a arte é uma disciplina menor. Segundo Raposo (2005):

Os significados da arte na educação são tão pouco valorizados, que ou são estranhos, em grande parte das escolas (à excepção das artes visuais), ou passam despercebidos. As artes e as actividades ligadas às artes são vistas como coisas que pertencem ao mundo de especialistas, de peritos, ou então de marginais, razão pela qual grande parte dos professores e das escolas continua a considera que não fazem parte do seu mundo e das suas funções. (p.33)

Esta autora também acrescenta que, apesar de atribuírem múltiplas potencialidades à educação artística, “não se lhe reconhece ainda o estatuto reservado às disciplinas ditas intelectuais, do ponto de vista da sua inscrição na educação formal” (p.44).

Teresa Torres Eça, atual presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV), citada por Santos (2007), considera que a educação artística pode melhorar a qualidade da educação, todavia “reconhece que a educação artística ainda não é acessível a todos e admite que a sua aplicação nas escolas portuguesas ainda é feita “com muitos problemas”” (para.1). A presidente da APECV também acredita que “a sociedade em geral não entende o papel da educação artística no processo de crescimento dos jovens e na educação ao longo da vida e que os principais problemas “residem nas mentalidades e na formação de recursos educativos”” (citado por Santos, 2007, para.15).

Tal situação, reflete-se no modo como os currículos das disciplinas artísticas são estruturados nas escolas. De acordo com Bamford (2007), por melhores que sejam os resultados desenvolvidos pelo “pessoal criativo altamente motivado”, de modo a compensarem os programas de fracos recursos, tal não deve servir de justificação para o desenvolvimento inadequado dos recursos humanos e físicos. Deste modo, “A falta de fundos, recursos inadequados, tempo insuficiente dedicado à matéria e estruturas rígidas são todos factores passíveis de limitarem o sucesso de um programa aprofundado de educação artística” (Bamford, 2007, p.4).

Como tal, apesar do estudo de 2004/5 da Unesco comprovar que as artes contribuem para o sucesso da aprendizagem e enriquecem o aluno individualmente e enquanto cidadão, “o ensino recebido actualmente por muitas crianças em todo o mundo é de muito fraca qualidade” (Bamford, 2007, p.5). Logo, neste contexto, cabe essencialmente aos professores da área rejeitarem o papel de simples relatores de modelos rígidos e obsoletos de aprendizagem, assim como, “reivindicar e justificar a sua existência junto dos órgãos de gestão das escolas e dos Encarregados de Educação” (APECV, s.d., p.5).

Por conseguinte, a arte e a educação devem ser compreendidos como elementos que se complementam, pois a aprendizagem pelas artes permite ao aluno desenvolver “competências criativas verbais e não-verbais, capacidades de pensar criticamente e com imaginação, compreensão intercultural e empatia para com a diversidade cultural” (Teresa Torres Eça citada por Santos, 2007, para.10).

1.1.1. Educação Artística em Portugal

Segundo Eça (2000) o ensino das artes visuais nas escolas básicas e secundárias portuguesas tem uma longa história influenciada por factos políticos, sociais e culturais da sociedade.

O ensino das artes visuais, em Portugal, começa pela aprendizagem do Desenho, sob a influência de alguns pedagogos portugueses, tais como, Luís António Verney, 1746, António Ribeiro Sanches, 1760, e Machado de Castro, 1787 [...] (Eça, 2000; Santos, 2003a). Segundo Eça (2000) o Desenho era entendido como uma disciplina racional, um processo estruturante do pensamento, assim como, um exercício de destreza manual. Assim, durante muito tempo a racionalidade predominou no ensino das artes, em Portugal, assentando no desenho geométrico, apesar da existência de outra corrente pedagógica de inspiração mais naturalista (Eça, 2000).

Em 1835, Henrique Nogueira nos seus «Estudos sobre a reforma em Portugal» propõe a introdução da música vocal e instrumental nas escolas portuguesas. Logo, durante muitos anos e quase até aos anos 70 do século passado, o Desenho e o canto coral eram as únicas disciplinas artísticas lecionadas nas escolas portuguesas (Santos, 2003a).

As primeiras ideias sobre a educação pela arte só apareceram em Portugal por volta de 1950, através de pedagogos como João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, entre outros, que fundaram a Associação Portuguesa de Educação pela Arte, em 1957. Este modelo pedagógico recomenda uma educação efetuada através das artes. Nos anos 70 surge a designação de «Educação Visual» para substituir o «Desenho» e aparece-se a Escola Superior de Educação pela Arte, cujo principal objetivo foi o ensino das artes e a formação de professores e educadores. No entanto, só em 1978, após a Revolução de 25 de abril de 1974, através do Plano Nacional de Educação pela Arte, é que se definiu oficialmente a «Educação pela Arte» e a «Educação para a Arte». Porém, este Plano acabou por cair no esquecimento e a Escola Superior de Educação pela Arte foi extinta pelo Decreto-Lei 310/83 [...] (Eça, 2000; Santos, 2003a).

A importância das artes na educação só foi definitivamente aceite com a criação da LBSE (Lei nº 46/86), na qual são referidos como objetivos o desenvolvimento das capacidades de expressão, a imaginação criativa, a atividade lúdica, assim como, a promoção da Educação Artística e das diversas formas de Expressão Estética. Esta lei seria regulamentada, quatro anos depois, através do Decreto-Lei nº 344/90, designado

também de «Decreto-Lei da Educação Artística», voltando a referir os mesmos objetivos da LBSE. Este Decreto-Lei veio também fazer uma crítica ao ensino pela arte em Portugal:

A educação artística tem-se processado em Portugal, desde há várias décadas, de forma reconhecidamente insuficiente, incompatível com a situação vigente na maioria dos países europeus. A extrema complexidade intrínseca desta área da educação e a sua sempre problemática inserção e articulação no sistema geral de ensino, a par da natureza muito especializada deste domínio, que, além disso, exige sempre meios apropriados, particularmente ao nível das infra-estruturas e dos equipamentos, são alguns dos factores que explicam este estado de coisas. (p.4522)

Com isto, os responsáveis pela educação em Portugal passaram a compreender as perspetivas de uma educação pela arte e o próprio Ensino Artístico. No entanto, “a forma como está curricularmente a ser posto em prática esta ideia, poderá eventualmente ser posta em causa, há ainda muito que deixa a desejar, mas os princípios gerais, esses, estão definitivamente lançados” (Sousa 2003a, p.33).

Para Teresa Torres Eça, atual presidente da APECV, citada por Santos (2007), a educação artística, nas escolas portuguesas, faz-se com muitos problemas e algumas áreas artísticas nem sequer existem nas escolas. Logo, segundo a presidente da APECV, também citada por Santos (2007), apenas “os mais privilegiados, que podem pagar ensino artístico particular ou que vivem em grandes centros com uma boa oferta de serviços educativos por parte da comunidade, ou por parte de instituições culturais, têm acesso a certas formas de arte e educação artística” (para.4).

Para a melhoria da educação artística em Portugal, Teresa Torres Eça, citada por Santos (2007), aponta que as autoridades nacionais e locais devem em primeiro lugar “rever os conceitos de educação artística para todos e não confundir formação de artistas com educação artística, depois rever os sistemas de formação inicial de agentes educativos e criar um sistema eficaz de formação contínua de educadores” (para.19).

1.1.2. Educação Visual

A terminologia «Educação Visual» aparece por substituição ao «Desenho» racional, que predominou quase até aos anos 70 do século passado. Segundo Eça (2000), por essa altura, começam-se a infiltrar, timidamente, nos professores das disciplinas artísticas as noções de arte como terapia, arte como desenvolvimento cognitivo e arte como conhecimento. Ainda de acordo com a autora a E.V. passa a basear-se em conceitos de expressão pessoal e da criança/artista e as metodologias foram influenciadas pelo modelo do artista modernista, isto é, pela valorização da perceção visual e dos elementos estruturais da linguagem plástica, evitando a análise crítica da obra de arte e passando, apenas, por uma conceção tecnicista da produção artística.

Mais tarde, por volta do final dos anos 70, o ensino artístico em Portugal e toda a educação visual passa a ser influenciada pelo mundo do design industrial italiano, com as obras de Bruno Munari. O chamado método de resolução de problemas passa a ser tido como muito importante pelos professores de E.V. Logo, a educação artística passava “pela aprendizagem dos elementos formais da linguagem visual (gramática visual), pela compreensão formal de obras de arte e de design (história da arte e do design) e pela aprendizagem de métodos de trabalho artísticos (conhecimento e utilização de meios, instrumentos e suportes)” (Eça, 2008, maio, p.30). Esse tipo de educação artística visual continua a ser praticado nas escolas portuguesas, estando patente nos programas das disciplinas de artes visuais (Eça, 2008, maio).

Assim, a E.V. “constitui-se como uma área de saber que se situa no *interface* da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual” (Ministério da Educação, 2001, p.155). Deste modo, a E.V. é uma área que tem um lugar de destaque na educação artística, pressupondo a aprendizagem de um conjunto de competências, assentes no CNEB. Ao longo do ensino básico, especialmente no 3º ciclo, as competências específicas que o aluno deve adquirir em artes visuais são: fruição-contemplação, produção-criação, reflexão-interpretação. Logo, o desenvolvimento destas competências no aluno são de extrema importância, pois:

Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e de agir plasticamente são modos de

estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade da Educação Visual como educação do olhar e do ver. (Ministério da Educação, 2001, pp.155)

As atividades desenvolvidas em E.V. devem encaminhar a um conhecimento e exploração dos materiais, quer dos tradicionais, quer do recurso às novas tecnologias da informação e comunicação. Deste modo, os diferentes conteúdos a desenvolver na E.V. devem contemplar uma série de experiências de aprendizagem que passam por diferentes meios de expressão plástica: desenho, exploração plástica bi e tridimensional e tecnologias da imagem.

A E.V., nos dias de hoje, tenta desenvolver nos alunos competências que contribuem para o apuramento da sensibilidade, para o desenvolvimento estético-visual dos indivíduos, assim como, para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e comunicativo. A E.V. “pressupõe uma dinâmica propiciadora da capacidade de descoberta, da dimensão crítica e participativa e da procura da *linguagem apropriada* à interpretação estética e artística do Mundo” (Ministério da Educação, 2001, p.156). Como tal, é necessário proporcionar o acesso ao património cultural e artístico, de modo a abrir perspetivas para a intervenção crítica.

Neste sentido, os professores “podem implementar dinâmicas pedagógicas de acordo com a realidade da comunidade que se inserem, com o projeto educativo da escola e com as características dos alunos” (Ministério da Educação, 2001, p.161).

Segundo Mbuyamba (2008) “é necessário identificar boas práticas. A prática da educação artística deverá incidir menos na produção de arte e ser antes um processo criativo, de maior envolvimento social” (p.14).

Já para André (2010) o professor de artes, dos dias de hoje, deve encontrar novas formas de aprender e de dar a conhecer o processo criativo sem nunca esquecer que a educação artística hoje é uma educação para a vida.

Desta forma, cabe aos professores criarem um ambiente de sala de aula propício ao desenvolvimento de indivíduos dinâmicos, ativos, criativos, críticos e inovadores, fornecendo os meios para os alunos poderem explorar e desenvolver as suas aptidões.

1.1.3. Educação Visual e o design/ comunicação visual

As metas de Educação Visual sustentam um ensino em que a ampliação do conhecimento é um dos fatores diferenciadores. Proporcionam o enriquecimento de conteúdos, que no contexto cultural dizem respeito a crenças, costumes e hábitos adquiridos pelo Homem como membro da sociedade, no contexto científico referem-se a informação baseada em princípios certos e comprovados, no contexto experimental dizem respeito ao conhecimentos adquirido através da prática, ensaios e tentativas, e no contexto da logística referem-se à organização e gestão de meios e materiais necessários a uma atividade ou ação.

(Rodrigues, Cunha & Félix, 2012, p.3)

Este estudo desenvolveu-se no âmbito da disciplina de E.V., incidindo na unidade relativa ao design e à comunicação visual. Como tal, é necessário compreender a prática da disciplina no que diz respeito à unidade em questão.

O Ministério da Educação a 18 de Abril de 2012, iniciou a revisão do Currículo Nacional, através do Despacho nº 5306/20012, que conduziu à homologação das Metas Curriculares, como orientadoras do ensino básico (Despacho nº 10874/2012, de 10 de agosto). Assim, as metas “identificam a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos em cada disciplina, por ano de escolaridade ou, quando isso se justifique por ciclo, realçando o que dos programas deve ser objeto primordial de ensino” (Despacho nº 15971/2012, p.39853).

Neste sentido, foram criadas metas curriculares aplicáveis ao currículo do ensino básico, estruturadas em quatro domínios: Técnica, Representação, Discurso e Projeto. Relativamente à E.V., mais especificamente no 8º ano de escolaridade, ano em que incide este estudo, o design e a comunicação visual aparecem no domínio Discurso através dos seguintes objetivos gerais: reconhecer signos visuais, o poder das imagens e a imagem publicitária; aplicar e explorar elementos de comunicação visual; e dominar processos de referência e inferência no âmbito da comunicação visual (Rodrigues, et al., 2012).

Como tal, na prática de E.V. é importante perceber que o “designer é um projectista dotado de sentido estético, que trabalha para a comunidade. O seu trabalho não é pessoal, mas de grupo: o designer organiza um grupo de trabalho segundo o problema que deve resolver” (Munari, 1990, p.30). É também importante identificar signos da

comunicação visual, pois o “signo é usado para transmitir uma informação, para indicar a alguém alguma coisa que um outro conhece e quer que outros também conheçam. Ele insere-se, pois num processo de comunicação (...)” (Eco, 1981, p.21). E comunicar “é uma capacidade inerente a todas as espécies de seres vivos, desde a célula mais elementar ao cérebro mais complexo, e enriquece-se especialmente na relação interindivíduos.” (Sousa, 1995, p.194).

Neste sentido, o processo envolvido na criação plástica, ou mesmo em geral, tem algo de comum com o que é determinado pelo design – uma metodologia que, em traços largos, se resume ao modo de solucionar problemas da realidade ou da comunicação, passando por fases como as de reconhecimento, identificação, enunciado/s, investigação, hipótese/s, teste/s e resolução. (Sousa, 1995, p.194)

Assim, relacionar E.V. com o design e a comunicação visual envolve processo e técnicas projetuais que podem “manifestar-se em produtos, obras civis, sinais, avisos publicitários, sistemas, organizações” (Bonsiepe citado por Sousa, 1995, p.220).

1.2. Museu e Monumento

A definição de Museu foi evoluindo, ao longo dos tempos, com a evolução da sociedade.

O International Council of Museums (ICOM) define o Museu como “a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.”

Correia (2013) afirma que o Museu é um espaço onde se encontram um conjunto de objetos alheios à atividade económica, mas sujeitos a uma proteção particular. Ainda segundo o autor, o Museu tem como função a perpetuação do ser humano, que pretende ver preservadas as suas raízes, e lutar contra a efemeridade das obras de arte, que passa a figurar neste espaço como curiosidade. Neste sentido, Correia acrescenta que o Museu conta uma história.

Segundo a Lei nº 47/2004 de 19 de agosto, Lei Quadro dos Museus Portugueses, no artigo 3º:

Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

- a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;
- b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade. (p.5379)

Assim, o Museu, dos dias de hoje, já não se cinge à detenção e conservação de obras de arte. Pelo contrário, as transformações e exigências da sociedade, que se deram ao longo do século XX, conduziram a mudanças profundas na forma com o Museu se relaciona com a sociedade, especialmente com as escolas. Esta ideia é reforçada por Fleming (2004), Presidente Fundador da Federação dos Museus Internacionais de Direitos Humanos e ex-presidente da Associação de Museus do Reino Unido, que afirma que os museus têm um papel importante na sociedade com agentes de mudança social. Este autor também propõe uma nova abordagem à função do Museu, salientando, entre outros pontos, que os museus devem procurar corresponder às necessidades públicas e não perseguir os seus próprios interesses; têm de ser lugares poderosos para o diálogo, discussão e partilha; necessitam ser espaços de inclusão onde todos os indivíduos se conseguem identificar; devem desenvolver parcerias; têm de centrar as suas atenções nas pessoas e não nos objetos, pois os objetos são apenas os meios para se chegar às pessoas; e acima de tudo devem ser poderosos agentes de aprendizagem.

Deste modo, o Museu pode e deve ser um local de refúgio, libertação, de diálogo e, essencialmente, de aprendizagem, onde as culturas local e a global se cruzam.

O Monumento, tal como o Museu, também deve ser visto como um local de aprendizagem e de transmissão de cultura. Segundo a carta de Veneza, de 1964, adotada pelo International Council of Monuments and Sites (ICOMOS) em 1965:

O conceito de monumento histórico abrange não só os trabalhos de simples arquitectura, mas também o enquadramento urbano ou rural onde se encontram as evidências de uma civilização em particular, um desenvolvimento significativo ou um acontecimento histórico. Isto aplica-se não só às grandes obra de arte, mas também a obras mais modestas do passado que adquiriram significado cultural com a passagem do tempo. (Araújo, 2007, p.2)

Como tal, os Monumentos apresentam o legado de uma época, de uma civilização, de uma cultura, transformando-se numa herança patrimonial de “relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.” (Lei nº 107/2001, p.5808). Podem, então, ser obras de arquitetura ou obras mais modesta, notáveis pela sua importância histórica, arqueológica, artística, científica, técnica ou social.

De acordo com a Lei nº 107/2001 que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, cabe ao Estado “assegurar a transmissão de uma herança nacional cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional singular” (p.5808). Também segundo esta lei “todos têm direito à fruição dos valores e bens que integram o património cultural, como modo de desenvolvimento da personalidade através da realização cultural” (p.5809).

Neste sentido, os Monumentos são locais privilegiados de preservação, estudo, divulgação e fruição cultural, assim como, espaços de aprendizagem não formal.

1.2.1. Museu e Monumento como espaço de educação e aprendizagem

O Museu e o Monumento devem apresentar-se como espaços privilegiados de ensino, transmitindo experiências e construindo conhecimentos. Por isso, a escola deve passar a olhar para o Museu e para o Monumento como um complemento da aprendizagem, pois estes ajudam os alunos a melhor compreenderem uma determinada época, civilização, ou até mesmo a história da sua região, contribuindo, assim, para a construção da sua identidade.

De acordo com a Lei nº 47/2004 de 19 de agosto, Lei Quadro dos Museus Portugueses, no artigo 42º, da seção VIII, referente à Educação:

1 — O museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais.

2 — O museu promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos. (p.5384)

Logo, a principal função do Museu é a função educativa. Como tal, a colaboração com o sistema educativo é crucial e está patente na lei acima referida, no artigo 43º:

1 — O museu estabelece formas regulares de colaboração e de articulação institucional com o sistema de ensino no quadro das acções de cooperação geral estabelecidas pelos Ministérios da Educação, da Ciência e do Ensino Superior e da Cultura, podendo promover também autonomamente a participação e frequência dos jovens nas suas actividades.

2 — A frequência do público escolar deve ser objecto de cooperação com as escolas em que se definam actividades educativas específicas e se estabeleçam os instrumentos de avaliação da receptividade dos alunos (p.5384).

Os museus, hoje em dia, possuem Serviços Educativos que funcionam como um instrumento facilitador de abordagem a todos os ciclos de ensino, através dos programas educativos. Este tipo de serviços foi criado para melhor responder à principal função do Museu: função educativa. Como tal, o maior desafio dos museus passou a ser o modo como chegam aos diferentes públicos educativos. Assim, a oferta educativa dos museus é cada vez mais variada, podendo passar por exposições; visitas guiadas; folhetos educativos; oficinas/laboratórios/*workshops*; ações recreativas e lúdicas, como por exemplo visita jogo, visita descoberta e visita complementada por outra atividade (teatro, *atelier* de artes plásticas ou experiências científicas); conferências com artistas, escritores, historiadores; encontros grupais entre elementos da comunidade e da escola; cursos de formação para professores ou cursos temáticos para alunos; demonstração de tarefas do museu, como por exemplo de conservação preventiva e de segurança; entre outros (Guedes & Moreno, 2002).

Ana Mae Barbosa é uma das maiores investigadoras sobre o tema arte-educação, assim como, impulsionadora do ensino da arte no Brasil, tendo estimulado diversas propostas educativas. Esta autora, referindo-se ao projeto desenvolvido pelos “arte-educadores” de Museus em escolas da periferia, afirma que quando os alunos dessas escolas visitam o Museu têm a possibilidade de ver, analisar e fruir a obra de arte original, “Trabalham no atelier do Museu, que tem muito mais recursos que a escola” (Barbosa A. M., 1989, p.129).

Já Barbosa M. H. R. (2010) assegura que “o museu de arte é um espaço no qual os diferentes públicos, de uma forma geral, têm uma “experiência vivida” com a arte, ou

seja, com a obra de arte original” (p.147). Esta autora ainda acrescenta que este convívio direto com a arte permite aos estudantes terem experiências de leitura de imagens a partir de obras originais, ampliando o seu repertório de conhecimentos.

De acordo com o ponto de vista de Natália Pais, fundadora do Centro Artístico Infantil da Gulbenkian, Barros (2006) destaca que “sem pretenderem desempenhar um papel idêntico ao da escola, os museus devem abrir as suas portas ao público mais jovem, proporcionando-lhe experiências de fruição artística que passem pela experimentação do processo criativo” (p.34).

Natália Pais, citada por Barros (2006), salienta que no âmbito das artes não são suficientes as evidências de carácter teórico, pois segundo a fundadora do Centro Artístico Infantil da Gulbenkian, a criança deve descobrir, vivenciar e a experimentar a arte de uma forma direta.

No caso do Monumento, segundo o Decreto-Lei nº 96/2007, de 29 de Março, são objetivos do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) promover a sensibilização e a divulgação de boas práticas para a defesa, valorização do património cultural arquitetónico e arqueológico, nomeadamente através da coordenação de ações educativas e de formação no âmbito da Educação para o Património. Este instituto público prossegue as atribuições do Ministério da Cultura no âmbito do património cultural arquitetónico e arqueológico,

O IGESPAR, desde de 1980, tem como prioridade estratégica, na sua missão de serviço público, a Educação para o Património. Como tal, tem desenvolvido inúmeras iniciativas culturais e pedagógicas destinadas a todos os segmentos de público, com especial incidência no público infantil e juvenil, quer através da implementação de projetos a nível nacional, quer pela atividade dos Serviços Educativos nos seis monumentos afetos ao Instituto. Assim, a oferta dos Serviços educativos do IGESPAR é variada e prazerosa, tendo a procura dos mesmos crescido ao longo dos últimos anos (IGESPAR, 2013).

Também o ICOMOS para assinalar o Dia internacional dos Monumentos e Sítios, em 2013, escolheu como tema de celebração o Património da Educação. Como tal, este evento teve em atenção o vasto legado relacionado com a aprendizagem e o conhecimento, que encontra a sua materialização em inúmeros conjuntos e elementos de património arquitetónico, móvel e imaterial, de diferentes escalas e valor, e em diversos contextos, espalhados por todo o país, sendo o Farol da Barra - denominado como Farol

de Aveiro, apesar de pertencer ao concelho de Ílhavo - um dos possíveis monumentos a visitar. A ideia desta iniciativa assenta na promoção do acesso gratuito aos monumentos e sítios, de modo a incutir no público a “participação ativa na descoberta de uma herança cultural comum, com o objetivo de reforçar os sentimentos de identidade cultural, de memória coletiva e de afirmação de um património comum cuja riqueza reside na sua diversidade” (IGESPAR, 2013, para.6).

Como tal, a escola também deve estar atenta a estes espaços, de interesse patrimonial, pois o Monumento retrata a história de um país, de uma civilização, de uma determinada época.

Steven Campbell, Diretor de Parcerias Artísticas do Conselho das Arte de Ontário, citado por Mbuyamba (2008), na Conferência Mundial sobre a Educação Artística, proferiu a importância das parcerias na criação de uma cultura de partilha de recursos, reforçando o valor destas parcerias como modelos significativos para o desenvolvimento de capacidades entre todos os intervenientes.

Também Mbuyamba (2008) afirma que o intercâmbio e a colaboração entre escolas e instituições artísticas e culturais, como é o caso do Museu e do Monumento, são fundamentais para o desenvolvimento da educação artística.

De acordo com o “Roteiro para a Educação Artística” (Unesco, 2006) a educação artística organiza-se segundo três eixos pedagógicos complementares, sendo que um deles aponta para o contacto direto com trabalhos artísticos, como por exemplo exposições em museus. Como tal, esta organização também alude para importância da criação de parcerias com organizações da comunidade, através de visitas a museus e galerias, que considera excelentes oportunidades educativas.

Logo, as parcerias entre a escola, o Museu e o Monumento devem ser valorizadas e percebidas como preponderantes para o desenvolvimento de projetos de aprendizagem que fomentam a criatividade e o espírito crítico.

Neste sentido, cabe à escola romper com a rigidez dos currículos e com as práticas pedagógicas mais comuns que limitam a “escola fora da escola” (Campos, 2004, p.3).

Segundo Nunes (2010) “Em pleno século XXI, o papel educativo dos museus tem cada vez mais ênfase, verificando-se uma crescente articulação entre estes e as escolas,

assim como uma crescente oferta educativa, cada vez mais variada, por parte dessas instituições” (p.26).

Assim, o Museu e o Monumento, nos dias de hoje, são espaços para aprender e desfrutar, pois passaram de simples depósitos de objetos de arte e de imponentes espaços arquitetónicos, respetivamente, para espaços de promoção à educação e aprendizagem. E esta educação informal passa a ser cada vez mais participativa, aberta, ativa, dinâmica e exploratória. Por isso, o Museu e o Monumento devem lançar desafios e motivar os públicos, provocando a curiosidade e o interesse.

1.2.2. Museu e Monumento nas visitas de estudo

“A visita escolar ao museu constitui, em Portugal, uma actividade extra-curricular, devendo, no entanto, acompanhar o curriculum enquanto complemento de formação pedagógica contínua” (Guedes & Moreno, 2002, p.11).

No “Roteiro para a Educação Artística”, desenvolvido após a realização da Conferência Mundial sobre Educação Artística, é evidente a importância das visitas a instituições culturais, pois estas “fornecem aos alunos informação abundante e propiciam-lhes encontros artísticos e oportunidades de ver e participar activamente em processos artísticos” (Unesco, 2006, p.15).

O IGESPAR (s.d.) no seu documento de “Condições de Ingresso em Monumentos sob tutela do IGESPAR, I.P.” afirma que “as visitas aos monumentos são um direito de todos e respeitar, portanto, a qualidade que todos merecem” (p.1). Este documento também descreve o tipo de visitas temáticas que este instituto apresenta. Estas visitas podem ser desenvolvidas pelos Serviços Educativos de cada Monumento ou por entidades com as quais os monumentos estabelecem parcerias com o objetivo “de proporcionar, quer do ponto de vista educativo, quer de animação cultural, um maior conhecimento e capacidade interpretativa sobre o Monumento, a sua História, envolvência e integração” (p.4).

Assim, com as visitas ao Museu e ao Monumento pretende-se ajudar os alunos a desenvolverem o seu lado crítico, criativo e a sua sensibilidade, assim como, a sua identidade pois “as artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a

identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida” (Ministério de Educação, 2001, p.149).

Neste sentido a visita a estes locais é uma experiência extraordinariamente enriquecedora para os alunos, ajudando a aprofundar os conhecimentos das matérias escolares e da cultura em geral, através da experiência e contacto direto com temas e objetos do Museu, relacionados com as matérias, é também uma forma de motivação e estímulo à imaginação, pois estabelece ligações emocionais com os objetos ou ideias, proporcionando a consolidação dos conhecimentos. Como tal, o aluno ao interpretar os objetos cria uma relação com o mundo exterior, compreendendo melhor o meio que o envolve (Guedes & Moreno, 2002).

Em qualquer visita ao Museu ou ao Monumento deve haver períodos de exposição, de exploração e de estímulo à curiosidade, devendo os temas da visita estarem inteiramente ligados à matéria escolar para serem, posteriormente, tratados e aprofundados em sala de aula.

Deste modo, segundo Guedes e Moreno (2002), as visitas para serem bem sucedidas devem passar por três fases: a preparação, visita e avaliação da visita ao museu na escola. Mas o mais importante de uma visita é o envolvimento dos alunos, pois é através dele que poderá resultar o êxito da visita do produto desta.

Na mesma linha de pensamento, Campos (2004) afirma que a aprendizagem obtida através de visitas ao Museu desenvolve-se em três momentos que são o “antes”, o “durante” e “depois” da visita, em dois espaços distintos, a escola e o Museu.

Como tal, o professor necessita de preparar atempadamente a visita em parceria com o Museu, de modo a que a visita seja proveitosa. Também os alunos devem ser preparados, com antecedência, para a visita, para que estes possuam uma ideia do Museu que vão visitar e saberem qual o objetivo da visita, tendo a noção de que esta implica uma abordagem da matéria em estudo em sala de aula e que há uma relação da mesma com a temática do Museu (Guedes & Moreno, 2002).

1.2.3. Museu e Monumento num projeto de Educação Visual

Na educação não formal em museus é necessário compreender que não se atinge o objetivo educacional se a visita se basear apenas na “fruição” ou na “contemplação desinteressada” ou, ainda, na “apreciação” de obras de arte visuais. Como tal, é mais fácil levar os alunos a compreenderem o modo como as instituições culturais os representam, assim como, a compreenderem como é que estas instituições os afetam e influenciam sobre o que pensam de si mesmos, através da “problematização” (Franz, citado por Eça, 2009).

Eça (2009) refere que “A interface entre o museu e o indivíduo pode gerar processos de aprendizagens significativas” (p.277). Logo, estas aprendizagens resultam do cruzamento da biografia de cada indivíduo, do seu património cultural, social e emocional, com aquilo que a instituição visitada é capaz de lhes proporcionar (Eça, 2009, p.277).

Neste sentido, o Museu e o Monumento podem e devem ser um veículo, um ponto de partida, uma fonte de investigação para o desenvolvimento de um trabalho, de um projeto para qualquer disciplina, pois “todos os temas de estudo curricular são possíveis de análise nas várias tipologias de museus e exposições, dependendo da abordagem, da análise interdisciplinar, que o professor realiza ao selecionar os objectos e o percurso expositivo” (Guedes & Moreno, 2002, p.11).

O projeto não é um conceito recente de ensino-aprendizagem, sendo John Dewey e William Kilpatrick referência incontornáveis deste processo de trabalho. No entanto, esta metodologia é “uma forma inovadora, flexível, capaz de atender a um só tempo aos interesses que fazem o mundo da criança e às finalidades e competências estabelecidas como desejáveis para as crianças e jovens de hoje” (Gambôa, 2011, p.49).

Gambôa (2011) afirma que o trabalho de projeto está no centro da pedagogia-em-participação, sendo um meio para a autonomia e para a participação. Assim, este tipo de trabalho centra-se no aluno, pois tal como defendia William Kilpatrick, citado por Gambôa (2011) o objetivo do trabalho de projeto é “preparar a nova geração para pensar por si própria” (p.50).

Pedagogia-em-participação é entendida por Oliveira-Formosinho e Formosinho (2011) como a criação de espaços e tempos pedagógicos de interação, permitindo desenvolver atividades e projetos que valorizam a experiência, os saberes e as culturas das crianças em partilha com os saberes e as culturas dos adultos, facilitando às crianças viver,

conhecer, significar e criar. Estes autores também sublimam o grupo-turma como grupo de aprendizagem, onde as interações e relações são fundamentais e onde o sentimento de pertença e participação é desenvolvido, estando o conceito de *togetherness* de Dewey na sua base. Assim, estes autores acreditam que os projetos implicam o envolvimento das crianças, de forma ativa e motivada, assim como, um envolvimento constante assente na pesquisa apoiada de um grupo de crianças para resolver um problema.

Segundo Hernández (1998) os projetos de trabalho supõem um enfoque no ensino, tendo em vista a reestruturação das práticas educativas, de modo a dar resposta às mudanças sociais que se produzem nos alunos e na função da educação. Este autor afirma que no desenvolvimento de projetos de trabalho o docente atua mais como um guia do que como autoridade e, como tal, deve haver uma maior compreensão das matérias e dos temas em que os alunos trabalham. Hernández (1998) também aponta que os projetos contribuem para auxiliar os alunos na aquisição de capacidades relacionadas com: a autodireção, favorecendo a iniciativa; a inventiva, através da utilização criativa de recursos e métodos; a formulação e resolução de problemas; a integração de informação de diferentes fontes; a tomada de decisões; e a comunicação interpessoal, ou seja, a discussão e partilha de opiniões.

Segundo Dewey, citado por Hernández (1998), o método de projetos “não é uma sucessão de atos desconexos, e sim uma atividade coerentemente ordenada, na qual um passo prepara a necessidade do seguinte, e na qual cada um deles se acrescenta ao que já se fez e o transcende de um modo cumulativo” (p.68). Para este autor os projetos de trabalho não são um método, pois acredita que “quando se fala de “método” em relação à prática escolar, ao que se costuma fazer referência é à aplicação de uma fórmula, de uma série de regras” (p.68).

No entanto, o conceito de projeto está também muitas vezes ligado ao processo de trabalho de diferentes áreas: design, arquitetura e engenharia.

Segundo Munari (2010), designer italiano, autor do método de resolução de problemas, o “método projetual não é mais do que uma série de operações necessárias, dispostas por ordem lógica, ditada pela experiência. O seu objectivo é o de se atingir o melhor resultado com o menor esforço” (p.20). Para este designer esta série de operações é feita de valores objetivos, desenvolvidos por projetistas criativos, mas nada é absoluto nem definitivo, pois pode ser sempre modificado e melhorado se se encontrarem outros

valores. Desta forma, segundo este autor, este processo não bloqueia o projetista, pelo contrário, estimula-o a descobrir coisas que poderão servir a outros. No entanto, Munari também considera que nas escolas o modo de projetar é muitas vezes desenvolvido de forma errada, pois incentivam “os alunos a encontrarem ideias novas, como se devessem inventar tudo desde o princípio todos os dias” (p.22). Munari acredita que esta não é a melhor maneira de se ajudar os jovens, pois estes precisam de se deparar com problemas, de investigar, de errar para melhorar. Pois, tal como afirmou Gropius, citado por Munari (1993):

Assim, é nossa intenção formar um novo tipo de artista criador, capaz de compreender qualquer espécie de necessidade: não porque seja um prodígio, mas porque é capaz de abordar as necessidades humanas segundo um método exacto. Desejamos torná-lo consciente do seu poder criador, ousado frente aos factos novos e independentemente, no seu próprio trabalho, de qualquer espécie de fórmula. (p.21)

Assim, na prática de E.V. é tão importante a formação artística como o desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas, através do trabalho de projeto.

De acordo com CNEB, o desenvolvimento curricular de E.V., no ensino básico, deve contemplar:

- A organização de actividades por unidades de trabalho, entendidas como projectos que implicam um processo e produto final, estruturando-se de forma sistemática, englobando diferentes estratégias de aprendizagem e de avaliação;
- A metodologia deve contemplar várias formas de trabalho baseadas em acções de natureza diversa: exposições orais, demonstrações práticas, mostras audiovisuais, investigação bibliográfica, recolhas de objectos e imagens, debates, visitas de estudo, trabalhos de atelier, registos de observação no exterior, frequência de museus e exposições, entre outras.
(...)
- Os temas deverão ser relevantes, actuais e orientados por uma visão de escola aberta ao património artístico e natural, sempre que possível partindo da relação com o meio envolvente, de propostas dos alunos ou da abordagem ao universo das artes visuais em Portugal. (Ministério da Educação, 2001, p.161)

Neste sentido, segundo Bamford (2007) “por vezes as actividades fora da escola têm uma maior ligação à comunidade e são mais relevantes para as necessidades e

interesses das crianças” (p.4). Também a sensibilização dos alunos, face ao Museu e Monumento, “é essencial para o sucesso de futuros projectos escolares, numa contínua formação de cultura geral, fundamentais ao desenvolvimento de aptidões cognitivas e emocionais conducentes com a exigência da sociedade em que vivemos” (Guedes & Moreno, 2002, p.9). Estas aptidões cognitivas e emocionais podem e devem conduzir o aluno ao desenvolvimento da sua capacidade criativa, isto é, da sua criatividade.

Segundo Sousa (2003b) “a criatividade é uma capacidade humana, uma capacidade cognitiva, que lhe permite pensar de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar, prever, projectar e que sucede internamente, a nível mental, de modo mais ou menos consciente e voluntário” (p.169).

Como tal, as visitas ao Museu e ao Monumento devem ser capazes de desenvolver a criatividade dos alunos, pois “há também monumentos, obras de arte (...) coleções que “falam” e por meio dos quais se pode “decifrar” muitos fatos e versões de uma mesma história” (Mendonça, 2009, p.3), assim como “a grande variedade de hipóteses de actividades que envolvem as crianças e o museu só é limitada pela capacidade de imaginação e empenho dos organizadores” (Guedes & Moreno, 2002, p.23).

Em suma, no contexto do Museu e do Monumento, o desenvolvimento de um projeto em E.V. pode tornar-se um processo prazeroso de ensino-aprendizagem, facilitando e promovendo a relação com o meio envolvente e com a cultura local, assim como, o desenvolvimento da criatividade.



2. Metodologia de investigação

2.1. Problemática e metodologia de investigação

A investigação é uma tentativa sistemática de atribuição de respostas às questões. (...) É realizada a partir da identificação de um problema, examinando as variáveis relevantes já selecionadas através de uma revisão da literatura. (Tuckman, 2000, p.5)

A constituição de parcerias entre a escola e o Museu e Monumento necessita ser cada vez mais dinâmica, pois estas entidades assumem-se eminentemente espaços de aprendizagem. Como tal, a ligação entre a escola e o Museu e Monumento dever-se-á fortalecer e celebrar com mais frequência e afincos. Assim, Campos (2004) menciona que:

Por um lado o museu deve oferecer-se como um espaço privilegiado de ensino, transmissão de conhecimento, experimentação e, por outro, a escola deve passar a ver no museu um novo conceito de espaço de ensino até agora coartado pela rigidez das fronteiras do espaço escolar e por uma filosofia em que o princípio da “escola fora da escola” estava arreado das práticas pedagógicas mais comuns. (p.3)

Apesar do crescente reconhecimento do papel do Museu e Monumento na educação, nem sempre se verifica a existência de uma relação da escola com estes espaços, limitando-se muitas vezes a visitas pontuais, sem grande desenvolvimento posterior.

Nunes (2010), analisando as visitas no caso específico do MMI, afirmou que “A adesão à oferta do serviço educativo continua com pouca expressão dado que a realidade do museu é um número elevado de visitas escolares mas que optam, na sua maioria, por visitas guiadas” (p.73).

Também Eça, Saldanha e Vidal (2012) proferem que “O museu educa em diferentes sentidos, mas muitas vezes esta possibilidade é subestimada, quando a sua apropriação, por parte da escola, é feita através de uma ligação excessiva aos currículos escolares.” (p.3). Estas autoras também realçam que não se deve subvalorizar a função educativa não formal dos museus e das instituições culturais e acreditam que os projetos fazem todo o sentido e devem integrar matérias pluridisciplinares.

Perante esta problemática surgiu a necessidade de compreender o Museu e o Monumento como espaços potenciadores e facilitadores do processo de ensino na disciplina de E.V., promovendo e valorizando o património artístico e cultural da região, de uma forma ativa e interventiva.

A definição do tema, a escolha dos métodos, das técnicas e o plano de atuação, entre outros, representam a melhor forma de estruturar e delimitar uma investigação. Desta forma, é fundamental pesar a finalidade, o tipo de investigação e os recursos materiais e humanos disponíveis.

Assim, o estudo apresentado neste trabalho tem carácter qualitativo, pois recorre à utilização de uma metodologia qualitativa, uma vez que esta pode constituir uma estratégia facilitadora do estudo de um tópico em profundidade e detalhe. Neste modelo de investigação pretende-se compreender melhor e mais profundamente os comportamentos e experiência humana. Este tipo de método fornece uma informação detalhada sobre um número reduzido de intervenientes, mas com uma maior profundidade de compreensão dos casos e situações estudadas.

A investigação qualitativa apresenta cinco características que se poderão aplicar ao estudo em questão: (i) o investigador frequenta o local de estudo, preocupando-se com o contexto; entende que as ações serão melhor compreendidas se observadas no seu meio natural; (ii) este tipo de investigação é descritiva, os dados obtidos incluem transcrições de entrevistas, notas pessoais e outros documentos, numa tentativa de analisar os dados em toda a sua diversidade e complexidade, pretendendo-se que nenhum pormenor escape ao observador; (iii) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados, ou seja, esta abordagem foca-se no modo como as definições se formam; (iv) o processo de análise dos dados é como um “funil”, abrangente de início, tornando-se depois mais específica, tendo o investigador de separar informação, percebendo quais as questões mais importantes e (v) apreende as perspetivas dos participantes, pretendendo averiguar a dinâmica interna das situações. (Bogdan & Biklen, 1994).

Também Morreira e Caleffe (2008) afirmam que na pesquisa qualitativa os dados podem ser obtidos de diferentes formas: transcrições de entrevistas gravadas com o uso de gravador, anotações de campo em protocolos de observação, diários de campo das interações do dia a dia na sala de aula, documentos, fotografias e outras representações gráficas.

De facto, de acordo com o estudo referido qualquer uma das características anteriormente referidas se enquadra no objetivo do estudo, estando o investigador, numa perspetiva qualitativa em contacto direto com o participante.

O presente trabalho descreve uma investigação que aponta para um objeto de estudo de natureza preferencialmente descritiva e interpretativa da reação dos alunos de duas turmas de 8º ano, no seu ambiente natural, optando-se pelo uso de uma metodologia qualitativa, tal como já foi referido. Trata-se de uma investigação descritiva, uma vez que os dados recolhidos contemplam palavras ou imagens e a análise dos dados é feita de forma indutiva, tendo-se em consideração as perspetivas dos participantes (Bogdan & Biklen, 1994).

Deste modo, especificamente, neste projeto, optou-se pelo Estudo de Caso, com o objetivo crucial de conhecer a opinião dos alunos sobre os museus e monumentos, qual a sua relação com os mesmos, assim como, perceber como é que estes poderiam contribuir para o desenvolvimento de um projeto de E.V..

Salienta-se que, apesar do cariz qualitativo da investigação recorreu-se, pontualmente, a abordagens quantitativas como foi o caso do inquérito por questionário, de forma a reforçar e complementar os dados.

Assim, para a elaboração deste estudo foram utilizadas as seguintes estratégias:

- Análise de conteúdos, com o recurso aos diários de campo, de modo a registar as interações estabelecidas com os alunos dentro e fora da sala de aula, mas também, com recurso a registo fotográfico do desenvolvimento do projeto (cf. Anexo I);
- Inquérito por questionário, aplicados a uma população de duas turmas do 8º ano, de uma escola do concelho de Ílhavo, cuja designação atribuída foi Azul e Verde. No final do processo aplicou-se o inquérito, às duas turmas, em contexto de sala de aula (cf. Anexo II);

...em projetos de investigação cuja metodologia se circunscreva ao *estudo de caso* o recurso ao inquérito por questionário seja pouco frequente, não só porque o investigador assume aqui um papel central na recolha dos dados (...) nada impede que existam estudos de caso que adotem uma metodologia quantitativa ou mesmo uma metodologia mista. (Morgado, 2012, pp.77,78)

- Inquéritos por entrevista, de modo a conhecer a perspetiva de um professor de E.V., do concelho de Ílhavo, e da coordenadora dos serviços educativos do MMI, acerca da problemática discutida nesta investigação (cf. Anexo III e Anexo IV).

2.2. Enquadramento do projeto

O projeto em estudo foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), nomeadamente no 3º período, por duas turmas de 8º ano, na disciplina de E.V., durante o ano letivo 2012/2013, numa escola do concelho de Ílhavo, no distrito de Aveiro.

Deste, surge o projeto *Farol da Barra* como resposta à questão de investigação em causa, mas também associado ao tema “Terra e Oceanos”, inserido no Plano Anual de Atividades (PAA) de 2012/2013, da escola supracitada, e à Unidade de trabalho Design/Comunicação Visual.

Desde o início, o projeto tinha com fim a exposição à comunidade, durante o decorrer da Semana Aberta e, posteriormente, se possível, no MMI.

Tendo em conta os objetivos propostos foi criada uma parceria com o MMI, proporcionando-se uma aula de exterior, onde os alunos puderam, para além de conhecer o Museu e o Aquário, pesquisar símbolos alusivos à região de Ílhavo na Biblioteca e Arquivo do MMI.

A par desta aula de exterior ao MMI, e para melhor complementar a investigação em estudo, também foi promovida uma aula de exterior no Farol da Barra, permitindo aos alunos terem uma melhor perceção do Farol, através da proximidade e do contacto, de forma a estimular um outro olhar mais observador e mais crítico.

2.2.1. Caracterização socioeconómica do meio

Segundo o Projeto Educativo desta escola de Ílhavo, “Ao longo das últimas duas décadas do séc. XX, a comunidade ilhavense sofreu algumas mudanças tanto sociais, como culturais, como económicas. Verificou-se uma diminuição da oferta de emprego nos sectores de pescas e cerâmica, obrigando os seus habitantes a enveredarem por atividades mais ligadas ao comércio, à indústria e aos serviços.

O concelho tem estado no centro de investimentos de modernização muitíssimo relevantes. O desenvolvimento de infraestruturas de apoio ao Porto de Aveiro, a construção de novas vias rodoviárias facilitadoras de acesso aos principais eixos viários

do país, a implantação de duas zonas industriais no concelho, a revolução na educação (em meios, recursos, políticas locais). Destaca-se, ainda, uma crescente influência da Universidade de Aveiro na vida social de Ílhavo, tanto pela sua proximidade geográfica como pela crescente abertura desta instituição ao tecido social envolvente, com elevado impacto no projeto Parque de Ciência e Inovação.

Estas mudanças têm trazido ao concelho e à sua população exigências de natureza económica e industrial, bem como de natureza turística e cultural, que se projetam na escola como desafios de inovação.”¹

2.2.2. Escolha e caracterização dos participantes

A escolha dos participantes deste estudo de investigação, como já foi mencionado anteriormente, incidiu em duas turmas do 8º ano do Ensino Básico de uma escola do concelho de Ílhavo. Esta escolha deveu-se, essencialmente, à meta curricular Design/Comunicação Visual, explorada no ano de escolaridade em questão. No entanto, e para complementar este estudo, também se considerou importante perceber a opinião de um professor do grupo 600, Artes Visuais, do concelho de Ílhavo, assim como, a opinião da Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI.

a) Turmas do Ensino Básico de uma escola do concelho de Ílhavo

Os dados que se seguem têm por base os Planos de Trabalho de Turma (PTT), disponibilizados pelos Diretores de Turma (DT) e também pelos inquéritos por questionário aplicados aos alunos.

A turma Azul é composta por vinte e oito alunos, doze do género feminino e dezasseis do género masculino, mas como foram invalidados dois dos inquéritos, apenas vinte e seis alunos foram incluídos neste estudo.

Já a turma Verde é composta por vinte e dois alunos, treze do género feminino e nove do género masculino, no entanto contabilizaram-se somente vinte e um questionários, dado que um dos alunos não respondeu ao inquérito por questionário.

¹ Projeto Educativo da Escola (PEE)

As idades dos alunos da turma Azul estão compreendidas num intervalo de 13/16 anos, sendo que existem sete alunos com 13 anos, dezassete com 14, um aluno com 15 e um com 16 anos.

Na turma Verde, as idades encontram-se entre os 13/15 anos, havendo sete alunos com treze anos, dez com 14 e quatro com 15 anos.

Também na turma Verde três dos seus alunos são estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Com tal, ao longo de todo o projeto foi dada uma atenção especial a estes, tendo como base a investigação desenvolvida no início do ano letivo, em conjunto com as colegas de núcleo de estágio, apresentada na Conferência Internacional, Prática e contextos em Educação, no Instituto Politécnico de Leiria (cf. Anexo V).

Tabela 1 – A profissão que desejo exercer no futuro

		Turma			
		Azul		Verde	
		n	%	n	%
A profissão que desejo exercer no futuro é:	Advogado(a)	1	3,8	0	0
	Médico(a)	2	8,2	1	4,8
	Designer	0	0	3	14,3
	Engenheiro(a)	1	3,8	2	9,5
	Professor(a)	1	3,8	2	9,5
	Mecânico(a)	1	3,8	1	4,8
	Cabeleireiro(a)	1	3,8	0	0
	Designer/Arquiteto(a)	1	3,8	0	0
	Artista plástico/Modelo	1	3,8	0	0
	Médico(a)/Biólogo(a) Marinho(a)	1	3,8	0	0
	Fotógrafo(a)/Cozinheiro(a)	1	3,8	0	0
	Designer/Artista plástico	1	3,8	0	0
	Designer/ Fotógrafo(a)/Cantor(a)	0	0	1	4,8
	Fotógrafo(a)/Modelo fotográfico/ Cantor(a)	0	0	1	4,8
	Outra	13	50,0	10	47,5
	Não responde	1	3,8	0	0
	Total	26	100	21	100

Nos inquéritos por questionário, na pergunta sobre a profissão que desejam exercer no futuro foram notórias as dúvidas de alguns alunos, pois estes assinalaram mais do que

uma profissão, como se pode constatar na Tabela 1, especialmente, no caso da turma Azul. No entanto, na turma Verde três alunos pretendem ser designers.

Tabela 2 – Grau académico do pai

		Turma			
		Azul		Verde	
		n	%	n	%
Grau académico completo do pai:	1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano)	5	19,3	2	9,5
	2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano)	7	27,0	6	28,7
	3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)	3	11,5	4	19,0
	Ensino Secundário (12º ano)	6	23,2	3	14,2
	Curso Profissional	1	3,8	0	0
	Licenciatura	1	3,8	1	4,8
	Mestrado	1	3,8	0	0
	Não sei	1	3,8	5	23,8
	Não responde	1	3,8	0	0
Total		26	100	21	100

Tabela 3 – Grau académico da mãe

		Turma			
		Azul		Verde	
		n	%	n	%
Grau académico completo da mãe:	1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano)	3	11,5	1	4,8
	2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano)	1	3,8	3	14,2
	3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)	12	46,1	5	23,8
	Ensino Secundário (12º ano)	6	23,2	6	28,6
	Curso Profissional	0	0	2	9,5
	Licenciatura	2	7,7	2	9,5
	Mestrado	2	7,7	1	4,8
	Não sei	0	0	1	4,8
	Total	26	100	21	100

De acordo com o grau académico de ambos os progenitores verificou-se quanto ao grau académico do pai (cf. Tabela 2), da turma Azul, cinco possuem o 1º Ciclo do Ensino Básico, sete o 2º Ciclo do Ensino Básico, três o 3º Ciclo do Ensino Básico, seis o Ensino Secundário, um tem um Curso Profissional, um uma Licenciatura outro um Mestrado.

Apenas um aluno responde que não sabe qual a escolaridade do seu pai e outro não responde à pergunta.

Quanto à turma Verde, atestou-se que quanto ao grau académico do pai: dois possuem o 1º Ciclo do Ensino Básico, seis o 2º Ciclo do Ensino Básico, quatro o 3º Ciclo do Ensino Básico, três o Ensino Secundário e existe um com Licenciatura. Cinco alunos responderem que não sabem qual a escolaridade do seu pai.

Relativamente ao grau académico das progenitoras, da turma Azul, conforme a Tabela 3, verificou-se que três possuem o 1º Ciclo do Ensino Básico, uma o 2º Ciclo do Ensino Básico, doze o 3º Ciclo do Ensino Básico, seis o Ensino Secundário, duas tem Licenciatura e duas possuem Mestrado.

Quanto à turma Verde, apurou-se que uma mãe possui o 1º Ciclo do Ensino Básico, três o 2º Ciclo do Ensino Básico, cinco o 3º Ciclo do Ensino Básico, seis o Ensino Secundário, duas com Curso Profissional, duas com Licenciatura e uma com Mestrado. Um aluno respondeu que não sabe qual a escolaridade da sua mãe.

Tabela 4 – Profissão do pai

		Turma			
		Azul		Verde	
		n	%	n	%
Profissão do pai:	Especialistas das atividades intelectuais e científicas	2	7,8	2	9,5
	Técnicos e profissões de nível intermédio	3	11,5	1	4,8
	Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	3	11,5	4	19,0
	Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, pesca e floresta	0	0	1	4,8
	Trabalhadores qualificados de indústria, construção e artífices	3	11,5	4	19,0
	Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	0	0	1	4,8
	Trabalhadores não qualificados	7	26,9	2	9,5
	Desempregado	3	11,5	2	9,5
	Reformado	3	11,5	0	0
	Não sei	0	0	2	9,5
	Não responde	2	7,8	2	9,5
Total		26	100	21	100

Relativamente às profissões do pai e da mãe dos alunos, estas foram categorizadas conforme a Classificação Portuguesa das Profissões 2010, do Instituto Nacional de Estatísticas, I.P. (INE).

Assim, quanto à profissão do pai (cf. Tabela 4), na turma Azul verificou-se que existe em maior número trabalhadores não qualificados, sendo estes 26,9%; seguindo-se, com igual percentagem, 11,5%, os técnicos e profissões de nível intermédio, trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores, trabalhadores qualificados de indústria, construção e artífices e desempregados; ainda com a mesma percentagem, 7,8%, existem especialistas das atividades intelectuais e científicas e alunos que não respondem à questão.

No caso da turma Verde constatou-se que existem, com igual percentagem, 19,0%, trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores e trabalhadores qualificados de indústria, construção e artífices. Também com a mesma percentagem, 9,5%, existem especialistas das atividades intelectuais e científicas, trabalhadores não qualificados, desempregados, alunos que não respondem à questão e alunos que não sabem a profissão do pai. Por fim, com 4,8%, encontram-se os técnicos e profissões de nível intermédio e os agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, pesca e floresta.

Tabela 5 – Profissão da mãe

		Turma			
		Azul		Verde	
		n	%	n	%
Profissão da mãe:	Especialistas das atividades intelectuais e científicas	4	15,4	2	9,5
	Técnicos e profissões de nível intermédio	2	7,7	2	9,5
	Pessoal administrativo	2	7,7	4	19,0
	Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	4	15,4	7	33,4
	Trabalhadores qualificados de indústria, construção e artífices	1	3,8	1	4,8
	Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1	3,8	0	0
	Trabalhadores não qualificados	6	23,2	2	9,5
	Desempregada	3	11,5	2	9,5
	Doméstica	3	11,5	1	4,8
	Total	26	100	21	100

Quanto à profissão da mãe (cf. Tabela 5), em relação à turma Azul, verificou-se com maior incidência, 23,2%, trabalhadores não qualificados; com igual percentagem, 15,4%, especialistas das atividades intelectuais e científicas e trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores; também com a mesma percentagem, 11,5%, encontram-se desempregadas e domésticas; com 7,7%, técnicos e profissões de nível intermédio e pessoal administrativo; e por fim, com 3,8% trabalhadores qualificados de indústria, construção e artífices e operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem.

Já no caso da turma Verde averiguou-se, com maior visibilidade, 33,4%, trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores; seguindo-se, com 19% o pessoal administrativo; depois, com igual percentagem (9,5%) os especialistas das atividades intelectuais e científicas, técnicos e profissões de nível intermédio, trabalhadores não qualificados e desempregadas. Por fim, encontra-se com a mesma percentagem, 4,8%, trabalhadores qualificados de indústria, construção e artífices e domésticas.

Tabela 6 – Relação dos alunos com a escola

	A escola contribui para o meu sucesso futuro.		Sinto-me motivado(a) quando vou para as aulas.	
	n	%	n	%
Discordo Totalmente	0	0	6	12,8
Discordo	2	4,3	14	29,8
Indeciso	7	14,9	19	40,4
Concordo	17	36,2	8	17,0
Concordo Totalmente	21	44,6	0	0
Total	47	100	47	100

De acordo com a Tabela 6, pode-se verificar que a maioria dos alunos (80,8%) concorda que a escola contribui para o seu sucesso escolar. Quanto à motivação quando vão para as aulas parte dos alunos sentem-se indecisos (40,4%) e outros (42,6%) não se sentem motivados. Somente 17,0% dos alunos se sentem motivados quando vão às aulas.

Tabela 7 – Relação dos alunos com o estudo

	Considero que:	
	n	%
Gosto de estudar	13	27,7
Não gosto de estudar	34	72,3
Total	47	100

Tendo em conta a Tabela 7, pode-se afirmar que 34 dos alunos inquiridos, ou seja 72,3%, consideram que não gostam de estudar.

Tabela 8 – Hábitos de estudo

	Habitualmente estudo:	
	n	%
Todos os dias	2	4,3
Alguns dias	16	34,0
Para os testes	26	55,3
Não estudo	3	6,4
Total	47	100

Relativamente aos hábitos de estudo dos alunos verificou-se que 55,3% só estudam para os testes, 34,0% estudam alguns dias, 6,4% não estudam e apenas 4,3% estudam todos os dias (cf. Tabela 8).

Tabela 9 – Relação dos alunos com a educação artística através da escola

	A educação artística/ dança que recebo na escola é:		A educação artística/ música que recebo na escola é:		A educação artística/ teatro que recebo na escola é:		A educação artística/ idas a museus e monumentos que faço através da escola é:		A educação artística/ idas a exposições de arte que faço através da escola é:	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Nenhum	24	51,1	27	57,4	29	61,7	5	10,7	9	19,1
Pouca	9	19,1	8	17,0	6	12,8	8	17,0	10	21,3
Alguma	7	14,9	9	19,2	7	14,9	12	25,5	10	21,3
Boa	5	10,6	2	4,3	5	10,6	16	34,0	16	34,0
Muito boa	2	4,3	1	2,1	0	0	5	10,7	2	4,3
Não responde	0	0	0	0	0	0	1	2,1	0	0
Total	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100

Quanto à relação dos alunos com a educação artística através da escola, de acordo com a Tabela 9, pode-se afirmar que é, essencialmente, nenhuma ou pouca. Destacando-se apenas as idas aos museus e monumentos através da escola com uma percentagem de 44,7%.

Tabela 10 – Relação dos alunos com a educação artística fora da escola

	A educação artística/ dança que recebo na escola é:		A educação artística/ música que recebo na escola é:		A educação artística/ teatro que recebo na escola é:		A educação artística/ idas a museus e monumentos que faço através da escola é:		A educação artística/ idas a exposições de arte que faço através da escola é:	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Nenhum	24	51,1	27	57,4	29	61,7	5	10,7	9	19,1
Pouca	9	19,1	8	17,0	6	12,8	8	17,0	10	21,3
Alguma	7	14,9	9	19,2	7	14,9	12	25,5	10	21,3
Boa	5	10,6	2	4,3	5	10,6	16	34,0	16	34,0
Muito boa	2	4,3	1	2,1	0	0	5	10,7	2	4,3
Não responde	0	0	0	0	0	0	1	2,1	0	0
Total	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100

No que diz respeito à relação dos alunos com a educação artística fora da escola, realça-se também que é reduzida ou inexistente, dado que as percentagens relativas às respostas “boa” ou “muito boa”, são bastante baixas.

Tabela 11 – Relação dos alunos com a disciplina de E.V.

	Gosto da disciplina de Educação Visual.		Gosto da disciplina de Educação Visual porque é importante para a minha formação.		Gosto das atividades desenvolvidas em Educação Visual.		Gosto de desenhar através da observação direta/ desenho à mão livre.		Gosto de desenhar traçados geométricos.		Gosto de fazer projetos (ex.: <i>Farol da Barra</i>).	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Não gosto nada	0	0	4	8,5	0	0	3	6,4	4	8,5	1	2,1
Gosto pouco	4	8,5	6	12,8	5	10,6	5	10,6	16	34,0	1	2,1
Indiferente	7	14,9	22	46,8	11	23,4	15	32	16	34,0	12	25,5
Gosto	25	53,2	10	21,3	23	49	12	25,5	7	15	18	38,4
Gosto muito	11	23,4	5	10,6	8	17,0	11	23,4	4	8,5	15	31,9
Total	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100

Com base na Tabela 11, apurou-se que a maioria dos alunos gosta da disciplina (76,6%), no entanto 46,8% dos alunos aponta como sendo indiferente a importância da disciplina

na sua formação. Grande parte dos alunos também prefere os trabalhos de observação direta/ desenho à mão livre (48,9%) aos desenhos geométricos (23,5%). A maioria revela que gosta de desenvolver projetos (70,3%).

Tabela 12 – Visitas a museus e monumentos

	Quantas vezes já visitei museus e monumentos.	
	n	%
Nunca	3	6,4
1 a 2 vezes	9	19,1
3 a 4 vezes	17	36,2
5 a 6 vezes	5	10,6
7 a 9 vezes	3	6,4
Mais de 10 vezes	10	21,3
Total	47	100

Relativamente à frequência de visitas aos museus e monumentos comprova-se que a maioria dos alunos não excedeu as 3 ou 4 idas, sendo que, num universo de 47 participantes apenas 10 foram mais de dez vezes visitar as instituições culturais em causa.

Tabela 13 – Relação dos alunos com os museus e monumentos

	Gosto de visitar museus e monumentos.		As visitas aos museus e monumentos que fiz foram através da escola.		As visitas aos museus e monumentos que fiz foram com os meus pais, familiares e amigos.		Nas visitas aos museus e monumentos aprendo bastante.		As visitas aos museus e monumentos são importantes para a minha formação.		Considero que as visitas aos museus e monumentos ajudam-me a desenvolver melhor os projetos da disciplina de Educação Visual.	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Sim	34	72,3	30	63,8	26	55,3	36	76,6	26	55,3	28	59,6
Não	13	27,7	17	36,2	20	42,6	11	23,4	21	44,7	18	38,3
Não responde	0	0	0	0	1	2,1	0	0	0	0	1	2,1
Total	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100

A maioria dos alunos gosta de visitar museus e monumentos (72,3%) e também consideram que nas visitas aos museus e monumentos aprendem bastante (76,6%). No que concerne a quem lhes faculta as visitas aos museus e monumentos verifica-se que

quer a escola (63,8%) quer os pais, familiares e amigos (55,3%) são proporcionadores destas visitas. Mais de metade dos estudantes (59,6%) julga que as visitas aos museus e monumentos ajudam-nos a desenvolver melhor os projetos da disciplina de E.V.. No entanto, no que diz respeito à importância dos museus e monumentos para a sua formação os alunos revelam-se mais ou menos divididos.

b) Professor do grupo 600, Artes Visuais

Com base nas informações obtidas através do inquérito por entrevista, percebeu-se que a formação base deste professor do grupo 600 é Arquitetura. No entanto, após alguns anos a exercer a profissão, como teve a necessidade de se mudar da região do Porto para Aveiro, decidiu enveredar pela docência, visto que já na altura em que se formou a arquitetura era uma profissão incerta. Leciona no concelho de Ílhavo desde 1992, tendo feito a profissionalização em serviço. Entretanto concluiu o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Contudo, não exerce a atividade de arquitetura, paralelamente, por falta de tempo e por dedicação total à docência (cf. Anexo IV, Tabela i).

c) Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI

Tendo em conta as informações obtidas através do inquérito por entrevista, verificou-se que ao nível do percurso académico a Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI começou por concluir o curso de Administração Autárquica, no Centro de Estudos e Formação Autárquica, de Coimbra, tendo sido através deste curso que ingressou na Câmara Municipal de Ílhavo. Entretanto, concretizou a licenciatura em História, variante de História de Arte. Posteriormente, foi reconduzida para o MMI, que na altura estava em fase de requalificação, há doze anos atrás.

Pelo gosto que tem em aprofundar os seus conhecimentos, também fez uma pós-graduação em Gestão do Património e, mais tarde, um Mestrado em Museologia.

Em suma, iniciou a sua carreira profissional como especialista em Administração Autárquica e, posteriormente, foi reclassificada para técnica superior como Conservadora do MMI, tornando-se Coordenadora dos Serviços Educativos do Museu (cf. Anexo IV, Tabela i).

2.3. Método: Estudo de caso

O método é o “corpo orientador da pesquisa que, obedecendo a um sistema de normas, torna possíveis a selecção e a articulação de técnicas, no intuito de se poder desenvolver o processo de verificação empírica” (Correia & Pardal, 1995, p.10).

Desta forma, e tendo em conta o tipo de recolha que se iria efetuar, optou-se pelo estudo de caso, pois “a intenção da investigação é informar, trazer sofisticação, ajudar a aumentar a competência e a maturidade, socializar e libertar. Estas também são responsabilidades do professor” (Stake, 2012, pp.107, 108).

Também Morgado (20012, p.52) reforça que “ não é possível melhorar a profissionalidade docente sem o compromisso efetivo e um envolvimento permanente dos professores na investigação das suas práticas curriculares, em particular na sala de aula.” Este autor ainda denomina o estudo de caso como um modelo no qual o investigador age como um “artesão intelectual”, isto é, adequa e personaliza os instrumentos de acordo com o seu objeto de investigação e através do qual procura analisar, descrever e compreender determinados casos particulares.

Lessard-Hérbert, Goyette, e Boutin (2008) afirmam que o estudo de caso caracteriza-se pelo facto de reunir o máximo de informações, o mais pormenorizado possível, de modo a abranger a totalidade da situação.

Assim, o estudo de caso corresponde “a um modelo de *análise intensiva* de uma situação particular (caso). (...) flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização.” (Correia & Pardal, 1995, p.23).

Como tal, para melhor analisar e descrever esses casos particulares o investigador necessita de perceber as partes essenciais da recolha de dados. Stake (2012) enuncia como partes essenciais desta recolha as seguintes: definição do caso, lista de perguntas de investigação, identificação dos ajudantes, fontes de dados, distribuição do tempo, despesas e relatório pretendido.

2.4. Técnicas e instrumentos

As técnicas são um instrumento de trabalho que providenciam e facultam o desenvolvimento de uma investigação e a forma de conseguir a realização de um conjunto de operações em que consiste o método, tendo em vista a averiguação empírica. Mas as técnicas não são autónomas em relação ao método, pois é este que as seleciona e articula (Correia & Pardal, 1995).

Assim, as diferentes técnicas de recolha de dados permitem um conhecimento mais aprofundo do objeto de estudo, pela triangulação de informações na análise do mesmo conteúdo, facultando uma maior concentração de resultados.

Neste estudo a opção pela utilização de técnicas com um carácter qualitativo deve-se ao tipo de dados em que a investigação se apoia, visto que os dados qualitativos constituem uma fonte de descrições e explicações do processo, mas também ao tipo de método utilizado. No entanto, também se recorreu a técnicas de carácter quantitativa, como o inquérito por questionário, tal como já foi mencionado anteriormente.

Flick (2005, p.269) afirma que “um estudo pode incluir abordagens qualitativas e quantitativas em fases diferentes do processo de pesquisa, sem necessariamente apontar para a redução de uma das abordagens.”

Assim, de acordo com os objetivos que se pretendia alcançar, procurou-se combinar a utilização de diversas técnicas e procedimentos, de modo a aumentar a confiança nos resultados e possibilitar a triangulação dos mesmos, permitindo comparar os dados e verificar se estes se interrelacionam uns com os outros.

Lessard-Hérbert et al. (2008, p.144) apontam como técnicas privilegiadas das metodologias qualitativas:

- A observação: participante ou direta sistemática;
- O inquérito: pela forma oral (entrevista) ou escrita (questionário);
- Análise documental: análise de conteúdos, que tem uma função de complementaridade na investigação qualitativa, permitindo “triangular” os dados.

2.4.1. Observação participante

A observação participante é a modalidade de recolha de dados que, de um modo geral, melhor responde às necessidades e preocupações dos investigadores em Ciências Humanas e Sociais... Na observação participante, o investigador é o instrumento central da observação. Estuda os modos de vida no interior da própria comunidade, tentando não os perturbar e interferindo o menos possível.

(Morgado, 2012, p.89)

Este tipo de observação permite que o observador se aproxime e compreenda mais os pontos de vista dos observados participando, ativamente, na vida dos mesmos, sendo a tarefa mais importante o registo das ações e das interações.

Acerca da observação, Correia e Pardal (1995) referem que não existe ciência sem observação, nem estudo científico sem observador. Também acrescentam que “a observação participante permite, em regra, um nível mais elevado de precisão na informação do que a observação não-participante. A sua execução é, entretanto, mais complexa” (p.50).

Segundo Moreira e Caleffe (2008) “A observação participante é uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes do estudo com o objectivo de observar e tentar descobrir como é ser um membro desse mundo” (p.201).

Biddle e Anderson, citados por Moreira e Caleffe (2008), mencionam que devem ser “feitas anotações detalhadas em relação aos eventos testemunhados, as quais são organizadas e classificadas de forma que o pesquisador possa descobrir os padrões de eventos que apareceram naquele mundo” (p.201).

Assim, o investigador está no local certificando-se do comportamento real ao invés de confiar apenas nos relatos das pessoas a respeito de suas vidas (Moreira & Caleffe, 2008).

Também Flick (2005) afirma que as principais características do método são a entrega total e o mergulho no terreno por parte do investigador, como de um membro se tratasse.

Logo, a observação participante oferece-se como a melhor forma de obter uma imagem válida da realidade social (Moreira & Caleffe, 2008).

Neste estudo foram vários os momentos em que a observação foi privilegiada, com recurso às anotações através de notas de campo. Numa fase inicial, essas observações incidiram sobre os agentes e o contexto. Posteriormente, surgiram durante o desenvolvimento do projeto em questão. Estas anotações foram executadas em ocasiões pertinentes em contexto de sala de aula, quer no decorrer, quer no final, devido ao constante pedido de auxílio por parte dos alunos. Assim sendo, as notas de campo contêm descrições e reflexões constantes, pois “são tanto descritivas como interpretativas ou analíticas. Relatam não apenas o que acontece mas, muitas vezes, o porquê e também os motivos” (Tuckman, 2000, p.528).

A estrutura das notas de campo apresentadas nestes estudo baseia-se no “protocolo de observação participante” de Moreira e Caleffe (2008, p.203).

2.4.2. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário é uma técnica de recolha de informação muito utilizada no domínio da investigação sociológica. Para Correia e Pardal (1995), as vantagens desta técnica são: a recolha de informação de forma económica, poder ser aplicada a um grande número de sujeitos e garantir o anonimato.

Segundo Quivy e Campenhoudt, citados por Morgado (2012), o questionário compreende uma série ordenada e coerente de perguntas que serão colocadas a um grupo de inquiridos de modo a obter elementos sobre a sua situação social, profissional ou familiar; as atitudes que assumem perante certas questões humanas e sociais, acontecimentos ou problemas; as suas expectativas; o seu nível de conhecimento; as suas opiniões sobre a temática ou assunto de interesse do investigador.

Assim, o inquérito por questionário foi aplicado aos alunos das duas turmas em estudo, no final do projeto, coincidente com o final do ano letivo. Optou-se por identificar as turmas com as cores representativas do tema “Terra e Oceanos”, que levou ao desenvolvimento do projeto *Farol da Barra*: Azul e Verde. Como foi referido anteriormente, na turma Azul obteve-se um total de 28 respostas ao inquérito, mas dois deles foram invalidados por colocação de conteúdos impróprios. Já no caso na turma Verde obtiveram-se 21 respostas ao inquérito, visto que um aluno faltou aquando da aplicação dos mesmos.

O inquérito por questionário tinha na sua maioria perguntas fechadas, para facilitar os inquiridos e evitar o preenchimento exaustivo. Apenas existiam duas perguntas abertas, com o intuito de conseguir dados mais precisos e realistas, tendo sido os resultados transformados em variáveis.

A aplicação dos inquéritos por questionário teve como objetivos:

- Conhecer o perfil do aluno
- Entender o meio socioeconómico;
- Averiguar a opinião do aluno sobre a escola;
- Perceber se o aluno tem acesso à Educação Artística e através de quem;
- Conhecer a opinião do aluno sobre a disciplina de E.V.;
- Perceber se o aluno tem acesso a museus e monumentos e qual a sua opinião sobre os mesmos;
- Percecionar a opinião do aluno sobre a visita ao MMI e qual o seu contributo para o desenvolvimento do projeto;
- Conhecer a opinião do aluno sobre a visita ao Farol da Barra e qual o seu contributo para o desenvolvimento do projeto;
- Averiguar a opinião do aluno sobre o projeto e qual o seu contributo para a aquisição dos conhecimentos necessários sobre a matéria.

Os resultados dos inquéritos foram tratados no programa SPSS 18, assim como também a execução das tabelas.

2.4.3. Inquérito por Entrevista

A entrevista é uma técnica de recolha de dados onde os pontos de vista dos sujeitos são mais facilmente expressos (Flick, 2005) e, por isso, é muito utilizada na investigação social e na pesquisa educacional (Morreira & Caleffe, 2008).

Segundo Morgado (2012) a entrevista é “uma técnica utilizada para recolher dados cujo principal objetivo é compreender os significados que os entrevistados atribuem a determinadas questões e/ou situações” (p.72).

Assim, a entrevista é extremamente importante no estudo de caso, visto que através dela o observador consegue determinar a forma como os sujeitos analisam as suas vivências ou práticas já que ela “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.134).

Desta forma, as entrevistas podem envolver um conjunto de perguntas que serão exploradas no decurso da entrevista e que são orientadas para um assunto particular pré-estabelecido. É, assim, orientada por um conjunto de tópicos ou de temas e o entrevistador é livre de explorar e clarificar, durante a entrevista, alguns aspetos não totalmente compreendidos.

Segundo (Robson, 2002), dependendo do grau de aprofundamento que se pretende obter nas respostas, a entrevista pode ser de três tipos: totalmente estruturada, semiestruturada e não estruturada.

No caso das entrevistas efetuadas neste estudo, optou-se pelo tipo semiestruturada, que o mesmo autor define como sendo uma entrevista em que as questões já estão pré-determinadas. No entanto, a ordem em que são colocadas pode variar dependendo da perceção do entrevistador, tendo sido elaborados, previamente, guiões das entrevistas.

As entrevistas surgem assim como um remate final ao trabalho de observação, tendo como objetivos gerais: ajudar a interpretar os dados da observação direta e recolher opiniões dos entrevistados acerca da temática e do projeto desenvolvido.

Foi feita uma primeira entrevista a um professor do grupo 600, Artes Visuais, da disciplina de E.V., do concelho de Ílhavo, no dia 28 de junho de 2013, e uma segunda à Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI, no dia de 4 julho de 2013. Ambas as entrevistas tiveram a duração de cerca de quarenta e cinco minutos, tendo sido permitido proceder à gravação áudio das mesmas.

Quanto aos objetivos, as entrevistas estavam divididas em diferentes partes, sendo que no caso da entrevista ao professor do grupo 600 compreendiam os seguintes objetivos:

- **Primeira parte:** conhecer o perfil profissional do entrevistado;

- **Segunda parte:** perceber a opinião sobre a disciplina de E.V.;
- **Terceiro parte:** averiguar a opinião sobre a relação dos alunos com a escola;
- **Quarta parte:** conhecer a opinião sobre a relação dos alunos com a Educação Artística;
- **Quinta parte:** compreender a opinião sobre a relação dos alunos com a disciplina de E.V.;
- **Sexta parte:** apurar a opinião sobre a importância das visitas aos museus e monumentos;
- **Sétima parte:** conhecer a opinião sobre o desenvolvimento e resultado do projeto desenvolvido.

Relativamente à entrevista feita à Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI, traçaram-se os seguintes objetivos:

- **Primeira parte:** conhecer o perfil profissional da entrevistada;
- **Segunda parte:** perceber a opinião sobre a disciplina de E.V.;
- **Terceiro parte:** averiguar a opinião sobre a relação dos alunos com o MMI;
- **Quarta parte:** conhecer a opinião sobre a relação das escolas com o MMI;
- **Quinta parte:** apurar a opinião sobre a importância das visitas aos museus e monumentos;
- **Sexta parte:** conhecer a opinião sobre o desenvolvimento e resultado do projeto desenvolvido.

O tratamento dos dados das entrevistas foi realizado através de análise de conteúdos. Esta consiste “numa técnica de investigação através da qual se viabiliza, de modo sistemático e quantitativo, a descrição do conteúdo da comunicação” (Correia & Pardal, 1995, p.72). Desta forma, é necessário “classificar as unidades de significação criando categorias, introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna” (Bardin, 1991, p.55).

2.5. Validação de instrumentos de investigação

“A validade levanta o problema de saber se o investigador «observa realmente aquilo que pensa estar a observar», isto é, se os dados ou medidas obtidos possuem valor de representação e se os fenómenos estão correctamente denominados ou, seja, se as variáveis que os identificam receberam as designações correctas.”

(Lessard-Hérbert et al., 2008, p.68)

Tendo em conta a necessidade de se certificar o que se deseja observar, aquilo que realmente se observa e se o modo como a observação se desenvolve respondem ao objetivo do estudo (Ketele citado por Lessard-Hérbert et al., 2008), procedeu-se à validação prévia dos instrumentos de recolha de dados.

Para validação científica dos instrumentos de investigação deste estudo, tais como o inquérito por questionário aos alunos e as entrevistas semiestruturadas, foi solicitado um júri integrado por três elementos, de área distintas, para que estes verificassem a consistência dos instrumentos de recolha de dados.

Foram convidadas para este processo uma Professora da área das Metodologias de Investigação da Universidade de Aveiro; uma Professora com especialização em ensino das Artes Visuais, da Universidade de Aveiro e uma Professora do grupo 600, Artes Visuais, da escola participante no estudo, e coordenadora de estágio.

Acrescenta-se que foi feito um levantamento de obras internacionais na literatura, tais como, livros, dissertações e revistas acerca da temática de modo a desenvolver estes instrumentos de investigação.



3. *Farol da Barra* – a construção do projeto

3.1. Definição do tema

Como já foi mencionado anteriormente, o projeto em causa surgiu como resposta à questão de investigação em estudo, mas também para contribuir para o desenvolvimento do tema “Terra e Oceanos”, inserido no PAA, de 2012/2013, da escola em questão.

O Farol pareceu ser o melhor elemento de ligação da Terra aos Oceanos. Como tal, e porque o Farol é um dos ex-libris do concelho de Ílhavo, resolveu-se desenvolver um projeto inteiramente dedicado a este Monumento.

Assim sendo, o trabalho pretendia exaltar a cultura da região através do desenvolvimento de uma maquete do Farol, dando-lhe uma nova imagem visual, totalmente inspirada nos símbolos da região.

3.2. Objetivos do projeto

O principal objetivo do projeto pretendia aproximar o Museu e o Monumento da escola, de modo a que os alunos compreendessem estas duas instituições culturais como espaços potenciadores e facilitadores do processo de ensino na disciplina de E.V.. Deste modo, com a realização deste projeto ambicionou-se:

- Aproximar a escola da comunidade que a rodeia;
- Promover e valorizar o património artístico e cultural da região de uma forma ativa e interventiva, tendo em conta os conhecimentos e experiências dos alunos;
- Fomentar o processo de socialização, de modo a apoiar o desempenho intelectual, em geral, e a capacidade criativa;
- Desenvolver a capacidade de expressão e comunicação, para o desenvolvimento da criatividade;
- Concretizar todo o processo de trabalho através de uma representação tridimensional.

3.3. Parceria com o MMI

A relação entre a Escola e o Museu é determinante na abertura dos horizontes culturais das crianças e adolescentes e, conseqüentemente, na promoção do sucesso escolar. (...) Uma relação sólida entre Escola e Museu permitirá uma aprendizagem baseada no diálogo com a obra de arte, conducente ao acto criativo e à procura pela originalidade.

(Ornelas, 2008, p.174)

Tendo em conta os objetivos atrás definidos foi criada, com a devida antecedência, uma parceria com o MMI, através de um protocolo que proporcionou uma aula no exterior com visita ao Museu e Aquário e, posteriormente, pesquisa de símbolos alusivos à região de Ílhavo na Biblioteca e Arquivo do MMI. No final do ano letivo, com o protocolo estabelecido, proporcionou-se uma apresentação e exposição dos projetos desenvolvidos, com as duas turmas, no Museu. Esta parceria foi criada conjuntamente com uma colega de núcleo de estágio, que se encontrava a desenvolver um projeto com os alunos do 9º ano.

Assim, os contactos estabelecidos com o MMI iniciaram-se no início do 2º período, de modo a planificarem-se, atempadamente, todas as atividades a serem desenvolvidas em conjunto com o Museu.

A relação criada com o Museu foi bastante boa, estabelecendo-se uma entreajuda relevante e enriquecedora para o desenvolvimento de todo o projeto.

3.4. Preparação, implementação e recursos do projeto

Inicialmente foi elaborada a planificação do projeto, tendo em conta a unidade de trabalho a desenvolver.

Neste sentido, com este projeto pretendeu-se que os alunos: reconhecessem elementos de expressão e de composição formal, aplicassem e explorassem elementos da comunicação visual e dominassem processos de referência e inferência no âmbito da comunicação visual.

As estratégias aplicadas, para cumprimento dos objetivos supramencionados, foram desenvolvidas através das seguintes atividades:

- **atividade 1:** desenho expressivo, através de projeção do Farol da Barra, em contexto de sala de aula (trabalho individual);
- **atividade 2:** aula de exterior com visita ao MMI, ao aquário dos bacalhaus e à Biblioteca e Arquivo do Museu, para pesquisa de motivos alusivos à fauna marítima/símbolos culturais da região e para pesquisa sobre Farol da Barra (trabalho individual);
- **atividade 3:** desenvolvimento de logótipo para o Farol da Barra (trabalho individual);
- **atividade 4:** aula de exterior no Farol da Barra de modo a proceder-se ao desenho expressivo do mesmo, através da observação direta (trabalho individual);
- **atividade 5:** desenvolvimento de maquete do Farol da Barra (trabalho de grupo-turma) com criação de nova imagem visual para as listas vermelhas do Farol, através de elementos tradicionais da região de Ílhavo (trabalho de grupo);
- **atividade 6:** desenvolvimento de cartaz para a inauguração de exposição no MMI (trabalho de grupo).

Assim, inicialmente, foi exposta uma apresentação explicativa do projeto e das suas diferentes fases aos alunos, de modo a que estes tivessem a noção do que iriam realizar, compreendessem o motivo da atividade e o porquê das visitas de estudo/aulas de exterior. Ao longo do período letivo, foram sendo feitas apresentações e explicações dos princípios fundamentais do Design (Design Comunicação e Design Industrial), de acordo com cada atividade.

A sequência das atividades nem sempre foi a pretendida, visto que as visitas de estudo/aula de exterior ao MMI e ao Farol da Barra tiveram de respeitar os parâmetros estabelecidos quer pela escola quer pelo próprio Museu.

Deste modo, para a execução das diferentes atividades foram definidos, em conformidade com a professora cooperante, todos os materiais necessários ao desenvolvimento do projeto, sendo que, parte dos materiais seriam da responsabilidade dos alunos e outros fornecidos pela escola ou pela professora responsável pelo projeto.

Para o desenvolvimento da maquete a uma escala minimamente representativa (1:40), optou-se por adquirir uma estrutura cônica em metal, para ambas as turmas, pois a construção da mesma em sala de aula seria completamente impossível, por falta de recursos. Quanto à iluminação/circuito elétrico do topo do Farol também foi desenvolvida fora da escola, através de um pirilampo cedido por uma colega do núcleo de estágio, dado que a tentativa de interdisciplinaridade com as disciplinas do grupo de Ciências e de Educação Tecnológica, para o desenvolvimento deste elemento, não se verificou. Como reitera Roldão (2009) “A interdisciplinaridade curricular visa, antes de mais, a criação de espaços de trabalho conjunto e articulado em torno de metas educativas. A organização escolar resiste a isso, porque está estruturada e pensada de outro modo” (p.35).

Para além da estrutura e da iluminação, também foi cedido pela professora responsável do projeto lixas, tinta primária, diluente, cartão prensado, papel de seda, tiras de gesso, cola branca e balsa. Ao encargo da escola ficaram as tintas acrílicas e os pincéis. Aos alunos foram pedidas folhas de papel cavalinho, tamanho A4 e A3, lápis de grafite, lápis de cor, marcadores e computador (facultativo).

Também foram desenvolvidas fichas de apoio para as visitas de estudo ao MMI e ao Farol da Barra, assim como, para o desenvolvimento do logótipo. (cf. Anexo VI).

3.5. Desenvolvimento do projeto – análise e discussão dos dados

A relevância de qualquer investigação depende, essencialmente, da forma como o investigador analisa e interpreta os dados que recolhe. Trata-se de uma etapa fundamental para a compreensão do(s) fenómenos(s) em estudo, uma vez que é a partir da análise e interpretação dos dados que o investigador extrai conclusões e divulga os resultados do estudo realizado.

(Morgado, 2012, p.113)

Os dados foram sendo analisados ao longo do desenvolvimento do projeto. De acordo com Stake (2012), a análise dos dados implica fracionar, levando o investigador a centrar-se num elemento particular da situação em estudo, mas sem nunca deixar de relacionar a parte com o todo, sempre que necessário. Também Correia e Pardal (1995) afirmam que a “informação vinda da amostra sustenta dados empíricos relevantes para a compreensão do fenómeno ou objecto de estudo” (p.88).

Deste modo, o desenvolvimento do projeto *Farol da Barra* deu-se no decorrer do 3º período. Como tal, dada a curta duração deste período, as datas das exposições e o próprio cansaço dos alunos, na fase final do ano, foi imperial estabelecer prazos para as diferentes atividades. Assim sendo, tal como já foi referido, a par das diferentes atividades foram sendo expostos e analisados os conteúdos correspondentes a cada uma atividade. Logo, no que diz respeito à organização dos conteúdos, houve a preocupação de que estes fossem apresentados aos alunos de uma forma encadeada e não de uma forma abstrata, estando sempre de acordo com cada atividade.

Foram sempre usadas estratégias pedagógicas diversificadas, centradas no aluno, levando-o a construir o seu próprio conhecimento. Assim, ao longo do desenvolvimento das diferentes atividades, o trabalho individual, de grupo e de grupo-turma foram sempre sendo explorados, de modo a que os alunos experienciassem diferentes modos de trabalho. Com o trabalho individual pretendia-se avaliar o grau de aprendizagem de cada aluno. Já com o trabalho de grupo e de turma ambicionava-se uma partilha de conhecimentos no desenvolvimento do projeto, pois tal como afirma Branco (1997) “O conhecimento partilhado pelo grupo não é estático e vai sendo construído no desenvolvimento do projecto à medida que os problemas e as questões vão sendo partilhados, se concebem alternativas/soluções” (p.80). Também Oliveira-Formosinho e Formosinho (2011), já citados, elegem o grupo-turma como grupo de aprendizagem, onde o conceito de *togetherness* de Dewey prevalece, pois enaltece as interações e relações entre os alunos.

Dadas as limitações horárias da disciplina de E.V., assim como, a curta duração do 3º período, foi necessário promover uma aula extracurricular, de carácter não obrigatório, para que os alunos com o trabalho mais atrasado conseguissem concluir a sua tarefa na maquete do Farol, de modo a poderem ver o projeto da turma exposto “Na Rota do Bacalhau”.

No decorrer da realização do projeto, o professor, que também era o investigador, foi auxiliando e orientando os alunos, especialmente os alunos NEE, tentando interferir o menos possível nas opções dos mesmos.

Como foi mencionado anteriormente, o desenvolvimento do projeto *Farol da Barra* dividiu-se em seis atividades. Em seguida serão relatadas e analisadas as diferentes atividades do projeto e os dados que delas resultaram, assim como, o inquérito por questionário e os inquéritos por entrevista.

3.5.1. Desenho de observação através de projeção em sala de aula

A primeira atividade foi antecedida pela exposição da matéria sobre a história do Design, e as suas diferentes áreas. Nesta altura também ocorreu a apresentação do projeto *Farol da Barra* e seus objetivos, de modo a que os alunos compreendessem todas as fases e prazos do processo, assim como, o porquê da atividade e o motivo das visitas de estudo/ aulas de exterior. Foi também comunicado aos alunos que o projeto final seria apresentado no MMI. Os alunos de ambas as turmas, na sua maioria, mostraram-se bastante entusiasmados com o projeto e com o facto deste ser apresentado no Museu. Ainda consideraram interessante a cultura e os símbolos da sua região se encontrarem na base do trabalho (cf. Anexo I, notas de campo nºs 5 e 8).



Figura 1 – Desenho de observação através de projeção em sala de aula

Entretanto, iniciou-se o desenvolvimento do desenho de observação do Farol da Barra, através da projeção deste. Assim, com esta atividade ambicionava-se a exploração do desenho de observação, produzindo desenhos fiéis à realidade, respeitando as proporções e as formas reais da imagem. Também se pretendia a exploração de diferentes tipos de traçados e síntese, através do desenho do essencial, dado que a atividade dividia-se em três desenhos com diferentes limites de tempo: 1 minuto, 5 minutos e 30 minutos. A par destes objetivos técnicos, também se desejava aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o edifício. Tal como profere Massironi (1989) o desenho é um meio de comunicação de grande simplicidade técnica, constituído por um determinado traçado sobre uma dada superfície.

Para esta atividade os alunos só poderiam utilizar lápis de grafite, lápis de cor, para além das folhas de papel cavalinho. No entanto, ao longo do desenvolvimento da atividade verificou-se que alguns alunos recorreram à régua e à borracha, perdendo, muitas vezes, tempo para concluir o desenho no tempo estabelecido e desvirtuando o sentido do desenho de observação.

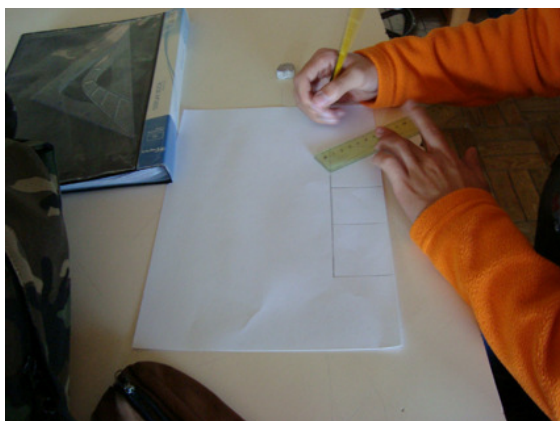


Figura 2 – Desenho de observação I



Figura 3 – Desenho de observação II

A maioria dos alunos também estava bastante relutante com os tempos definidos para a atividade, acabando por não conseguirem concluir os desenhos com os períodos de 1 minuto e 5 minutos, pois, à medida que o tempo passava referiam frases como: “Ah, eu não consigo fazer!”, “Isso é impossível!”, “Eu não sei desenhá-lo!” (cf. Anexo I, notas de campo n.ºs 5 e 8). No entanto, destacaram-se alguns alunos pela destreza e expressividade dos seus desenhos.



Figura 4 – Desenho de observação III

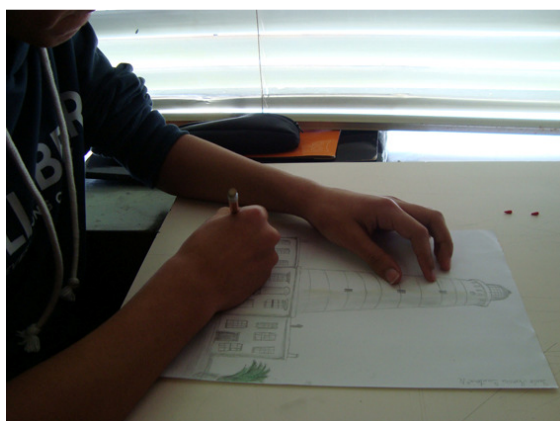


Figura 5 – Desenho de observação IV

No final da primeira fase do projeto, pôde-se concluir que:

- Os alunos se sentem motivados quando os projetos são expostos à comunidade e quando tem por base a cultura da sua região;

- O desenho de observação, com curto intervalo de tempo, não é bem aceite pelos alunos, pois estes consideram impossível desenvolver um desenho em tão pouco tempo;
- Ao nível do desenho de observação, a maioria dos alunos apresenta falta de destreza na representação por observação, assim como, imaturidade nos traços, levando-os a tentar recorrer à régua.

Segundo Sousa (2003b) a “falta de habilidade técnica para desenhar o que deseja, com a perfeição igual ao que vê coloca alguns problemas (...) Algumas crianças, muito críticas em relação ao seu trabalho, perdem, frequentemente, a criatividade” (p.205).

3.5.2. Aula de exterior com visita ao MMI

O estabelecimento de competências essenciais a adquirir pelos alunos ao nível da educação básica prevê uma participação activa da escola na sua relação com o património, pelo que a Escola deverá ser, por um lado, impulsionadora do contacto com diferentes correntes estéticas e, por outro, motor do conhecimento do património artístico local.

(Ornelas, 2008, p.174)

Como referido anteriormente, foi estabelecida uma parceria com o MMI, de modo a proporcionarem-se aulas de exterior no Museu e, posteriormente, desenvolver-se a apresentação e exposição dos projetos na mesma instituição.

Assim, as visitas ao MMI foram devidamente planificadas de forma a serem aprovadas tanto pelo Museu como pelo Conselho Pedagógico da escola. Após a aprovação, primeiro do Museu e depois da escola, iniciou-se a distribuição, nas duas turmas, das autorizações para a visita de estudo/aula de exterior, para que desta vez fossem os Encarregados de Educação (EE) a autorizarem a participação dos seus educandos na visita de estudo. Como tal, na distribuição das autorizações foi devidamente explicado o propósito da visita, a sua importância e a sua ligação com o projeto que se estava a desenvolver. Inicialmente os alunos ficaram satisfeitos com a visita de estudo. No entanto, visto que a visita se realizaria numa quarta-feira à tarde, levou a que a maioria dos alunos mudasse de postura, tecendo comentários tais como: “*Tenho explicações!*”, “*Tenho treino!*”, “*Tenho desporto escolar!*” e até “*Se fosse de manhã para faltarmos às aulas!*”, “*Já conheço o MMI!*” (cf. Anexo I, notas de campo nºs 1 e 2). Como se pode

averiguar, o dia e o horário da visita de estudo conduziram à total desmotivação da maioria dos alunos, apesar de se realçar que esse era o único dia que a escola permitia para a realização de visitas no 3º período.

Como tal, apenas cinco alunos da turma Verde e nove da turma Azul participaram na visita de estudo. Foi acionado o seguro escolar para as duas turmas, mas para dias diferentes, pois tinha sido acordado com o MMI, que as visitas seriam compartilhadas pelas turmas do 8º ano e 9º ano, de modo a que a turma maior do 8º ano partilha-se a visita com a turma menor do 9º ano e vice-versa. Desta forma, também poderiam aproveitar para partilharem conhecimentos. Assim, as visitas/aulas de exterior realizaram-se no dia 3 de abril de 2013, com a turma Verde e um turma de 9º ano, e no dia 10 de abril de 2013, com a turma Azul e uma outra turma de 9º ano.



Figura 6 – Visita de estudo ao MMI I



Figura 7 – Visita de estudo ao MMI II

Ambas as visitas foram dirigidas por uma guia do MMI que foi descrevendo e explicando todo o percurso e espólio do Museu. Esta guia também preparou a aula de pesquisa na Biblioteca e Arquivo do MMI.

Durante a visita os alunos estavam bastante atentos às explicações da guia do MMI, tendo ficado maravilhados com o Aquário do Bacalhaus, colocando várias questões (cf. Anexo I, notas de campo nºs 6 e 10).



Figura 8 – Visita de estudo ao Aquário

Na Biblioteca e Arquivo do MMI o ambiente vivido foi muito tranquilo e agradável, talvez pelo facto de em ambas as visitas o número de alunos não ser excessivo.



Figura 9 – Aula de pesquisa na biblioteca do MMI I

Com o intuito de facilitar a pesquisa na biblioteca foi distribuída pelos alunos uma ficha de apoio para que os alunos efetuassem um *brainstorming* (“chuva de ideias” – palavras soltas associadas à cultura/símbolos da região) e, posteriormente, elaborassem alguns esboços.



Figura 10 – Aula de pesquisa na biblioteca do MMI II

Ao longo da pesquisa, os alunos foram desenvolvendo uma lista de palavras associadas à cultura/símbolos da região e, conseqüentemente, alguns esboços de possíveis símbolos a incluírem na maquete do projeto *Farol da Barra*.

Figura 11 – Ficha de apoio a visita ao MMI de aluno da turma Azul

Alguns alunos mostraram-se mais empenhados que outros, tendo sido notada uma diferença substancial entre a turma Azul e a turma Verde. No que diz respeito à turma Azul alguns alunos efetuaram esboços bastante expressivos e alusivos ao tema, que, mais tarde, serviram de mote para a sua reinterpretação das listas do Farol.

No final da visita/aula de exterior foi evidente a satisfação dos alunos, de ambas as turmas, com todas as aprendizagens adquiridas, bem como com a partilha de conhecimentos com os alunos do 9º ano na execução do Nós de Marinheiro.



Figura 12 – Aula de pesquisa na biblioteca do MMI III

Com esta visita de estudo/aula de exterior pretendia-se que os alunos adquirissem algumas competências, com base no CNEB, que prevê a promoção de projetos de pesquisa em artes, valorizando o património artístico. Deste modo, esperava-se que os alunos desenvolvessem as seguintes competências:

- Desenvolver a capacidade de pesquisa;
- Adquirir conceitos relacionados com a sua região;
- Desenvolver a capacidade de expressão e comunicação;
- Desenvolver o processo de socialização, de modo a apoiar o desempenho intelectual em geral e a capacidade criativa.

Assim, no final desta atividade pôde-se concluir que, de um modo geral, os alunos adquiriram as competências atrás descritas. Para além disto, conseguiram aproveitar positivamente a visita para o desenvolvido do projeto *Farol da Barra*, tendo sido evidente a ajuda que estes alunos prestaram, em ambiente de sala de aula, aos restantes colegas que não participaram nesta visita ao MMI.

3.5.3. Criação de logótipo

Mollerup (1997) profere que as marcas são identificadores visuais que indicam a natureza do produto ou da empresa, tendo como principal função a identificação, descrição e criação de valor.

Neste sentido, esta atividade tinha como principal objetivo a criação de um logótipo identificativo do Farol Barra, tendo como principal preocupação o caráter institucional e cultural do espaço. Como tal, a atividade foi antecedida pela exposição da matéria relativa ao Design de Comunicação, incidindo no logótipo: função e modo de construção.

Para auxiliar os alunos foi distribuída uma ficha de apoio, onde os alunos deveriam desenvolver um *brainstorming* alusivo ao Farol da Barra, para posteriormente, desenvolverem os primeiros estudos. A lista de palavras associadas ao logótipo foi elaborada sem grandes dificuldades pela maioria dos alunos. No entanto, foi evidente que quase todos recaíram nas mesmas palavras, entre outras, farol (edifício), riscas, luz, mar, barcos, bacalhau. Esta situação conduziu a que a maioria dos alunos desenvolvesse logótipos cujo símbolo era o próprio edifício, muitas vezes associado ao mar (cf. Anexo I, notas de campo nºs 9, 11, 12 e 14).

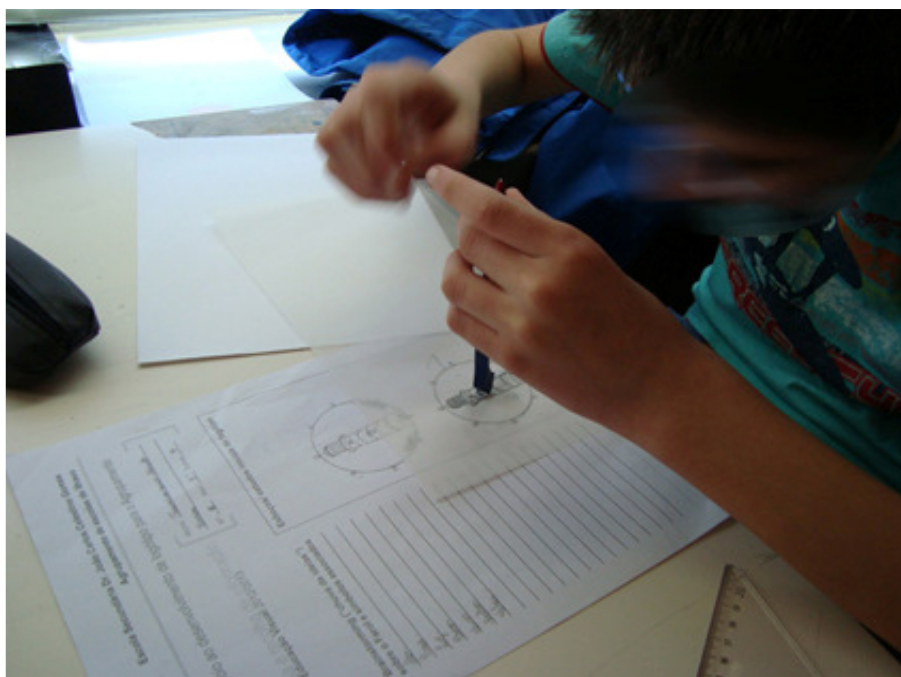
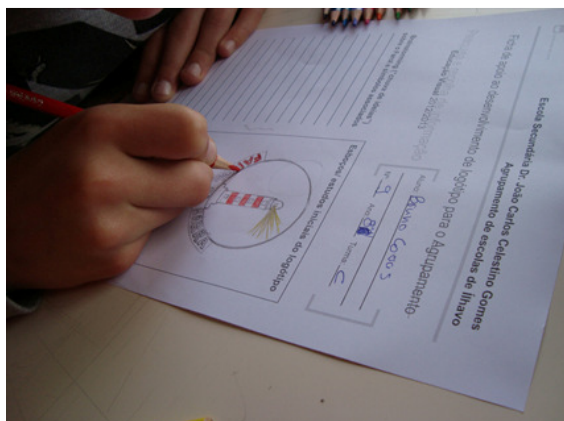


Figura 13 – Criação de logótipo I



Poucos foram os alunos que tiraram partido do *lettering* para o desenvolvimento do seu logótipo, no entanto, verificou-se que alguns recorreram ao *lettering* associado a alguma simbologia do Farol, como por exemplo, projeção da luz. Também se deve salientar que alguns alunos utilizaram a inicial como ponto central do seu logótipo.

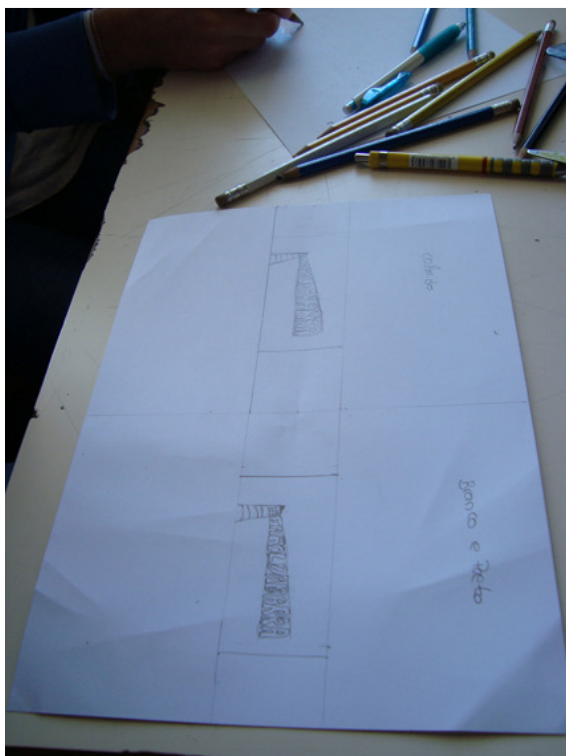


Figura 18 – Criação de logótipo VI

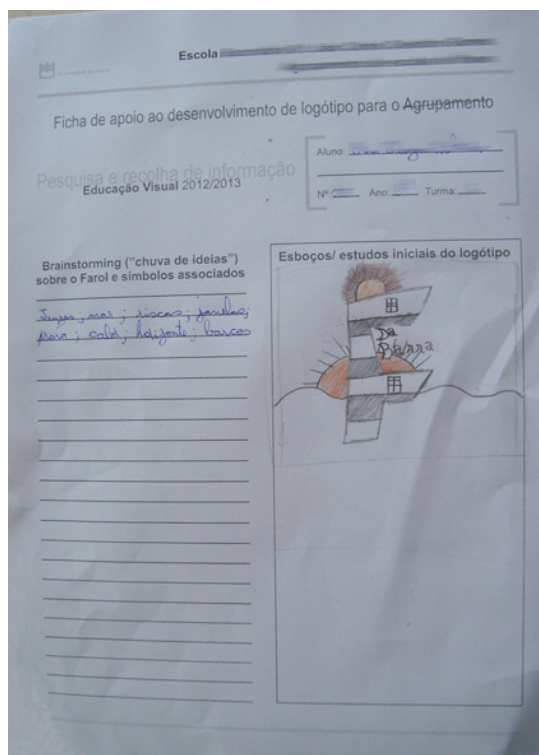


Figura 19 – Criação de logótipo VII

Também dois alunos, um da turma Verde e outra da turma Azul, desenvolverem o seu logótipo de forma digital. No caso da aluna da turma Azul houve a ajuda por parte da professora/investigadora, dado que a aluna não tinha grandes noções ao nível digital. Já o aluno da turma Verde desenvolveu o logótipo digital sozinho, não em ambiente de sala de aula, mas como trabalho de casa.



Figura 20 – Criação de logótipo VIII



Figura 21 – Exemplo logótipo I



Figura 22 – Exemplo logótipo II

Na turma Verde foram evidentes as dificuldades dos alunos NEE, apesar destes terem sido acompanhados e auxiliados, frequentemente, pois de acordo com a investigação desenvolvida no início do ano letivo, em conjunto com as colegas de núcleo de estágio, a maioria dos professores de Artes Visuais inquiridos concordam que é necessário um acompanhamento mais individualizado aos alunos NEE (Garcez, Grave, Mota & Souza, 2013). No entanto, uma das alunas com NEE, apesar das suas dificuldades, nunca desistiu de alcançar os objetivos da atividade, persistindo e pedindo ajuda sempre que necessitava. Já os outros dois alunos não desenvolver a atividade com o mesmo empenho que a colega, por mais tentativas de incentivo que lhes fossem dadas, acabando por não cumprirem os objetivos da tarefa na totalidade.

No final da atividade foi notório o interesse por parte da maioria dos alunos, pois estes responderam à proposta de uma forma bastante positiva, destacando-se alguns deles pela simplicidade e harmonia dos seus logótipos. Realçaram-se dois alunos que quiseram desenvolver o seu logótipo de forma digital. Foi também evidente que, ao longo da realização da atividade, as maiores dificuldades surgiram ao nível da exploração do *lettering*, pois foi muito pouco explorado e trabalhado, denotando-se alguma imaturidade neste campo.

Ainda é importante ressaltar que esta atividade foi mais longa do que estava definido previamente, visto que a maioria dos alunos teve a necessidade de acabar o logótipo em casa, dado que as duas aulas pré-estipuladas não foram suficientes para a conclusão da tarefa.

3.5.4. Aula de exterior no Farol da Barra

A aula de exterior no Farol da Barra foi promovida para que alunos pudessem perceber o Farol mais de perto e com um olhar mais crítico e observador, de modo a analisarem todos os pormenores do Monumento. Esta atividade, para além de complementar a visita ao MMI, também, veio no seguimento da atividade 1 - desenho de observação através de projeção em sala de aula. Logo, esta atividade também pressupunha o desenvolvimento de três desenhos com diferentes limites de tempo: 1 minuto, 5 minutos e 30 minutos.

Deste modo, com esta atividade pretendia-se o desenvolvimento do desenho de observação, produzindo desenhos fiéis à realidade, respeitando as proporções e as formas reais do edifício. Com tal, ambicionava-se que os alunos, através da observação à vista do Farol, conseguissem desenhar o máximo de pormenores e com o maior realismo e expressividade possíveis, num período de tempo de 30 minutos.



Figura 23 – Aula de exterior ao Farol I

Assim, à chegada ao local foi, novamente, explicado o propósito desta aula de exterior e qual a sua ligação com o projeto que estavam a desenvolver. Entretanto, foi, também, distribuída pelos alunos uma ficha de apoio com a explicação das duas atividades a desenvolver.

A primeira atividade pressupunha que os alunos observassem o edifício, de diferentes ângulos, e apontassem tudo o que reconhecessem como necessário e pertinente para o desenvolvimento do projeto *Farol da Barra* (cf. Anexo I, nota de campo nº 13).

A segunda atividade estabelecia o desenvolvimento do desenho de observação do edifício em três tempos distintos. Como tal, inicialmente, deu-se a volta ao Farol, de modo a que os alunos pudessem perceber todos os detalhes do Monumento. Posteriormente, os alunos posicionaram-se na rotunda, em frente ao Farol, para melhor desenvolverem os desenhos de observação.



Figura 24 – Aula de exterior ao Farol II

Para esta atividade, tal como na atividade 1, os alunos só poderiam utilizar lápis de grafite, lápis de cor, para além das folhas de papel cavalete.

Apesar do ambiente descontraído e agradável, alguns alunos continuavam relutantes com os tempos definidos para a atividade, acabando por não conseguirem concluir os desenhos de 1 e 5 minutos, considerando que o tempo estabelecido não o permitia.



Figura 25 – Aula de exterior ao Farol III



Figura 26 – Aula de exterior ao Farol IV

Também se verificou que dois alunos encararam a visita como um mero divertimento, não se preocupando com a execução da atividade.

No entanto, destacaram-se alguns alunos pela destreza, síntese, expressividade e traços dos seus desenhos. Foi, ainda, notório que a observação direta do Monumento permitiu uma maior expressividade nos desenhos da maioria dos alunos.



Figura 27 – Aula de exterior ao Farol V



Figura 28 – Desenho de observação à vista I



Figura 29 – Aula de exterior ao Farol VI



Figura 30 – Desenho de observação à vista II

No final da aula de exterior ao Farol da Barra notou-se que:

- A maioria dos alunos se sentiam motivados com as aulas de exterior, criando-se um ambiente tranquilo e agradável;

- Mais uma vez o desenho de observação com curta duração de tempo não foi bem aceite pelos alunos, pois estes acham impossível desenvolver um desenho em tão pouco tempo;
- No desenho de observação direta do Monumento grande parte dos alunos apresentaram uma maior facilidade de captação do essencial nos desenhos de 1 e 5 minutos, assim como, do pormenor nos desenhos de 30 minutos, tornado os desenhos mais expressivos.

3.5.5. Materialização tridimensional de Farol da Barra

Esta atividade desenvolveu-se ao longo de seis aulas de noventa minutos cada, tendo sido dividida em várias fases.

Na primeira aula foi exposta uma apresentação com a explicação das diferentes fases desta atividade. Entretanto, iniciou-se a atividade com o desenvolvimento dos estudos da nova imagem visual para as listas do Farol, recorrendo à pesquisa já feita na visita ao MMI, ou, no caso dos alunos que não participaram, na pesquisa que tinha sido solicitada como trabalho de casa. No entanto, como nem todos tinham feito a pesquisa, foi proposto uma ida à biblioteca, em tempo de aula, sob a vigilância da professora cooperante. No entanto, como os dois primeiros grupos tiveram comportamentos impróprios, decidiu-se abandonar esta estratégia (cf. Anexo I, notas de campo nºs 15 e 16).

O estudo da nova imagem visual das listas do Farol foi desenvolvido em pequenos grupos, anteriormente criados em cooperação com os alunos. Apenas dois alunos foram conduzidos a determinados grupos pela professora/investigadora.

A par desta tarefa, os alunos, ao longo das seis aulas, foram desenvolvendo tarefas associadas à construção da maquete: lixar e pintar a estrutura metálica; planificação, corte, colagem, revestimento e pintura dos três módulos para o edifício inferior; elaboração de campânula para topo do Farol; colagem de portas, janelas e colunas nos módulos do edifício inferior. No decorrer de todas as tarefas foi sempre realizada uma introdução prévia acerca da técnica a ser utilizada.

Ao longo das diferentes atividades pretendia-se que os alunos desenvolvessem uma série de competências:

- Participar ativamente no processo de trabalho;
- Realizar o projeto aplicando e explorando elementos de comunicação visual;
- Desenvolver a capacidade de socialização, promovendo a partilha de conhecimentos, de espaço, materiais e equipamentos;
- Utilizar diferentes técnicas de trabalho;
- Desenvolver diferentes processos de trabalho: trabalho individual, trabalho em pequenos grupos e trabalho de grupo-turma.

Durante a realização de todas as tarefas afetas a esta atividade foi evidente que a turma Azul tinha um maior ritmo de trabalho e melhor capacidade de partilha do espaço e dos materiais, apesar de ser uma turma bastante grande e agitada. Em contrapartida, a turma Verde era uma turma mais tranquila, mas com algumas dificuldades quer ao nível criativo, quer ao nível de ritmo de trabalho (cf. Anexo I, notas de campo nºs 19 e 20).

Durante a concretização da nova imagem visual das listas do Farol, os alunos foram-se revezando, entre esta tarefa e as tarefas ligadas à maquete, tendo sido evidente que alguns alunos se dedicavam mais à tarefa das listas do Farol e outros às tarefas mais práticas da maquete.

Ao nível da nova imagem visual das listas do Farol foi pedido a cada grupo que desenvolve-se dois estudos (cf. Anexo VII) para, posteriormente, se seleccionar um deles, de modo a criar uma sequência harmoniosa ao longo da maquete. Alguns grupos realizaram mais que dois estudos e, em alguns casos, tentou-se conjugar os dois estudos numa mesma lista do Farol.



Figura 31 – Estudo para listas do Farol I



Figura 32 – Estudo para listas do Farol II



Figura 33 – Estudo para listas do Farol III

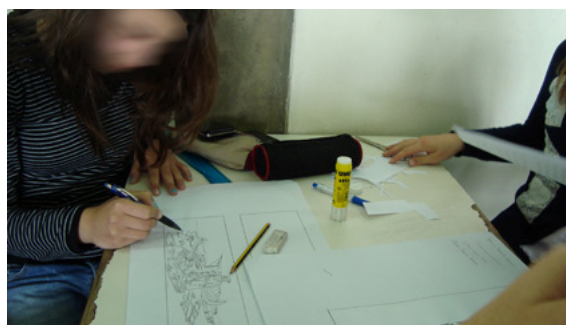


Figura 34 – Estudo para listas do Farol IV



Figura 35 – Estudo para listas do Farol V



Figura 36 – Estudo para listas do Farol VI

No final da execução dos estudos para a nova imagem visual das listas do Farol foi feita uma seleção dos estudos a serem passados para a estrutura metálica.



Figura 37 – Preparação maquete I

Ao nível da estrutura metálica os alunos foram desenvolvendo as diversas tarefas, necessárias para a construção da mesma. Assim sendo, começaram por lixar a estrutura, de modo a que esta pudesse receber e agarrasse melhor as diversas pinturas. De seguida, passou-se para a fase de pintura, começando-se por uma primeira pintura com primário, de modo a preparar a superfície, para depois se dar duas camadas com tinta plástica branca (cf. Anexo I, notas de campo nºs 17 e 18).

A par desta tarefa, alguns alunos foram pintando ripas de balsa que iriam ser, posteriormente, coladas nos módulos do edifício, representando as arestas do mesmo.



Figura 38 – Preparação maquete II

Entretanto, outros alunos foram desenvolvendo a estrutura dos três edifícios inferiores do Farol, através da planificação em cartão prensado e posterior corte e colagem. Posto isto, passaram à cobertura dos três módulos do edifício através da técnica do papel machê, começando com a colagem, recorrendo a cola branca, a papel jornal e finalizando com papel de seda. Após a secagem do papel passaram à pintura final dos módulos do edifício. Para finalizar esta tarefa foram coladas as ripas de balsa, assim como, as portas e janelas dos edifícios, que foram impressas em papel autocolante (cf. Anexo I, notas de campo nºs 23, 24 e 25).



Figura 39 – Preparação maquete III



Figura 40 – Preparação maquete IV



Figura 41 – Preparação maquete V



Figura 42 – Preparação maquete VI



Figura 43 – Preparação maquete VII



Figura 44 – Preparação maquete VIII



Figura 45 – Preparação maquete IX



Figura 46 – Preparação maquete X



Figura 47 – Preparação maquete XI

Foi também elaborada a campânula do topo do Farol, novamente usando a técnica do papel machê, complementada com a utilização de tiras de gesso.

Deste modo, para a elaboração da campânula foi necessário a utilização de um balão, cola branca, papel de jornal e tiras de gesso.

A tarefa iniciou-se com a aplicação de tiras de jornal humedecidas em cola branca sobre o balão. Após a secagem passou-se à aplicação de tiras de gesso humedecidas em água, de modo a estruturar devidamente a campânula.

Entretanto, após a secagem cortou-se a semiesfera da campânula, separando-a do balão.



Figura 48 – Preparação maquete XII

Para finalizar esta tarefa passou-se à pintura da campânula e à colagem da mesma a um cilindro elaborado com polipropileno.

Ao mesmo tempo que decorriam estas tarefas os alunos também começaram a passar os seus desenhos para a estrutura metálica. A divisão da estrutura em dozes listas foi previamente executada pela professora/investigadora com a ajuda de uma colega de núcleo de estágio (cf. Anexo I, notas de campo nºs 21 e 22).

Assim, os alunos foram-se organizando à volta da estrutura de modo a que, simultaneamente, mais que um grupo pudesse passar o seu desenho para a lista atribuída ao seu grupo.



Figura 49 – Preparação maquete XIII



Figura 50 – Preparação maquete XIV

Após a passagem dos desenhos para a estrutura os alunos começaram a fase de pintura dos mesmos, voltando a organizar-se em torno da estrutura metálica ordeiramente.

A Comissão Administrativa Provisória (CAP), sabendo que estavam a ser desenvolvidas duas maquetes do Farol, pediu que estas fossem expostas no fim de semana da



maratona “Na Rota do Bacalhau”. Como tal, foi necessário propor aos alunos, que ainda não tinham terminado a fase da pintura das listas do Farol, uma aula extra para a conclusão da maquete a tempo do evento. Nem todos os alunos puderam participar na aula extra, no entanto, participaram oito alunos de diferentes grupos, das duas turmas.

No decorrer da aula extra o ambiente foi bastante agradável e amigável, dado que os alunos não encararam a aula como uma obrigação, mas antes como uma ajuda para terminarem o seu trabalho (cf. Anexo I, nota de campo nº 26).

Figura 51 – Preparação maquete XV

No final da elaboração da maquete foi evidente a motivação e interesse dos alunos, tendo esta sido a atividade onde os alunos mais se empenharam. Como já exposto anteriormente, foi também notório um certo desfasamento entre as duas turmas, dado que a turma Azul apresentou um maior ritmo de trabalho, melhor capacidade de concentração, organização e partilha do espaço e dos materiais, apesar de uma turma bastante grande e agitada. A turma Verde apesar de mais tranquila, demonstrou algumas dificuldades quer ao nível criativo, quer ao nível de ritmo de trabalho, atrasando-se em relação à turma azul (cf. Anexo I, notas de campo nºs 27 e 28).

Relativamente, à divisão das tarefas por trabalho de pequeno grupo e grupo-turma levou a que alguns alunos, especialmente os alunos com NEE, se descurassem das tarefas do pequeno grupo, deixando o desenvolvimento do estudo das listas do Farol ao encargo dos seus colegas, para se dedicarem às tarefas do grupo-turma, como por exemplo, lixar, pintar, colar módulos dos edifícios, entre outras. Nesta etapa foi-se concluindo que, muitas vezes, os grupos de trabalho podem levar à desmotivação de alguns elementos, caso a escolha não seja devidamente feita, tornando o grupo instável, tal como foi o caso de um grupo da turma Verde. No entanto, a divisão das tarefas por diferentes tipos de

trabalho, individual, de pequeno grupo e de grupo-turma, proporcionou aos alunos, de um modo geral, experiências completamente distintas e uma maior partilha de conhecimentos.

As aulas de exterior no MMI e no Farol da Barra ajudaram os alunos no desenvolvimento do projeto, tendo-se verificado que os estudos da nova imagem visual das listas do Farol, dos alunos que participaram nas aulas de exterior, se basearam na pesquisa feita durante estas aulas. Também se confirmou que a observação direta do Farol da Barra, durante a aula de exterior, permitiu um melhor desenvolvimento da maquete do mesmo.

No final pôde-se ainda averiguar que o resultado de ambas as maquetes superou todas as expectativas quer ao nível de empenho e interesse dos alunos quer ao nível do resultado final (cf. Anexo I, notas de campo nºs 27 e 28).

3.5.6. Concretização de cartaz

Esta atividade tinha como principal objetivo o desenvolvimento de um cartaz para a exposição e apresentação das maquetes do Farol desenvolvidas pelas duas turmas de 8º ano, assim como, do projeto *Bacalhau* desenvolvido pelas duas turmas do 9º ano, orientadas pela colega de núcleo de estágio. Como tal, a atividade foi antecedida pela exposição dos conteúdos alusivos ao design de um cartaz: função e modo de construção.



Figura 52 – Concretização de cartaz I



Figura 53 – Concretização de cartaz II

Ao longo da exposição destes assuntos, os alunos já evidenciavam bastante cansaço e pouca paciência para os conteúdos mais teóricos, o que levou a que durante a realização do cartaz não demonstrassem o mesmo empenho manifestado nas restantes atividades. Contudo, destacaram-se alguns grupos pela dedicação, esforço e interesse demonstrados

na concretização do cartaz, assim como, pela coerência e composição do mesmo, especialmente da turma Azul, que, mais uma vez, se diferenciou da turma Verde.



Figura 54 – Concretização de cartaz III



Figura 55 – Concretização de cartaz IV



Figura 56 – Exemplo cartaz I



Figura 57 – Exemplo cartaz II

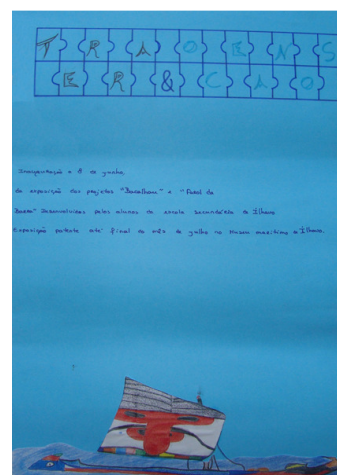


Figura 58 – Exemplo cartaz III

Ao nível do *lettering* denotou-se alguma imaturidade por parte de alguns grupos, encontrando-se os textos complementares do cartaz colocados de uma forma um pouco primária e rudimentar. Porém, alguns demonstraram alguma preocupação na criação do *lettering* do título, concentrando aí todo o seu esforço (cf. Anexo I, notas de campo nºs 27 e 28).

Dois grupos da turma Verde propuseram-se a desenvolver o cartaz de forma digital (cf. Anexo I, nota de campo nº 24). No entanto, apenas um do grupo concluiu a atividade, finalizando o cartaz em casa, dado que o número de aulas para esta atividade, no caso da turma Verde, foi menor do que na turma azul. Esta situação conduziu a que a maior parte dos alunos tivesse que terminar a tarefa em casa.

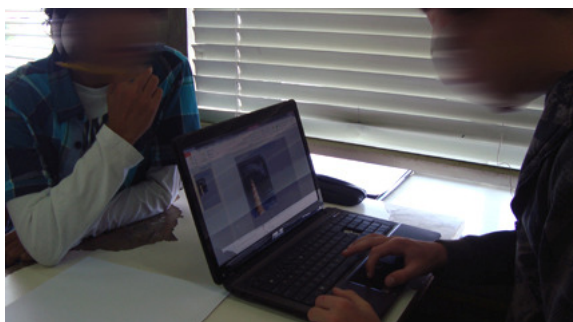


Figura 59 – Concretização de cartaz V



Figura 60 – Concretização de cartaz VI

No final da atividade foi patente o cansaço que a maioria alunos já revelava, dado o período em questão, final do ano. Consequentemente, a elaboração do cartaz foi realizada de forma um pouco descuidada.



Figura 61 – Exemplo cartaz IV

No entanto, evidenciaram-se alguns grupos pela harmonia e composição dos seus cartazes, assim como, se destacou um grupo da turma Verde que desenvolveu o cartaz de forma digital. Tal como na criação do logótipo, foi evidente que as maiores dificuldades surgiram na exploração do *lettering*, tendo este sido muito pouco explorado e trabalhado, denotando-se alguma imaturidade neste campo. Para a elaboração dos cartazes a maioria dos grupos também se baseou na pesquisa feita durante as aulas de exterior ao MMI e ao Farol da Barra, tendo sido aproveitado por alguns grupos partes dos estudos da nova imagem visual das listas do Farol.

3.5.7. Exposição “Na Rota do Bacalhau” e na Semana Aberta

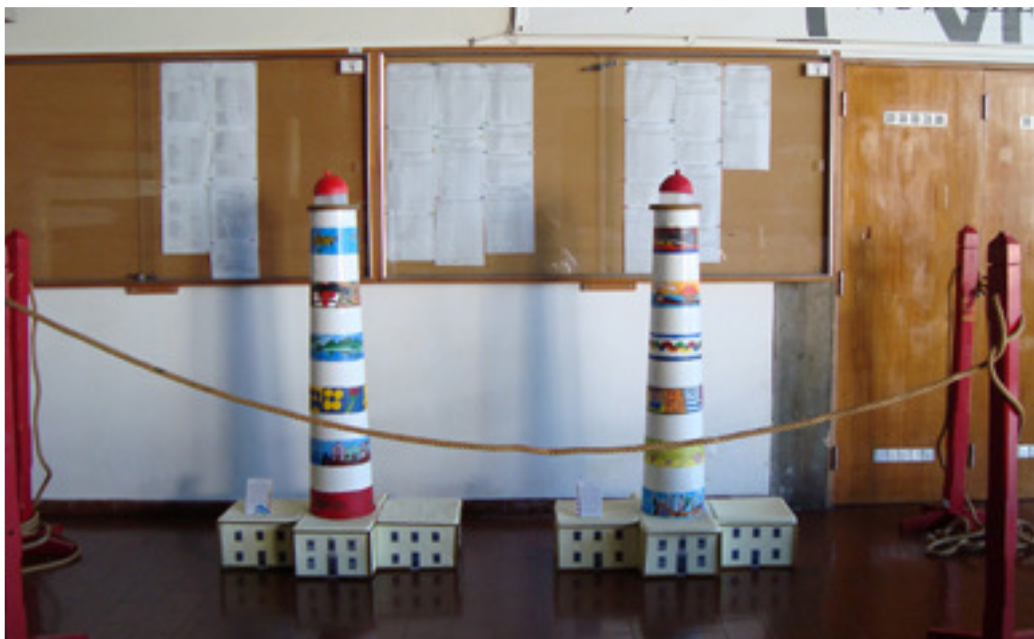


Figura 62 – Exposição “Na Rota do Bacalhau”

A pedido da CAP os trabalhos dos alunos foram expostos durante o fim de semana de 1 e 2 de junho, de 2013, no polivalente da escola, de modo a serem percecionados por todos os participantes da maratona de BTT denominada “Na Rota do Bacalhau”, que iriam almoçar neste espaço.



Figura 63 – Exposição Semana Aberta

De 3 a 7 de junho realizou-se, na escola, a Semana Aberta. Como tal, durante esses dias o projeto *Farol da Barra* esteve exposto à comunidade escolar, na biblioteca da escola.

No decorrer desta exposição vários foram os professores e funcionários que felicitaram quer os professores da disciplina de E.V., quer os alunos envolvidos na atividade, pela concretização do projeto em questão.

3.5.8. Apresentação do projeto no MMI

No dia 8 de junho o projeto *Farol da Barra*, desenvolvido pelas duas turmas de 8º ano, retratadas neste estudo, e o projeto *Bacalhau*, desenvolvido pelas turmas do 9º ano, sob a orientação da colega de estágio, foram apresentados no MMI. Antecipadamente, foram distribuídos convites aos alunos e à comunidade escolar, de modo a relembrar este projeto e, ainda, para os convidar a estar presentes na exposição (cf. Anexo VIII).



A exibição do projeto ao público foi desenvolvida em conjunto com a colega orientadora do projeto *Bacalhau*, de modo a não tornar a mesma cansativa para o público. Inicialmente, a professora cooperante fez uma pequena introdução aos temas e aos trabalhos desenvolvidos, fazendo alusão ao empenho das professoras estagiárias e aos projetos.

Figura 64 – Apresentação MMI

Após a finalização da apresentação as professoras estagiárias foram saudadas pelo público que foi convidado a participar numa visita guiada pelo MMI.

Este evento foi, posteriormente, mencionado na *newsletter* da escola (cf. Anexo IX).

Apesar de se considerar que a apresentação dos projetos decorreu da melhor forma e que houve um bom acolhimento de todos os presentes, foi um pouco desmotivante o facto de nenhum aluno ter comparecido. Esta situação pode evidenciar que os alunos demonstraram pouco interesse pela apresentação dos seus projetos no Museu, apesar do empenho tido na execução do mesmo.

3.5.9. Exposição no Festival do Bacalhau



Figura 65 – Exposição no Festival do Bacalhau

O projeto *Farol da Barra* também esteve exposto no Festival do Bacalhau, por iniciativa dos Serviços Educativos do MMI.

Com tal, o projeto *Farol da Barra* foi exposto no espaço representado pelo Município de Ílhavo, na tenda de exposições e mostra regional, durante os dias 14 e 18 de agosto, de 2013.

3.5.10. Opiniões dos alunos

A presente análise diz respeito ao inquérito por questionário ao qual os alunos responderam no final do projeto, de modo a recolher as opiniões dos mesmos.

Responderam ao inquérito um total de quarenta e nove alunos. No entanto, como já foi mencionado, foram invalidados dois inquéritos por colocação de conteúdos impróprios. Assim sendo, foram analisados apenas quarenta e sete questionários.

Tabela 14 – Visita ao MMI

	Fui à visita ao MMI.	
	n	%
Sim	14	29,8
Não	33	70,2
Total	47	100

Tabela 15 – Justificação da não participação

	Não. Porquê?	
	n	%
Compromissos	14	42,4
Sem interesse	9	27,3
Doença	3	9,1
Estudo	4	12,1
Já conhecia	2	6,1
Não gosto	1	3,0
Total	33	100

No que diz respeito à visita ao MMI, apenas 14 alunos participaram na visita. A maioria dos alunos que não participaram na visita de estudo/aula de exterior ao MMI apontou como justificação compromissos, seguido da falta de interesse para a atividade (cf. Tabela 15). Segundo Câmara (2009) “Os programas de animação museológica têm dificuldade em lidar com públicos muito jovens (...) e com os adolescentes, em claro processo de afastamento das instituições de socialização primária – família e escola” (p.154).

Tabela 16 – Relação dos alunos com a visita ao MMI

	A visita ao MMI foi interessante.		Na visita ao MMI adquiri informação importante ao desenvolvimento do projeto <i>Farol da Barra</i>.		Considereei a visita ao MMI uma aula de exterior produtiva e enriquecedora.	
	n	%	n	%	n	%
Sim	14	100,0	13	92,9	13	92,9
Não	0	0	1	7,1	1	7,1
Total	14	100	14	100	14	100

Relativamente à relação criada entre os alunos e o MMI, pode-se verificar que a totalidade dos alunos achou a visita interessante e a maioria (92,9%) afirmou ter adquirido informação importante para o desenvolvimento do projeto *Farol da Barra*, assim como, considerou a visita uma aula de exterior produtiva (92,9%). Tal com refere Eça (2009) “A interface entre o museu e o indivíduo pode gerar processos de aprendizagens significativas” (p.277).

Tabela 17 – Visita ao Farol

	Fui à visita ao Farol da Barra.	
	n	%
Sim	23	48,9
Não	24	51,1
Total	47	100

Tabela 18 – Justificação da não participação

	Não. Porque?	
	n	%
Compromissos	8	33,3
Sem interesse	9	37,5
Doença	1	4,2
Estudo	3	12,5
Não responde	3	12,5
Total	24	100

No caso da visita ao Farol da Barra, apenas 23 alunos participaram na mesma. A maioria dos alunos que não foram à visita apontou como justificação falta de interesse para a

atividade, seguido de compromissos (cf. Tabela 18). Mais uma vez deparou-se com o afastamento de grande parte dos alunos perante as instituições culturais.

Tabela 19 – Relação dos alunos com a visita ao Farol da Barra

	A visita ao Farol da Barra foi interessante.		Na visita ao Farol da Barra adquiri informação importante ao desenvolvimento do projeto <i>Farol da Barra</i> .		O desenho de observação do Farol da Barra ajudou-me no desenvolvimento do projeto <i>Farol da Barra</i> .		Considereei a visita ao Farol da Barra uma aula de exterior produtiva e enriquecedora.	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sim	21	91,3	22	95,7	21	91,3	19	82,6
Não	2	8,7	1	4,3	2	8,7	4	17,4
Total	23	100	23	100	23	100	23	100

A maioria dos alunos (91,3%) considerou a visita interessante e que o desenho de observação (91,3%) e a toda a visita (95,7%) possibilitaram a aquisição de informação importante para o desenvolvimento do projeto *Farol da Barra*. Ainda evidenciaram que a visita ao Monumento em causa foi uma aula de exterior produtiva (82,6%).

Tabela 20 – Opinião sobre projeto *Farol da Barra*

	Gostei de realizar o projeto <i>Farol da Barra</i> e por isso senti-me mais motivado(a) para a disciplina de Educação Visual.		Gostei de desenvolver o projeto com a turma.		Gostava de ter desenvolvido o projeto individualmente.		Gostei do resultado final do projeto <i>Farol da Barra</i> .		Gostei da ideia de expor o projeto <i>Farol da Barra</i> , da turma, durante a Semana Aberta.		Gostei da ideia de expor o projeto <i>Farol da Barra</i> , da turma, no MMI.	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Não gosto nada	0	0	0	0	16	34,0	1	2,1	0	0	0	0
Gosto pouco	3	6,4	3	6,4	10	21,3	1	2,1	4	8,5	4	8,5
Indiferente	12	25,6	5	10,6	11	23,4	4	8,5	10	21,3	6	12,8
Gosto	16	34,0	22	46,8	3	6,4	10	21,3	13	27,6	16	34,0
Gosto muito	16	34,0	17	36,2	6	12,8	31	66,0	20	42,6	21	44,7
Não responde	0	0	0	0	1	2,1	0	0	0	0	0	0
Total	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100	47	100

Quanto à opinião dos alunos sobre o projeto *Farol da Barra* verificou-se, de acordo com a Tabela 20, que mais de metade (68,0%) gostou de realizar o projeto e, por isso, se sentia

motivado para a disciplina, A maioria (83%) gostou de desenvolver o trabalho com a turma, sendo que apenas 14,9% preferia tê-lo desenvolvido individualmente. A maioria (87,3%) também gostou do resultado final do projeto.

Quanto à ideia de ver o projeto exposto durante a Semana Aberta, mais de metade (70,2%) afirmou que gostou da ideia. Também mais de metade (78,7%) gostou da ideia de o expor no MMI.

Tabela 21 – Projeto Farol da Barra e conhecimentos adquiridos

Através do projeto Farol da Barra adquiri o conhecimento necessário sobre a matéria: design - áreas do design, logótipo, imagem visual (ilustração de símbolos ligados à fauna marítima e ao concelho de Ílhavo), cartaz.		
	n	%
Sim	43	91,5
Não	4	8,5
Total	47	100

De acordo com os inquéritos, a maioria dos alunos (91,5%) afirmaram ter adquirido o conhecimento necessário sobre a matéria exposta e explorada ao longo do projeto (cf. Tabela 21). Estes resultados corroboram com a afirmação de Hernández (1998) que assegura que “os projetos podem contribuir para favorecer, nos estudantes, a aquisição de capacidades” (p.73).

A análise das respostas dos alunos ao inquérito vem confirmar os dados recolhidos através das observações efetuadas em sala de aula e no decorrer das visitas, dado que foi evidente que as visitas às instituições contribuíram para um melhor desempenho dos alunos, ao longo de todo o processo de trabalho, culminando numa boa aquisição das matérias afetas ao projeto.

3.5.11. Opiniões dos entrevistados

As entrevistas foram realizadas em dois momentos distintos, surgindo assim como um complemento ao trabalho de observação, possibilitando explicar algumas perspetivas e intenções, às quais se realizou a análise de conteúdos (cf. Anexo IV).

A Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI considera que a disciplina de E.V. tornar-se-ia mais enriquecedora se houvesse uma maior interação com os museus,

explorando-se o património da cultura da região – *“acho que a disciplina de E.V. é tão mais enriquecedora quando o professor explora outros aspetos como este de conhecer, de os alunos virem a conhecer o que têm de património, o que têm no Museu, que conta a história da sua comunidade, portanto, se for por aí a disciplina está muito bem e na opinião acho que deve continuar”* (cf. Anexo IV, Tabela ii).

Já o docente do grupo 600 desabafou relativamente à redução da carga horária na disciplina de E.V., afirmando que o desenvolvimento de projeto torna-se assim cada vez mais difícil - *“Portanto, eu acho que o trabalho de projeto é desejável e esta carga letiva que temos agora não é muito favorável, mas nós fazemos o que podemos”* (cf. Anexo IV, Tabela ii).

Este professor também acrescentou que a educação artística é pouco valorizada, estando o currículo da disciplina muito vocacionado para a técnica, esquecendo-se a importância do desenho e da observação - *“Numa disciplina de Educação Visual que, neste momento, está vocacionada muito para a técnica, para a geometria, mas a parte da educação artística mesmo, está um bocadinho deixada de lado, é verdade! (...) É muito importante, quanto a mim, o desenho e a capacidade de observação, estas coisas são a raiz de tudo. Sabendo observar consegue-se desenvolver o sentido crítico”* (cf. Anexo IV, Tabela ii). O professor ainda acrescentou que os alunos gostam da disciplina de E.V., mas continuam a permanecer “tabus”, conduzindo à desvalorização da mesma - *Mas só que muitas vezes é-lhes inculcido isto, isto é da sociedade, vem detrás, e é-lhes inculcido uma coisa que é: “Eu não sei desenhar!” e “Não tenho jeito!”, “Ai eu não tenho jeito para a disciplina!”. É um dos tabus que eu combato logo no princípio. (...) Só os alunos que querem seguir Artes ou que têm essa capacidade é que fazem isso, os outros acham que é uma disciplina menor”* (cf. Anexo IV, Tabela x).

No que diz respeito à importância das visitas aos museus e monumentos quer a Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI quer o professor de E.V. consideram bastante importante as visitas aos museus e monumentos tanto ao nível pessoal como ao nível escolar, pois estas alargam os horizontes e contribuem para a formação e desenvolvimento de cada um - *“Acho que isso é importante porque alarga os horizontes, há outros contextos com que eles ficam mais alerta.”; “(...)acho que cada vez mais se deve aproveitar isso para enriquecer as pessoas na sua formação.”* No entanto, o docente de E.V. afirmou que no contexto escolar atual é impossível desenvolver visitas de estudo a museus e monumentos – *“As visitas são muito importantes, mas a escola*

neste momento, no atual contexto, não tem possibilidades para proporcionar isso.” Já a Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI acredita que as visitas são um boa forma de motivar os alunos para a aprendizagem - *“(...) temos que motivar os alunos a aprender, não é?! E a estarem motivados para aprender, e espaços como museus são ideais para isso, atualmente”* (cf. Anexo IV, Tabela iii).

A Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI também afirmou que na interação com o Museu os alunos tornam-se pequenos investigadores – *“É assim, no projeto de “filho de peixe sabe nadar” os alunos tornam-se pequenos investigadores, portanto eles têm, obrigatoriamente, que passar, para conhecer a história do Museu e a história da pesca do bacalhau”* (cf. Anexo IV, Tabela xi)

O professor de E.V. ainda considerou importantes as visitas aos museus e monumentos no desenvolvimento de um projeto pela investigação inicial e pelo estímulo à criatividade – *“Isso pode ser muito importante e é muito importante para fomentar esse tal “click” que é o desfasamento de uma coisa... é a criatividade, isso é o que estimula a criatividade”* (cf. Anexo IV, Tabela v).

De acordo com o professor de E.V. os alunos encaram as visitas na perspetiva da diversão e não gostam de perder as suas tarde livres - *“A visita de estudo não é para aprender é para se divertirem. Eles não gostam dessa perspetiva de perder uma tarde livre, concordo.”* Já segundo a Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI a idade dos alunos e o afastamento dos EE conduzem à baixa recetividade das visitas – *“a idade que vocês tinham também não era mais ideal e a mais fácil. Relativamente a isso, é assim, eu acho que isso reflete um estado da sociedade em que o aluno é que decide e em que aí há também, se calhar, um afastamento dos encarregados de educação”* (cf. Anexo IV, Tabela iv).

A Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI mencionou que a criação de protocolos de trabalhos entre escola e Museu proporciona o desenvolvimento de relações de entreajuda (cf. Anexo IV, Tabela vi). Acrescentou, também, que acha necessário o envolvimento do Museu nos projetos das escolas - *“Desenvolvem projetos, que até poderiam ter algum interesse em partilhá-los com o Museu, e depois no final do ano letivo solicitam-nos espaços para expor. Nós não somos, já não somos esse tipo de museu, (...) e já não existe esse tipo de abertura de deixar, de, de... acho que há aí uma falta, da parte da docência, de alguma sensibilidade, o Museu não é um... é um espaço aberto à comunidade, mas é um espaço onde se criam relações”* (cf. Anexo IV, Tabela xiii). Já o

professor de E.V. referiu a existência de alguns constrangimentos dentro da escola – *“Só tenho pena que não tenhamos na prática muitas condições para fazer isso, quer dizer, isso são exceções! Nós estamos muito burocratizados, estamos muito limitados a horário, não sei que mais... e esse tipo de coisas não encontram muita flexibilidade no sistema. (...) a dificuldade está cá dentro, não é lá para fora, é o próprio sistema que está muito formatado e não nos dá muito espaço de manobra para isso. Quando isso acontece é graças a um esforço muito grande, que foi o vosso caso, e sabem bem disso, graças a um esforço muito grande!”* (cf. Anexo IV, Tabela vi).

Relativamente ao projeto *Farol da Barra*, e ao seu processo de trabalho, o docente de E.V. considerou que este tipo de trabalho é propício para o desenvolvimento da criatividade e proporciona o envolvimento entre a comunidade e os EE – *“O processo é esse está correto! (...) Em investigação procedemos da mesma maneira, recolhemos informação, observamos, apropriamo-nos dela, e fazemos o tal click, damos o tal salto (...) E é importante mostrar à comunidade, também, as coisas que se fazem.”* Já a Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI mencionou que este tipo de projetos proporciona o envolvimento dos alunos com a sua região - *“Excelente, excelente, a envolvimento com os alunos, com o projeto, e com referi há bocado o facto de não se cingir ao Farol, mas conhecer um bocadinho daquilo que foi a sua história”* (cf. Anexo IV, Tabela vii).

Em suma, os entrevistados corroboram a opinião de que as visitas aos museus e monumentos são importantes pela transmissão de conhecimentos e experiências e que os projetos desenvolvidos em parceria com estes espaços culturais possibilitam o conhecimento da cultura da própria região e o desenvolvimento da criatividade.

3.5.12. Triangulação de dados

Da análise de todos os dados relativos a esta investigação, pode-se afirmar que a implementação de um projeto de E.V. em parceria com um Museu mostrou-se bastante enriquecedor e estimulante para os alunos, permitindo-lhes conhecer melhor a cultura e património da sua região, assim como, a sentirem-se mais motivados para as atividades da disciplina. Tal como refere a Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI a disciplina de E.V. têm muito a ganhar com as parcerias com os museus, pois proporcionam formas complementares de aprendizagem.

No entanto, segundo o professor de E.V. este tipo de projetos não é muito fácil de desenvolver no contexto escolar atual, devido à carga horária semanal da disciplina, assim como, ao atual currículo que está muito vocacionado para a técnica e para a geometria.

3.6. Limitações e constrangimentos

Ao longo da realização do projeto *Farol da Barra* surgiram algumas limitações e constrangimentos. A primeira refere-se com a questão do tempo, dado que algumas vezes foi necessário que os alunos concluíssem em casa os seus trabalhos. Também houve a necessidade de realizar uma aula extra para concluir a maquete a tempo de ser exposta.

O facto do projeto envolver várias atividades, algumas com várias tarefas, assim como o elevado número de alunos em sala de aula condicionaram o correto acompanhamento do professor aos alunos. Para atenuar este aspeto os alunos tiveram, em alguns momentos, o auxílio quer da professora cooperante quer da colega de núcleo de estágio.

A falta de recursos materiais apresentados pela escola também poderia ter condicionado todo o desenvolvimento do projeto. Para se conseguir realizar adequadamente projetos na disciplina de E.V. seria necessário haver um maior orçamento disponível para a disciplina, que nos dias de hoje, face à situação vivida no país, se encontra um pouco limitado.

Ao nível das aulas de exterior pode-se afirmar que as limitações encontradas nas saídas da escola, especificamente durante o 3º período, assim como, o desinteresse dos alunos pelas mesmas, conduziram a uma baixa afluência às visitas dos participantes afetos a este estudo.



Conclusão

Conclusão

Este estudo comprova que o Museu e o Monumento são importantes meios de promoção da educação e por isso devem servir como caminho para a troca de saberes culturais, ajudando as escolas nessa constante função.

Na revisão da literatura acerca da relação da escola com as instituições culturais verificou-se que a efetiva interação entre a escola o Museu/Monumento foi assumindo, paulatinamente, algum relevo no contexto educativo. Contudo, ao nível prático, continuam a existir algumas dificuldades quer ao nível da rigidez dos currículos, quer ao nível das burocracias existentes dentro da escola, apesar do “Roteiro para a Educação Artística” (Unesco, 2006) afirmar que a educação artística aponta para o contacto direto com trabalhos artísticos, como por exemplo exposições em museus. Neste sentido, Campos (2004), nos seus estudos, concluiu que “os museus devem passar a ser considerados como elementos do sistema educativo nacional (...) é inquestionável que os museus são autênticos recursos educativos cujas potencialidades formativas ainda não estarão a ser devidamente aproveitadas” (p.71).

Ao longo deste estudo falou-se de alunos, projetos, educação artística, património cultural, instituições artísticas e culturais, professores, entre outros. Falou-se essencialmente da interação entre a escola e o Museu/Monumento. Depois de todo o trabalho desenvolvido pode-se afirmar que este estudo mostra que a relação da escola com o Museu e Monumento é portadora de potencialidades suficientes como meio complementar da aprendizagem.

Graças à realização deste projeto pode-se concluir que a relação entre os alunos e o Museu e Monumento conduziu à aquisição de conhecimentos. Ainda se pode considerar que a visita ao MMI e também ao Farol da Barra teve como consequências o grande interesse e empenho demonstrados pelos alunos no desenvolvimento do projeto. Como refere Ornelas (2009) “A relação da escola com entidades externas possibilita aos alunos uma percepção da realidade movida pela oportunidade de experimentar e descobrir de forma autónoma, abrindo caminho à aquisição de conceitos” (p.175).

O trabalho efetuado e apresentado neste estudo correspondeu às expectativas iniciais, tendo estas sido superadas em alguns momentos. Apesar de algumas limitações e constrangimentos durante a elaboração do projeto, o produto final cumpriu todos os

objetivos previamente estabelecidos, quer ao nível da planificação, quer ao nível do empenho demonstrado pelos alunos.

O interesse dos alunos pelas atividades que estavam a ser desenvolvidas em contexto de sala de aula, nem sempre foi o ambicionado, dado que estes já acusavam o cansaço do final de ano. Apesar disto, tentou-se melhorar as práticas aplicadas de modo a cativar todos os alunos.

No final de todo o trabalho desenvolvido, considerou-se que, globalmente, os alunos foram bastante recetivos às aulas e ao projeto, respondendo adequadamente ao desafio que lhes foi colocado.

Para concluir resta reconhecer que foi recompensador fazer este trabalho, pois se dúvidas existissem sobre a vantagem de desenvolver projetos de E.V. em parceria com o Museu e com ligação a um Monumento, elas desapareceram após a realização deste trabalho. No entanto, não é possível generalizar os resultados obtidos visto que a investigação ocorreu unicamente num período letivo, implicando apenas uma Unidade de Trabalho, e envolveu somente quarenta e sete alunos e dois entrevistados do meio em questão.

Bibliografia

- André, T. (2010). A educação artística na escola do século XXI. In M. Oliveira, & S. Milhano (Orgs.). *As artes na educação: contextos de aprendizagem promotores de criatividade*. (pp.53-59). Leiria: Folheto Edições & Design.
- Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Lousã, Portugal: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdos*. Lisboa: Edições 70.
- Branco, I. (1997). Cultura de projecto e construção de inovação curricular In *Contributos das Investigação Científica para a Qualidade do Ensino – Actas do III Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* (Vol. 2, pp.77-86). Porto.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Campos, J. A. F. (2004). *Escolas e museus: “parcerias na educação”*. Lisboa: EDP – Museu de Electricidade.
- Correia, E. & Pardal, L. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Correia, V. (2013). *Arte pública: seu significado e função*. Lisboa: Fonte da Palavra.
- Decreto-Lei nº 334/90, de 2 de novembro. Diário da República nº 253/90 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Despacho nº 15971/2012, de 14 de dezembro. Diário da República nº 242/2012 – 2ª Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.
- Eco, U. (1981). *O signo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Eisner, E. E. (2002). *The arts and the creation of mind*. New Haven: Yale University Press.
- Flick (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Gambôa, R. (2011). Pedagogia-em-participação: trabalho de projeto. In J. Oliveira-Formosinho & R. Gambôa (Orgs.), *O trabalho de projeto na pedagogia-em-participação* (pp.47-81). Porto: Porto Editora.

Guedes, C. C. & Moreno, J. (2002). *Guião para professores: “A escola vai ao museu”*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Hernández, F. (1998). *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.

Lei nº 46/86, de 14 de outubro. Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República nº 237/86 – I Série. Assembleia da República. Lisboa.

Lei nº 107/2001, de 8 de setembro. Estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural. Diário da República nº 209/2004 – I Série A. Assembleia da República. Lisboa.

Lei nº 47/2004, de 19 de agosto. Lei Quadro dos Museus Portugueses. Diário da República nº 195/2004 – I Série A. Assembleia da República. Lisboa.

Lessard-Hérbert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas* (3a ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa.

Massironi, M. (1989). *Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*. Lisboa: Edições 70.

Mollerup, P. (1997). *Marks of excellence: the history and taxonomy of trademarks*. London: Phaidon Press.

Morgado, J. C. (2012). *O estudo de caso na investigação em educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.

Morreira, H. & Caleffe, L. G. (2008). *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Lamparina.

Munari, B. (1990). *Artista e designer*. (3a ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Munari, B. (1993). *A arte como ofício*. (4a ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Munari, B. (2010). *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70.

Nunes, A. C. C. (2010). *Novos desafios, novas conquistas: renovação do serviço educativo do Museu Marítimo de Ílhavo*. Tese de Mestrado. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras do Porto.

Oliveira-Formosinho, J. & Formosinho, J. (2011). A perspetiva pedagógica da associação criança: a pedagogia-em-participação. In J. Oliveira-Formosinho & R. Gambôa (Orgs.), *O trabalho de projeto na pedagogia-em-participação* (pp.11-45). Porto: Porto Editora.

Raposo, M. E. S. (2005). A construção da pessoa: educação artística e competências transversais. In *Revista da Educação* (Vol. 13, 67, pp.29-50). Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Read, H. (2010). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.

Robson, C. (2002). *Real World Research: A resource for social scientists and Practitioners-researchers* (2nd ed.). Oxford: Blackwell Publishing.

Rodrigues, A. C., Cunha, F. & Félix, V. (2012). *Metas curriculares I ensino básico: educação visual I 2º e 3º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Sousa, A. B. (2003a). *Educação pela arte e artes na educação: bases psicopedagógicas*. (Vol. 1). Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. B. (2003b). *Educação pela arte e artes na educação: música e artes plásticas*. (Vol. 3). Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, R. (1995). *Didáctica da educação visual*. Lisboa: Universidade Aberta.

Stake, R. E. (2012). *A Arte da investigação com estudo de caso*. (3a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Unesco (2006). *Roteiro para a educação artística: desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco.

Webgrafia

APECV (s.d). *Construções sobre os programas das artes visuais*. Acedido setembro 10, 2013, em: <http://www.apecv.pt/pareceres/textosemcontrucao.pdf>

Araújo, A. B. (2007). *Carta internacional sobre a conservação e o restauro dos monumentos e dos sítios: Carta de Veneza - 1964*. ICOMOS. Acedido setembro 2, 2013, em: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-veneza.pdf>

Bamford, A. (2007). Aumento da participação e relevância na educação artística e cultural. In *Conferência Nacional de Educação Artística*, (pp.1-12). Acedido julho 20, 2013, em: <http://www.educacao-artistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/Confer%C3%Aancia%20Anne%20Bamford.%20Portugues.pdf>

Barbosa, A. M. (1989, junho/ agosto). Arte-educação em Museu de Arte. *Dossiê Tempo*. (2), 125-132. Acedido abril 2, 2013, em: <http://www.usp.br/revistausp/02/18-anamae.pdf>

Barbosa, M. H. R. (2010). Leitura de imagens e o ensino da arte: considerações em educação não formal – em museus. In *III Seminário “Leitura de Imagens para a Educação: múltiplas mídias”*, (pp.146-164). Acedido abril 10, 2013, em: <http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos5/MariaHelena-artigo.pdf>

Barros, E. (2006, outubro/ dezembro). Abrir as portas dos museus. *Noesis*, (67), 34-37. Acedido abril 2, 2013, em: <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=directorio&pid=76>

Câmara, I. P. A. B. (2009). O museu como instituição social e os seus públicos. In *Actas do I Seminário de investigação em museologia dos países de língua portuguesa e espanhola*, (pp.144-155). Acedido maio 22, 2013, em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf>

Eça, T. (2000). 150 Anos de ensino das artes visuais em Portugal. In *IV Jornadas de História de La Educación Artística*. Acedido maio 20, 2013, em: <http://www.prof2000.pt/users/marca/profdartes/barcelona.html>

Eça, T. (2008, maio) - Educação artística em Portugal: entre a tradição e a ruptura. *Pós: Belo Horizonte*, 1, (1), 26 - 36. Acedido maio 20, 2013, em: <http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/5/4>

Eça, T. (2009). O museu como interface entre cultura local e cultura global. In *Actas do I Seminário de investigação em museologia dos países de língua portuguesa e espanhola*, (pp.274-282). Acedido maio 22, 2013, em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf>

Eça, T., Saldanha, A. & Vidal, L. (2012). *Actas do seminário internacional: Atravessar pontes: entre escolas e museus*. Porto: Publicações APECV. Acedido maio 22, 2013, em: http://www.apecv.pt/pareceres/atas_serralves.pdf

Eisner, E. E. (2008, julho/ dezembro). O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem Fronteiras*, 8 (2), 5-17. Acedido junho 2, 2013, em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>

Fleming, D. (2004). Management challenges for the 21st century museum. In *V Jornadas ICOM Portugal*. Acedido junho 22, 2013, em: <http://www.icom-portugal.org/multimedia/File/V%20Jornadas/Gest%C3%A3o%20-%20Desafios%20por%20David%20Fleming.pdf>

Garcez, A. P. S., Grave, A. C., Mota, D. & Souza, D. N. (2013). A perspetiva dos professores de artes visuais acerca do uso dos manuais como instrumento facilitador à aprendizagem dos alunos NEE. In *Conferência Internacional de Investigação, Práticas e Contextos em Educação*, (pp.245-254) Acedido junho 2, 2013, em: http://issuu.com/leonelbrites/docs/novo_ipce2013

International Council of Museums (ICOM), (2013). *The world museum community: museum definition*. Acedido julho 2, 2013, em: <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>

IPESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), (s.d.). *Condições de ingresso em monumentos sob tutela do IGESPAR, I.P.* Acedido junho 15, 2013, em: <http://www.igespar.pt/media/uploads/monumentos/FAQsrevistocomaquisicaopelainternet.pdf>

IPESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), (2013). *Aprender com o património*. Acedido junho 15, 2013, em: <http://www.igespar.pt/pt/aprendercomopatrimonio/>

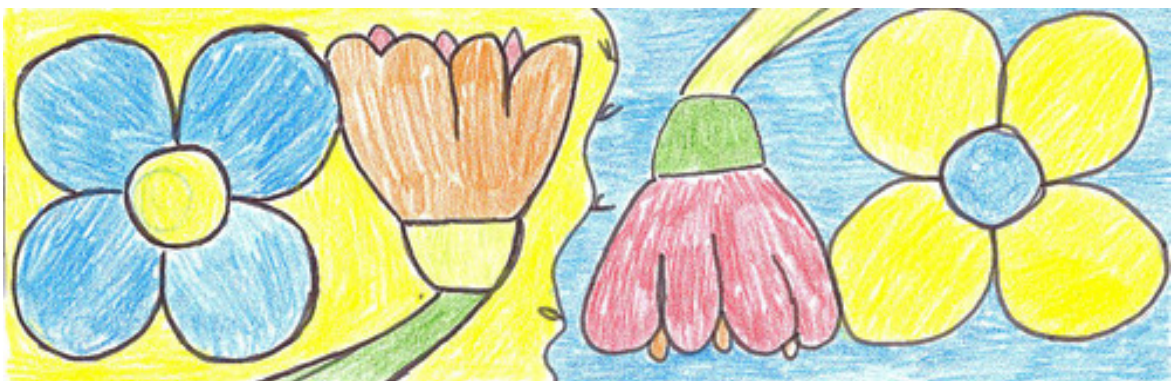
Mbuyamba, L. (2006). *Sessão de encerramento da conferência mundial sobre educação artística: desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Lisboa. Acedido fevereiro 14, 2013, em: <http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Relat%C3%B3rio.pdf>

Mendonça, R. H. (2009). Aos professores e professoras. *Salto para o futuro: museu e escola - educação formal e não-formal*, (3), 3-4. Acedido setembro 2, 2013, em: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=595%3Asalto-para-o-futuro-seri

Ornelas, M. (2008). A escola e o museu: a obra de arte como objecto promotor do sucesso escolar. In *Actas do Congresso Ibero-Americano de Educação Artística*, (pp.174-183). Acedido maio 22, 2013, em: <http://pt.scribd.com/doc/26486759/Desafios-da-educacao-artistica-em-contextos-ibero-americanos>

Santos, J. S. (2007). *Teresa Torres Eça: "A aprendizagem pelas artes continua a ser desvalorizada"*. (31 outubro). Acedido abril 15, 2013, em: <http://www.educare.pt/educare/Atualidade/Noticia.aspx?contentid=3DCBF269442447E2E04400144F16FAAE&opsel=1&channelid=0>

Santos, M. E. B. (2006, outubro/ dezembro). As artes e a educação. *Noesis*, (67), 5. Acedido abril 2, 2013, em: <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=directorio&pid=76>



Anexos

Anexo I – Diário de campo das informações registadas ao longo dos vários momentos do projeto

Nota de Campo nº 1	
Dia da observação: 04.03.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 15 minutos	Ação: entrega de autorizações para visita de estudo/aula de exterior ao MMI Intervenientes/ amostra: turma verde
Anotações descritivas	
<p>Tendo em conta a data prevista para a visita ao MMI, dia 03 de Abril, de 2013, início do 3º período, tive a necessidade de intervir nas práticas de ensino supervisionado da minha colega de núcleo de estágio, de modo a anunciar a visita e distribuir o pedido de autorização. Assim sendo, comecei por anunciar a visita e o propósito da mesma. De seguida distribui as autorizações e reforcei a necessidade da devolução das mesmas, devidamente assinadas pelos encarregados de educação, na aula seguinte, para proceder ao pedido de seguro. Inicialmente, os alunos ficaram satisfeitos com a visita. No entanto, os alunos foram tecendo comentários relativamente ao facto da visita ser a uma quarta-feira à visita, afirmando que nessas tardes tinham desporto escolar, desporto fora da escola, explicações, entre outros: <i>“Tenho explicações!”</i>, <i>“Tenho treino!”</i>, <i>“Tenho desporto escolar!”</i>, <i>“Se fosse de manhã para faltarmos às aulas!”</i>. A par disto, alguns alunos também afirmaram que já conheciam o Museu em questão, e por isso não tinham interesse em voltar a visitá-lo, mesmo depois da explicação da importância da visita ao Museu e biblioteca/arquivo do mesmo, para a elaboração da pesquisa para o projeto <i>Farol da Barra</i>. Entretanto, passei o comando da aula para a minha colega de estágio.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>Foi notório que grande parte dos alunos não gostou da ideia de ter uma visita de estudo à quarta-feira à tarde, dado que essa é a tarde livre estabelecida pela escola, conduzindo à total desmotivação para a visita.</p>	

Nota de Campo nº 2	
Dia da observação: 05.03.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 15 minutos	Ação: entrega de autorizações para visita de estudo/aula de exterior ao MMI Intervenientes/ amostra: turma azul
Anotações descritivas	
<p>Mais uma vez, tendo em conta a data prevista para a visita ao MMI, dia 10 de Abril, de 2013, segunda semana do 3º período, tive a necessidade de intervir nas práticas de ensino supervisionado da minha colega de núcleo de estágio, de modo a anunciar a visita e distribuir o pedido de autorização. Comecei por anunciar a visita e o propósito da mesma. De seguida distribui as autorizações e reforcei a necessidade da devolução das mesmas, devidamente assinadas pelos encarregados de educação, na aula seguinte, para proceder ao pedido de seguro. Inicialmente, os alunos ficaram satisfeitos com a visita. No entanto, também nesta turma, os alunos foram tecendo comentários relativamente ao facto da visita ser a uma quarta-feira à visita, afirmando que nessas tardes tinham desporto escolar, desporto fora da escola, explicações, entre outros. A par disto, alguns alunos também afirmaram que já conheciam o Museu em questão, e por isso não tinham interesse em voltar a visitá-lo, mesmo depois da explicação da importância da visita ao Museu e biblioteca/arquivo do mesmo, para a elaboração da pesquisa para o projeto <i>Farol da Barra</i>. Entretanto, passei o comando da aula para a minha colega de estágio.</p>	
Anotações reflexivas	

Tal como o sucedido na turma verde, foi notório que a maioria dos alunos não gostou da ideia de ter uma visita de estudo à quarta-feira à tarde, dado que essa é a tarde livre estabelecida pela escola, conduzindo à total desmotivação para a visita.

Nota de Campo nº 3	
Dia da observação: 11.03.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 5 minutos	Ação: recolha de autorizações para visita de estudo/aula de exterior ao MMI Intervenientes/ amostra: turma verde
Anotações descritivas	
<p>Dado a data prevista para a visita ao MMI, dia 03 de Abril, de 2013 e a necessidade do pedido de seguro para a mesma, voltei a ter a necessidade de intervir nas práticas de ensino supervisionado da minha colega de núcleo de estágio, de modo a recolher as autorizações devidamente assinadas pelos encarregados de educação. Nem todos os alunos entregaram as autorizações assinadas, e dos que entregaram apenas cinco alunos tiveram autorização para participar na visita de estudo. Reforcei que todos os alunos teriam que entregar as autorizações assinadas pelos encarregados de educação, independentemente do parecer. Muitos alunos voltaram a afirmar que não iriam devido ao dia da visita, quarta-feira à tarde. Entretanto, passei o comando da aula para a minha colega de estágio.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>Continuou a ser notório que grande parte dos alunos não se sentiam motivados a participar na visita de estudo, devido ao dia da visita, quarta-feira à tarde.</p>	

Nota de Campo nº 4	
Dia da observação: 12.03.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 5 minutos	Ação: recolha de autorizações para visita de estudo/aula de exterior ao MMI Intervenientes/ amostra: turma azul
Anotações descritivas	
<p>Dado a data prevista para a visita ao MMI, dia 10 de Abril, de 2013 e a necessidade do pedido de seguro para a mesma, voltei a ter a necessidade de intervir nas práticas de ensino supervisionado da minha colega de núcleo de estágio, de modo a recolher as autorizações devidamente assinadas pelos encarregados de educação. Poucos foram os alunos entregaram as autorizações assinadas. Reforcei que todos os alunos teriam que entregar as autorizações assinadas pelos encarregados de educação, independentemente do parecer. Muitos alunos voltaram a afirmar que não iriam devido ao dia da visita, quarta-feira à tarde. Entretanto, passei o comando da aula para a minha colega de estágio.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>Também nesta turma foi notório que grande parte dos alunos não se sentiam motivados a participar na visita de estudo, devido ao dia da visita, quarta-feira à tarde.</p>	

Nota de Campo nº 5	
Dia da observação: 02.04.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 90 minutos	Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº1 Intervenientes/ amostra: turma azul
Anotações descritivas	
<p>Os alunos entraram na sala de aula com alguma agitação e barulho com é o seu hábito. Chamei-os à atenção e pedi que se sentassem nos seus lugares para começarmos a aula. De seguida inicieí a aula começando por anunciar a Visita/Aula de Exterior no Farol da Barra, explicando aos alunos qual o propósito desta visita e referindo a lista de material necessário para a mesma. De seguida, distribui as autorizações e reforcei a necessidade da devolução das mesmas, devidamente assinadas pelos encarregados de educação, na aula seguintes, para proceder ao pedido de seguro.</p> <p>Posteriormente, passei à exposição da matéria teórica sobre o Design/Design Equipamento, devidamente planificada com as atividades e com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi. Inicieí a exploração da matéria em questão, questionando os alunos sobre o que estes entendiam por Design, analisando alguns imagens que ia projetando. Alguns alunos foram respondendo de forma mais assertiva do que outros, dando para perceber que nem todos sabiam o que é o Design. Entretanto, expliqueí o conceito de Design e designers, passando por uma breve introdução da história. Foram também apontadas e distinguidas algumas áreas do design para, posteriormente, se introduzir o Design de Equipamento e a metodologia do design.</p> <p>Entretanto, passei à explicação do projeto <i>Farol da Barra</i> a desenvolver ao longo do período e comuniqueí que este seria exposto no MMI. Também expus todas as atividades e prazos do projeto. Por fim, foi lançada a atividade 1 que pressuponha o desenho expressivo do Farol da Barra através de projeção em três tempos diferente. Este atividade tinha como intuito aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o edifício, assim como, explorar as suas capacidades de representação.</p> <p>Durante a exposição da matéria, tive que interromper algumas vezes, pois os alunos distraíam-se com muita facilidade e tinham que ser repreendidos, como foi o caso dos alunos [REDACTED], número 9, [REDACTED], número catorze, [REDACTED], número vinte e sete, e [REDACTED], número vinte e nove.</p> <p>Posteriormente, pedi aos alunos que colocassem no estirador o material necessário à execução deste projeto: papel cavalinho A4, grafite e lápis de cor.</p> <p>Deu-se início à atividade após o meu sinal, pois os alunos começavam os desenhos de 1 minuto, depois de 5 minutos e por fim de 30 minutos, sempre depois da minha indicação. Muitos dos alunos não conseguiram concluir os desenhos de 1 minuto e 5 minuto, pois preocuparam-se antes em dizer: <i>"Ai eu não consigo fazer!", "Isso é impossível!"</i>.</p> <p>No final da aula recordei aos alunos que devíam guardar os desenhos nos seus portefólios, pois entretanto seriam pedidos para serem avaliados.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>Alguns alunos da turma distraem-se com bastante facilidade. Talvez esta situação se deva ao facto da turma ser bastante grande e da sala ser demasiado extensa, levando a que os alunos que se encontram no fundo da sala percam mais rapidamente a atenção e comecem a conversar uns com os outros.</p> <p>A quando da explicação do projeto a maioria dos alunos ficaram entusiasmados por desenvolverem um projeto de turma que seria exposto no Museu, assim como, ficaram empolgados por puderem pegar na cultura e símbolos da sua região.</p> <p>De um modo geral, os alunos tiveram dificuldades no desenvolvimento do desenho de 1 minuto e 5 minutos. Sendo que alguns nem sequer conseguir fazer traço algum, pois estavam bastante relutantes com os tempos definidos para a atividade.</p> <p>No entanto, a aluna [REDACTED], número vinte e dois, destacou-se dos restantes, pela expressividade dos seus desenhos.</p> <p>Foi notória a falta de destreza na representação por observação, assim como, a</p>	

imaturidade nos traços, o que levou alguns alunos a tentarem usar a régua. No entanto, este tipo de aula revelou-se bastante positiva pelo facto de levar os alunos ao cumprimento de prazos/tempos, assim como lhes exige alguma destreza de observação e captação do essencial.

Nota de Campo nº 6	
Dia da observação: 03.04.2013 Local da observação: MMI Duração da observação: cerca de 3 horas	Ação: visita de estudo ao MMI Intervenientes/ amostra: turma verde
Anotações descritivas	
<p>Às 13h45m, encontrei-me à entrada da escola com os alunos [redacted], número três, [redacted], número quatro, [redacted], número sete e [redacted], número catorze.</p> <p>Sáímos da escola juntamente com sete alunos da turma do 9º, orientados pela minha colega de núcleo de estágio.</p> <p>O percurso até ao MMI foi feito a pé sem quaisquer problemas, sendo que a nossa colega de núcleo de estágio, [redacted], também nos acompanhou nesta visita.</p> <p>Já no MMI encontramos-nos com a aluna [redacted], número cinco, e com a Professora cooperante.</p> <p>A visita ao MMI e Aquário dos Bacalhaus foi dirigida pela [redacted], guia do MMI, que no fim da mesma, nos encaminhou para a biblioteca/arquivo, onde já havia preparado a nossa aula de pesquisa. Assim, para a pesquisa do 8º ano estavam dispostos vários livros sobre as tradições da região de Ílhavo numa das mesas, e ainda numa outra mesa uma maquete do Farol da Barra. Para a pesquisa do 9º ano havia, noutra mesa, um quadro com Nós de Marinheiro, livros técnicos e um candeeiro feito com Nós.</p> <p>Durante a visita os alunos estavam bastante concentrados nas explicações da [redacted].</p> <p>Já no Aquário dos Bacalhaus os alunos ficaram bastante maravilhados com os bacalhaus e colocaram várias questões à [redacted].</p> <p>Na biblioteca, passei à distribuição da ficha de apoio à visita de estudo ao MMI e procedi a uma breve explicação do que era pretendido: pesquisa e recolha de informação para a execução do projeto <i>Farol da Barra</i>. Os alunos desenvolveram uma lista de palavras relativas aos símbolos da região, no entanto, não desenvolveram grandes esboços associados a essas palavras.</p> <p>Por volta das 16.30 regressámos à escola. No entanto, apenas as alunas [redacted], número três e [redacted], número sete regressam connosco, dado que todos os restantes alunos, quer do 8º ano, quer do 9º ano, regressaram diretamente às suas casas.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>Talvez pelo número de alunos e pelo interesse demonstrado pelos mesmos o ambiente vivido foi bastante tranquilo e agradável, tendo havido até uma interação na pesquisa entre os grupos (8º ano/9º ano).</p>	

Nota de Campo nº 7	
Dia da observação: 05.04.2013 Local da observação: sala de aula da turma Duração da observação: 10 minutos	Ação: entrega de autorizações para visita de estudo/aula de exterior ao Farol da Barra Intervenientes/ amostra: turma verde
Anotações descritivas	

Tendo em conta a data prevista para a visita ao Farol da Barra, tive a necessidade pedir à diretora de turma para intervir na sua aula, de modo a anunciar a visita e distribuir o pedido de autorização. Assim sendo, comecei por anunciar a visita e o propósito da mesma, assim como, referi a lista de material necessário. De seguida distribui as autorizações e reforcei a necessidade da devolução das mesmas, devidamente assinadas pelos encarregados de educação, na aula seguinte, para proceder ao pedido de seguro. A diretora da turma ajudou a reforçar a importância da aula de exterior e o quanto esta seria enriquecedora. Posto isto, abandonei a sala da turma, agradecendo a amabilidade da professora em questão.

Anotações reflexivas

Dado que a distribuição das autorizações para a visita de estudo/aula de exterior ao Farol da Barra foi feita numa aula onde a diretora de turma estava presente e ajudou a reformar o interesse da mesma, os alunos foram bastante mais positivos quanto à sua participação na visita. Como tal, foi notória a influência exercida pela diretora de turma.

Nota de Campo nº 8

Dia da observação: 08.04.2013
Local da observação: sala de aula - E.V.
Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº1
Intervenientes/ amostra: turma verde

Anotações descritivas

Esta foi a primeira aula do 3º período, por isso os alunos entraram na sala de aula com algum entusiasmo.

Logo no início, comecei por agradecer e valorizar os alunos [redacted], número três, [redacted], número quatro, [redacted], número cinco, [redacted], número sete e [redacted], número catorze, pela participação tida na aula de exterior no MMI, de modo a deixar bem claro que estes alunos seriam beneficiados pelo trabalho efetuado. Para além disso, avisei aos restantes alunos que deveriam começar a fazer uma pesquisa em casa de motivos alusivos à fauna marítima e símbolos culturais da região.

De seguida iniciei a aula começando por pedir as autorizações da Visita/Aula de Exterior no Farol da Barra, mas nem todos os alunos entregaram. Então voltei a reforçar aos alunos qual o propósito desta visita e referi a lista de material necessário para a mesma, dado que tinha entregado as autorizações na semana anterior, numa aula de Ciências Naturais, devido ao prazo para o pedido de seguro.

Posteriormente, passei à exposição da matéria teórica sobre o Design/Design Equipamento, devidamente planificada com as atividades já enunciadas, no capítulo anterior, e com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi. Comecei a exploração da matéria em questão, questionando os alunos sobre o que estes entendiam por Design, analisando alguns imagens que ia projetando. Alguns alunos foram respondendo de forma mais assertiva do que outros, dando para perceber que nem todos sabiam o que é o Design. Entretanto, expliquei o conceito de Design e designers, passando por uma breve introdução da história. Foram também apontadas e distinguidas algumas áreas do design para, posteriormente, se introduzir o Design de Equipamento e a metodologia do design.

Entretanto, passei à explicação do projeto *Farol da Barra* a desenvolver ao longo do período e comuniquei que este seria exposto no MMI. Também expus todas as atividades e prazos do projeto. Por fim, foi lançada a atividade 1 que pressuponha o desenho expressivo do Farol da Barra através de projeção em três tempos diferente. Esta atividade tinha como intuito aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o edifício, assim como, explorar as suas capacidades de representação e observação.

Durante a exposição da matéria, de um modo geral, os alunos foram estando atentos e curiosos perante a matéria. Salientou-se uma ou outra situação de alunos mais distraídos, o que obrigou a algumas interrupções para repreender os mesmos: [redacted],

número quinze, e [redacted], número vinte e dois.
 Posto isto, pedi aos alunos que colocassem no estirador o material necessário à execução deste projeto: papel cavalinho A4, grafite e lápis de cor.
 Sempre após o meu sinal os alunos começavam os desenhos de 1 minuto, depois de 5 minutos e por fim de 30 minutos.
 No entanto, muitos dos alunos não conseguiram concluir os desenhos de 1 minuto e 5 minutos, pois estavam mais preocupados em dizer: "Ah, eu não consigo fazer!", "Isso é impossível!", "Eu não sei desenhar!".
 No final da aula recordei aos alunos que deviriam guardar os desenhos nos seus portefólios, pois entretanto seriam pedidos para serem avaliados.

Anotações reflexivas

Grande parte dos alunos ficou animada por desenvolverem um projeto de turma que seria exposto no Museu, assim como, ficaram empolgados por puderem pegar na cultura e símbolos da sua região.
 Mais uma vez este tipo de aula revelou-se bastante positiva pelo facto de levar os alunos ao cumprimento de prazos/tempos, assim como lhes exige alguma destreza de observação e captação do essencial.
 No geral, os alunos tiveram bastantes dificuldades no desenvolvimento do desenho de 1 minuto e 5 minutos. Alguns nem sequer conseguiram desenhar nada, pois estavam mais preocupados em dizer que era "impossível fazer alguma coisa num tempo tão curto".
 No entanto, os alunos [redacted], número um, [redacted], número doze, e a [redacted] destacaram-se dos restantes, pela expressividade dos seus desenhos.

Nota de Campo nº 9

Dia da observação: 09.04.2013

Local da observação: sala de aula - E.V.

Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº2

Intervenientes/ amostra: turma azul

Anotações descritivas

Os alunos voltaram a entraram na sala de aula com alguma agitação e barulho. Repreendi-os e pedi-lhes que se sentassem nos seus lugares para começarmos a aula.
 Comecei por pedir as autorizações da Visita/Aula de Exterior no Farol da Barra aos alunos, no entanto nem todos entregaram o que me levou a voltar a estender o prazo até ao final da semana. Também lembrei aos alunos que iriam fazer a visita ao MMI, no dia seguinte, para não se esquecerem de cumprir os horários.

Entretanto, dei início à aula, propriamente dita, com a exposição da matéria teórica sobre o Design/Design de Comunicação e logótipo, com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi. Tal como na aula anterior, comecei a exploração da matéria questionando os alunos sobre o que estes entendiam por Design de Comunicação. Depois de alguns reposta, umas mais acertadas do que outras, passei à definição e aprofundamento de Design de Comunicação, designer gráfico e o logótipo. Por fim, foi lançada a atividade 2 que pressuponha o desenvolvimento do logótipo para o Farol da Barra, passando pelo desenvolvimento de um esboço do logótipo a preto e branco, de um esboço com estudo cromático e respetiva memória descritiva. Para uma melhor reflexão dos alunos sobre logótipos institucionais apresentei um conjunto de exemplos de logótipos do concelho de Ílhavo.

De seguida, anunciei o material necessário; a data da execução do trabalho, que seria apenas de duas aulas, esta e a próxima; e distribui uma ficha de apoio ao desenvolvimento do logótipo por todos os alunos, de modo a que estes passassem ao desenvolvimento dos primeiros estudos do logótipo, começando pela elaboração de um *brainstorming* ("chuva de ideias" – palavras soltas associadas ao logótipo a desenvolver) e, posteriormente, elaboração de primeiros esboços.

Após a distribuição das fichas de apoio ao desenvolvimento do logótipo, dei uma breve

explicação sobre o significado de *brainstorming*, para uma melhor execução do trabalho. Os alunos efetuaram, sem dificuldades, uma lista de palavras associadas à região e à cultura da mesma, escolhendo palavras muito similares entre eles, o que os levou a usarem com muita frequência símbolos como: farol (edifício), riscas, luz, mar, barcos, bacalhau. Assim, a maioria dos alunos desenvolveram logótipos cujo símbolo era o próprio edifício ou a associação do edifício com o mar. Poucos foram os que tiraram partido do *lettering*, sendo este a maior dificuldade dos alunos. Ao longo, do desenvolvimento do logótipo, fui circulando pela sala, apoiando os alunos com maiores dificuldades e, especialmente, aqueles que pediam o meu auxílio.

Anotações reflexivas

Possivelmente, o facto de a aula ser ao último bloco da manhã, leva a que alguns alunos entrem na sala de aula com alguma agitação e barulho. Durante a exposição da matéria, mais uma vez, verificou-se alguma desconcentração por parte de alguns alunos, obrigando à interrupção da aula para repreender os alunos em questão. Nem todos os alunos demonstraram interesse pela atividade. No entanto, outros houve, que responderem ao proposto de uma forma bastante positiva, tendo-se destacado o caso da aluna [REDACTED], número dezasseis, que compreendeu a essência do logótipo e efetuou um esboço onde a simplicidade da forma imperava. Também o aluno [REDACTED], número nove, destacou-se pela positiva pela conjugação harmoniosa do seu logótipo.

Nota de Campo nº 10

Dia da observação: 10.04.2013
Local da observação: MMI
Duração da observação: cerca de 3 horas

Ação: visita de estudo ao MMI
Intervenientes/ amostra: turma azul

Anotações descritivas

No dia da aula de exterior no MMI encontrei-me à entrada da escola, às 13h45m, com os alunos [REDACTED], número três, [REDACTED], número oito, [REDACTED], número treze, [REDACTED], número dezasseis, [REDACTED], número dezoito, [REDACTED], número dezanove, [REDACTED], número vinte e dois, [REDACTED], número vinte e três, e [REDACTED], número vinte e seis. O percurso até ao MMI foi feito a pé sem quaisquer problemas. Já no MMI encontramos-nos com a Professora cooperante, Ana Paula Bernardes e com uma aluna da turma do 9º, orientada pela minha colega de núcleo de estágio. A visita ao MMI e Aquário dos Bacalhaus foi dirigida pela [REDACTED], que no fim da mesma, nos encaminhou para a biblioteca e arquivo, onde já havia preparado a nossa aula de pesquisa. Assim, para a pesquisa do 8º ano estavam dispostos vários livros sobre as tradições da região de Ilhavo numa das mesas, e ainda numa outra mesa uma maquete do Farol da Barra. Para a pesquisa do 9º ano havia, noutra mesa, um quadro com Nós de Marinheiro, livros técnicos e um candeeiro feito com Nós. Durante a visita os alunos estavam bastante atentos às explicações da [REDACTED]. Já no Aquário dos Bacalhaus os alunos ficaram bastante agradados e colocaram várias questões à [REDACTED]. Na biblioteca, passei à distribuição da ficha de apoio à visita de estudo ao MMI e procedi a uma breve explicação do que era pretendido: pesquisa e recolha de informação para a execução do projeto *Farol da Barra*. Os alunos desenvolveram uma lista de palavras relativas aos símbolos da região, assim como, alguns deles desenvolveram esboços, bastante expressivos, associados a essas palavras. Por volta das 16.30 regressámos à escola.

Anotações reflexivas

O ambiente vivido foi bastante tranquilo e agradável, tendo havido até uma interação das

alunas do 8º ano com a aluna [REDACTED], do 9º ano, na execução de Nós de Marinheiro, pois estas acharam que poderiam utilizar a temática para o projeto *Farol da Barra*. No final da visita foi evidente a satisfação dos alunos com todas as aprendizagens adquiridas.

Nota de Campo nº 11

Dia da observação: 15.04.2013

Local da observação: sala de aula - E.V.

Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº2

Intervenientes/ amostra: turma verde

Anotações descritivas

Nesta aula os alunos entraram na sala de aula de forma ordenada e foram-se sentando nos seus lugares.

Comecei por voltar a pedir as autorizações da Visita/Aula de Exterior no Farol da Barra aos alunos que ainda não tinham entregado, pois este era o último dia para o pedido do seguro. Também, alertei os alunos que iriam participar nesta visita, na quarta-feira seguinte, para não se esquecerem do horário e do material necessário a levar para a mesma.

Entretanto, dei início à aula, propriamente dita, com a exposição da matéria teórica sobre o Design/Design de Comunicação e logótipo, com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi. Comecei por questionar os alunos sobre o que estes entendiam por Design de Comunicação. Depois de alguns reposta, umas mais completas e acertadas do que outras, passei à definição e aprofundamento de Design de Comunicação, designer gráfico e o logótipo. Por fim, foi lançada a atividade 2 que pressupunha o desenvolvimento do logótipo para o Farol da Barra, passando pelo desenvolvimento de um esboço do logótipo a preto e branco, de um esboço com estudo cromático e respetiva memória descritiva. Para uma melhor reflexão dos alunos sobre logótipos institucionais apresentei um conjunto de exemplos de logótipos do concelho de Ílhavo.

Posto isto, anunciei o material necessário; a data da execução do trabalho, que seria apenas de duas aulas, esta e a próxima; e distribui uma ficha de apoio ao desenvolvimento do logótipo por todos os alunos, de modo a que estes passassem ao desenvolvimento dos primeiros estudos do logótipo, começando pela elaboração de um *brainstorming* ("chuva de ideias" – palavras soltas associadas ao logótipo a desenvolver) e posteriormente elaboração de primeiros esboços.

Após a distribuição das fichas de apoio ao desenvolvimento do logótipo, dei uma breve explicação sobre o significado de *brainstorming*, para uma melhor execução do trabalho por parte dos alunos. Sendo que, no geral os alunos efetuaram, sem grandes dificuldades, uma lista de palavras associadas à região e à cultura da mesma.

Os alunos efetuaram, sem dificuldades, uma lista de palavras associadas à região e à cultura da mesma, muito similares entre eles, o que os levou a usarem com muita frequência símbolos como: farol (edifício), riscas, luz, mar, barcos, bacalhau. Assim, a maioria dos alunos desenvolveram logótipos cujo símbolo era o próprio edifício. Alguns tentaram tirar partido das iniciais, em junção com as riscas, para desenvolver o logótipo. Mas, apenas o aluno [REDACTED], número doze, deu destaque ao *lettering*, deixando o edifício como um pormenor. A maioria dos alunos teve maiores dificuldades ao nível do *lettering*.

O aluno [REDACTED], número quinze, propôs trabalhar em computador, até porque o tinha trazido para a aula. Não lhe foi posta qualquer entrave, pelo contrário, motivei todos os alunos a tentarem reproduzir os seus esboços do logótipo no computador, em casa. Mas na realidade apenas o aluno [REDACTED], número doze, acabou por concretizar este apelo.

Ao longo, do desenvolvimento do logótipo, fui circulando pela sala, apoiando os alunos com maiores dificuldades e, especialmente, aqueles que pediam o meu auxílio.

Anotações reflexivas
<p>Durante a exposição da matéria, de um modo geral, os alunos estavam atentos e participativos, salientou-se um ou outro caso de alunos mais distraídos, mas sem perjúrio para a aula, apenas para eles próprios, dado que depois tiveram mais dificuldades na execução do logótipo, com foi o caso dos alunos [REDACTED], número seis, [REDACTED], número dez, [REDACTED], número quinze, e [REDACTED], número vinte e dois, que acabaram por não responder da melhor forma ao trabalho proposto.</p> <p>De um modo geral, os alunos demonstraram interesse pela atividade e responderem à mesma de uma forma positiva.</p> <p>Ao longo da execução da atividade foi dada uma atenção especial aos alunos com necessidades educativas especiais (NEE) [REDACTED], número dez, [REDACTED], número dezanove, e [REDACTED], número vinte. No entanto, apesar das minhas constantes intervenções juntos do aluno [REDACTED], número dez e da aluna [REDACTED], número vinte, estes demonstraram pouco empenho no desenvolvimento da atividade. Já a aluna [REDACTED], número dezanove, apesar das suas dificuldades, foi elaborando o logótipo com bastante interesse, esclarecendo, sempre que necessário, dúvidas comigo.</p>

Nota de Campo nº 12	
<p>Dia da observação: 16.04.2013</p> <p>Local da observação: sala de aula - E.V.</p> <p>Duração da observação: 90 minutos</p>	<p>Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº3</p> <p>Intervenientes/ amostra: turma azul</p>
Anotações descritivas	
<p>Logo no início da aula, comecei por agradecer e valorizar os alunos [REDACTED], número três, [REDACTED], número oito, [REDACTED], número treze, [REDACTED], número dezasseis, [REDACTED], número dezoito, [REDACTED], número dezanove, [REDACTED], número vinte e dois, [REDACTED], número vinte e três, e [REDACTED], número vinte e seis, pela participação tida na aula de exterior no MMI, de modo a deixar bem claro que estes alunos seriam beneficiados pelo trabalho efetuado. Para além disso, avisei aos restantes alunos que deveriam começar a fazer uma pesquisa em casa de motivos alusivos à fauna marítima e símbolos culturais da região.</p> <p>De seguida, alertei os alunos que iriam participar na Visita/Aula de Exterior no Farol da Barra, no dia seguinte, para não se esquecerem do horário e do material necessário a levar para a mesma.</p> <p>Posto isto, pedi aos alunos que colocassem o material da atividade do logótipo em cima do estirador e que continuassem a desenvolver o trabalho pedido. Também relembrei que esta era a última aula para conclusão deste trabalho e que no final deveriam ter prontos, para entrega, o esboço do logótipo a preto e branco, o esboço com estudo cromático e memória descritiva.</p> <p>Entretanto, fui circulando pela sala de aula apoiando os alunos com maiores dificuldades e insistindo com os alunos mais atrasados, como era o caso dos alunos [REDACTED], número quatro, [REDACTED], número cinco, [REDACTED], número seis, [REDACTED], número sete, [REDACTED], número onze, [REDACTED], número vinte.</p> <p>No fim da aula a maioria dos alunos ainda não tinham terminado os seus trabalhos. Mas dado que os prazos eram curtos permiti que finalizassem em casa que me entregassem na aula seguinte para proceder à avaliação dos mesmos.</p> <p>Ainda antes do fim da aula foram apontados no quadro os nomes de cada elemento dos cinco grupos para o desenvolvimento dos desenhos das faixas do <i>Farol da Barra</i> e do cartaz:</p> <p>. Grupo 1: [REDACTED], número três; [REDACTED], número oito; [REDACTED], número dezasseis; [REDACTED], número vinte e dois; [REDACTED], número vinte e um;</p> <p>. Grupo 2: [REDACTED], número treze, [REDACTED], número dezoito; [REDACTED]</p>	

<p>_____, número dezanove; número treze, _____, número vinte e três; _____, número vinte e seis;</p> <p>. Grupo 3: _____, número nove; _____, número catorze; _____, número dezassete; _____, número vinte e nove;</p> <p>. Grupo 4: _____, número cinco; _____, número sete; _____, número doze; _____, número vinte e quatro; _____, número vinte e cinco;</p> <p>. Grupo 5: _____, número um; _____, número cinco; _____, número onze; e _____, número vinte e oito;</p> <p>. Grupo 6: _____, número seis; _____, número dez; _____, número quinze; _____, número vinte; _____, número vinte e oito.</p> <p>A escolha dos grupos foi da inteira responsabilidade de cada um, com a exceção do aluno _____, número vinte e um, tendo ficado no grupo 1 a meu pedido. O aluno em causa estava a faltar e por isso também não cumpriu a atividade do logótipo. Como de costume os alunos saíram da sala com grande agitação.</p>	
<p style="text-align: center;">Anotações reflexivas</p>	
<p>Alguns alunos estavam um pouco agitados, no entanto, de um modo geral, todos foram desenvolvendo os logótipos com empenho e interesse. Contudo, alguns não conseguiram terminar a atividade, mas tiveram a preocupação de pedir para terminar em casa. As maiores dificuldades foram ao nível do <i>lettering</i>.</p>	

<p style="text-align: center;">Nota de Campo nº 13</p>	
<p>Dia da observação: 17.04.2013 Local da observação: MMI Duração da observação: cerca de 3 horas</p>	<p>Ação: visita de estudo ao Farol da Barra Intervenientes/ amostra: turmas azul/verde</p>
<p style="text-align: center;">Anotações descritivas</p>	
<p>No dia da aula de exterior no MMI encontrei-me à entrada da escola, às 14h15m, com os alunos das duas turmas do 8º, assim como, com os alunos da turma do 7º _____, que também participaram na visita de estudo, e com todo o núcleo de estágio.</p> <p>A entrada do autocarro fui fazendo a chamada para perceber se estavam todos os alunos. A aluna _____, número treze, da turma verde, atrasou um pouco, pois estava indisposta.</p> <p>Da lista dos alunos que tinham entregado a autorização de modo afirmativo, apenas faltaram da turma do 7º _____ a aluna _____, número dez; da turma verde os alunos _____, número quatro, _____, número seis e _____, número dezoito; e da turma azul a aluna _____, número onze.</p> <p>A esta lista pode-se acrescentar o nome do aluno _____, número dez, da turma verde, dado que este aluno compareceu no horário previsto, mas, já dentro do autocarro, desistiu de participar na visita e comunicou que ia embora.</p> <p>Chegados à Barra distribuí a fichas de apoio à visita/aula de exterior dos diferentes anos e expliquei qual a intenção desta visita. Posto isto, demos a volta ao edifício do Farol para que os alunos pudessem observar todos os pormenores do monumento.</p> <p>De seguida, posicionamo-nos na rotunda, em frente ao Farol, e pedi aos alunos que se dispusessem pelo espaço existente, da forma mais confortável para cada um, e que preparassem o material necessário à execução desta atividade: papel cavalinho A4/A3, grafite e lápis de cor.</p> <p>Sempre após o meu sinal os alunos começavam os desenhos de 1minuto, depois de 5 minutos e por fim de 30 minutos.</p> <p>Os alunos _____, número oito, _____, número catorze, _____, número quinze, e _____, número vinte e dois, da turma verde, posicionaram-se no largo do Farol e foram sendo supervisionados pela colega de núcleo de estágio. Sempre</p>	

que podia dirigia-me junto destes alunos para ver como estava a correr o desenho do Farol.

Depois de todos os alunos terminarem o último desenho de 30 minutos, que deixei que se prolongasse um pouco mais, para uns últimos retoques, fomos todos relaxar junto à praia. Por volta das 16.15 regressámos à escola, num ambiente bastante animado.

Anotações reflexivas

No geral, os alunos tiveram bastantes dificuldades no desenvolvimento do desenho de 1 minuto e 5 minutos. Tal com o havia acontecido em aula, alguns alunos nem sequer conseguir fazer desenho algum, de 1 e 5 minutos, pois acham que o tempo estabelecido não o permitia.

No entanto, mais uma vez, os alunos [redacted], número um, [redacted], número doze, e a [redacted], da turma verde, destacaram-se dos restantes, pela expressividade dos seus desenhos. Já os alunos [redacted], número quinze, e [redacted], número vinte e dois, também da turma verde, não estavam, minimamente, preocupados em desenvolver os desenhos, queriam apenas divertir-se.

O ambiente vivido foi bastante tranquilo e agradável, no entanto os alunos [redacted], número quinze, e [redacted], número vinte e dois, da turma verde, a dada altura tentaram beber uma cerveja, que tinham trazido consigo. Mas a Professora cooperante e a colega [redacted], que se encontravam perto destes alunos, prontamente exigiram que deitassem a bebida fora e chamaram-nos à atenção para a situação.

Foi também visível que os alunos através da observação direta ao Monumento conseguiram melhores resultados nos seus desenhos, pois captaram melhor quer o essencial (desenho de 1 e 5 minutos), quer o pormenor (desenho de 30 minutos).

No final da visita foi evidente a satisfação de, praticamente, todos os alunos com a visita efetuada.

Nota de Campo nº 14

Dia da observação: 22.04.2013

Local da observação: sala de aula - E.V.

Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº3

Intervenientes/ amostra: turma verde

Anotações descritivas

Deu-se a entrada na sala de aula e comecei por agradecer aos alunos que participaram na Visita/Aula de exterior no Farol da Barra. Entretanto, pedi aos alunos que colocassem o material da atividade do logótipo em cima do estirador e que continuassem a desenvolver o trabalho pedido. Relembrei que esta era a última aula para conclusão deste trabalho e que no final deveriam ter prontos para entrega o esboço do logótipo a preto e branco, o esboço com estudo cromático e memória descritiva.

Posto isto, fui circulando pela sala de aula apoiando os alunos com maiores dificuldades e insistindo com os alunos mais atrasados, como era o caso dos alunos [redacted], número seis, [redacted], número dez, [redacted], número quinze, e [redacted], número vinte e dois.

A aluna [redacted], número dezanove, aluna com necessidades educativas especiais (NEE), apesar das suas dificuldades, foi persistindo e pedindo sempre a minha ajuda. Já a aluna [redacted], número vinte, também com necessidades educativas especiais (NEE), não deu grande avanço ao logótipo, mesmo com as constantes intervenções minhas, na perspetiva de a ajudar.

O aluno [redacted], número quinze, continuou a trabalhar em computador, no entanto, no final da aula tinha muito pouco trabalho desenvolvido.

No fim da aula a maioria dos alunos ainda não tinham terminado os seus trabalhos. Mas dado que os prazos eram curtos permiti que finalizassem em casa que me entregassem na aula seguinte para proceder à avaliação dos mesmos.

Ainda antes do término da aula foram apontados no quadro os nomes de cada elemento dos cinco grupos para o desenvolvimento dos desenhos das faixas do *Farol da Barra* e do cartaz:

- . **Grupo 1:** Ana Fernandes, número três; Beatriz Rodrigues, número quatro; Diana Santos, número sete; Rosmary Noriega, número dezoito;
- . **Grupo 2:** Ana Martelo, número um; Rafaela Martelo, número dezasseis; Sara Monteiro, número vinte; Sisi Su, número vinte e um; Ana Constança Bastos, número vinte e quatro;
- . **Grupo 3:** Francisco Ferreira, número oito; Henrique Eugénio, número nove; Paulo Santos, número doze;
- . **Grupo 4:** Cristiano Henriques, número seis; João Pinho, número dez; Pedro Faria, número treze; Rafael Pereira, número quinze; Tiago Ferreira, número vinte e dois;
- . **Grupo 5:** Ana Fernandes, número dois; Catarina Ramalheira, número cinco; Marta Magalhães, número onze; Salomé Almeida, número dezanove.

A escolha dos grupos foi da inteira responsabilidade de cada um, com a exceção da aluna com necessidades educativas especiais (NEE) [REDACTED], número vinte, tendo ficado no grupo 1 a meu pedido.

Deu-se a aula por terminada e os alunos saíram da sala com tranquilidade.

Anotações reflexivas

Alguns alunos estavam um pouco desinteressados na atividade, pois passam mais tempo a conversar do que a desenvolver o logótipo, no entanto, de um modo geral, todos foram desenvolvendo os logótipos com empenho. Contudo, alguns não conseguiram terminar a atividade, mas tiveram a preocupação de pedir para terminar em casa.

As maiores dificuldades foram ao nível do *lettering* e mesmo na definição do símbolo, que em muitos casos associaram demasiadas imagens.

Tal como no início da atividade, foi dando uma atenção especial aos alunos com necessidades educativas especiais (NEE). No entanto, apesar das minhas constantes intervenções juntos do aluno [REDACTED], número dez e da aluna [REDACTED], número vinte, estes demonstraram pouco empenho no desenvolvimento da atividade. Já a aluna [REDACTED], número dezanove, apesar das suas dificuldades, foi elaborando o logótipo com bastante interesse, esclarecendo, sempre que necessário, dúvidas comigo.

Nota de Campo nº 15

Dia da observação: 23.04.2013

Local da observação: sala de aula - E.V.

Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº4

Intervenientes/ amostra: turma azul

Anotações descritivas

Nesta aula comecei por agradecer aos alunos que participaram na Visita/Aula de exterior no Farol da Barra e voltei a relembrar aos alunos que o projeto que estavam a desenvolver iria ser exposto no MMI, e que por isso contava com a maior dedicação possível, por parte deles, neste projeto.

Posto isto, com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi, passei à exposição da atividade 3: desenvolvimento de maquete do Farol da Barra e respetiva decoração de listas, com ilustração alusiva a símbolos culturais da região. Deste modo, cada grupo deveria começar o estudo da sua ilustração para a lista do Farol, inscrito num retângulo de 30cmx9,7cm, em folha A3. Esta tarefa implicava um mínimo de dois estudos de ilustração para lista por grupo.

Devido ao fato de nem todos os alunos terem ido à visita ao MMI, nem terem efetuado pesquisa em casa, propôs-se que os grupos, rotativamente, fossem à biblioteca fazer

pesquisa sobre símbolos da cultura da região. A Professora cooperante ofereceu-se para acompanhar os grupos à biblioteca. No entanto, dado a confusão criada pelo primeiro grupo que foi à biblioteca, grupo 3, mais nenhum grupo pôde ir efetuar a pesquisa. Quanto ao desenvolvimento da maquete, começou-se por lixar a estrutura cônica de metal e por planificar e cortar as caixas para o edifício da base. Alguns alunos propuseram-se de imediato para estas tarefas: [REDACTED], número três; [REDACTED], número oito, [REDACTED], número dezasseis, [REDACTED], número dezassete, [REDACTED], número vinte e dois, e [REDACTED], número vinte e um.

Ao longo de toda a aula fui circulando pela sala de aula, apoiando os alunos na atividade relativa às faixas, assim como, os alunos que se encontravam a desenvolverem as tarefas referentes à maquete. Também a minha colega de núcleo de estágio, [REDACTED], colaborou no apoio aos alunos que se encontravam no desenvolvimento da maquete. No fim da aula os alunos colaboraram na limpeza sem grandes agitações.

Anotações reflexivas

No geral, todas as tarefas pedidas foram sendo feitas de um modo bastante empenhado. Apenas o grupo 4 demonstrou uma atitude mais despreocupada perante a atividade. Foi notório que a turma, apesar de bastante grande, empenha-se com afinco nas atividades práticas propostas. A maior agitação é sempre sentida aquando da exposição de matéria, ou no caso desta aula, na exposição da atividade.

Nota de Campo nº 16

Dia da observação: 29.04.2013
Local da observação: sala de aula - E.V.
Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº4
Intervenientes/ amostra: turma verde

Anotações descritivas

Nesta aula comecei por voltar a relembrar aos alunos que o projeto que estavam a desenvolver iria ser exposto no MMI, e que por isso contava com a maior dedicação possível, por parte deles, neste projeto.

Posto isto, com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi, passei à exposição da atividade 3: desenvolvimento de maquete do Farol da Barra e respetiva decoração de listas com ilustração alusiva a símbolos culturais da região. Deste modo, cada grupo deveria começar o estudo da sua ilustração para a lista do Farol, inscrito num retângulo de 30cmx9,7cm, em folha A3. Esta tarefa implicava um mínimo de dois estudos de ilustração para listas, por grupo.

Quanto ao desenvolvimento da maquete, começou-se por lixar a estrutura cônica de metal e por planificar e cortar as caixas para o edifício da base. Alguns alunos propuseram-se de imediato para estas tarefas: [REDACTED], número três, [REDACTED], número dez, número três, [REDACTED], número treze, e [REDACTED], número quinze.

Ao longo de toda a aula fui circulando pela sala de aula apoiando os alunos na atividade relativa às faixas, assim como os alunos que se encontravam a desenvolver as tarefas referentes à maquete. Também a minha colega de núcleo de estágio, [REDACTED], colaborou no apoio aos alunos que se encontravam no desenvolvimento da maquete. No fim da aula pedi aos alunos que arrumassem a sala e para não deixarem nada por limpar. De um modo geral, os alunos colaboraram na limpeza sem grandes agitações.

Anotações reflexivas

No geral, todas as tarefas pedidas foram sendo feitas de um modo bastante empenhado. Apenas a aluna com necessidades educativas especiais (NEE) [REDACTED], número vinte, acomodou-se ao seu grupo de trabalho, tendo contribuído muito pouca na tarefa proposta para esta aula, apesar das diversas chamadas de atenções.

Nota de Campo nº 17	
Dia da observação: 30.04.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 90 minutos	Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº5 Intervenientes/ amostra: turma azul
Anotações descritivas	
<p>O início desta aula não correr nos parâmetros normais, visto que a sala de E.V. ainda estava a ser usada por um aluno que se encontrava a fazer um teste intermédio. Por isso, a aula começou na sala da turma, tendo a Professora cooperante, [REDACTED], aproveitado para tratar de assuntos da direção de turma. Também aproveitou para pedir aos alunos que me entregasse os desenhos do Farol da Barra e do logótipo para avaliação.</p> <p>Após cerca de vinte minutos pudemos voltar à sala de E.V.. No entanto, nesta altura a turma encontrava-se bastante agitada, dada a situação. Pedi aos alunos que entrassem ordeiramente e que se fossem organizando pelos grupos.</p> <p>Assim, a aula iniciou-se com a continuação do desenvolvimento do estudo para a decoração das listas por parte dos grupos de trabalho, sendo que alguns elementos predispuseram-se para continuar a elaboração da maquete. Logo, alguns alunos dedicaram-se à pintura base da estrutura cónica de metal, com tinta primária, sendo que outros alunos continuaram o corte das caixas para o edifício da base.</p> <p>Entretanto, os restantes alunos foram continuando a elaborar os estudos para as listas.</p> <p>Tal com na aula anterior, fui circulando pela sala de aula, apoiando os alunos na atividade relativa às faixas, assim como os alunos que se encontravam a desenvolver as tarefas referentes à maquete. No final da aula deu-se a limpeza da mesma sem grandes confusões, mas sempre feita pelos mesmos alunos.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>É importante realçar que devido ao facto da atividade de desenvolvimento da maquete ser um trabalho de turma, tentei que todos os alunos fossem tendo contacto com esta atividade, havendo uma rotatividade no processo das diferentes tarefas envolvidas.</p> <p>Os diversos grupos foram revelando bastante empenho e interesse na execução dos estudos para as faixas do Farol, sendo que alguns deles tinham trabalhado em casas.</p> <p>O aluno [REDACTED], número vinte e um, destacou-se pelo empenho e afinco nas tarefas ligadas ao desenvolvimento da maquete. No entanto, foi-se descurando dos trabalhos do seu grupo, deixando a tarefa de desenvolvimento do estudo das listas ao encargo das suas colegas.</p>	

Nota de Campo nº 18	
Dia da observação: 06.05.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 90 minutos	Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº5 Intervenientes/ amostra: turma verde
Anotações descritivas	
<p>A aula iniciou-se com a continuação do desenvolvimento do estudo para a decoração das listas por parte dos grupos de trabalho, sendo que alguns elementos predispuseram-se para continuarem a elaboração da maquete. Assim, no decorrer desta aula os alunos [REDACTED], número dois, [REDACTED], número nove, e [REDACTED], número dez, dedicaram-se à pintura base, com tinta primária, da estrutura cónica de metal e, posteriormente, passaram à pintura com tinta acrílica branca.</p> <p>A aluna [REDACTED], número três, continuou o corte das caixas para o edifício da base e de seguida com a ajuda dos alunos [REDACTED], número nove, e [REDACTED], número vinte, passaram à colagem das mesmas com cola quente e por isso foi necessário</p>	

alertar os alunos sobre o uso e cuidado a ter com a pistola de cola quente. Entretanto, os restantes alunos foram continuando a elaborar os estudos para as listas. No entanto, os elementos do grupo 4, [REDACTED], número seis, [REDACTED], número dez, [REDACTED], número quinze, e [REDACTED], número vinte e dois, demonstraram pouco atenção e dedicação ao estudo das listas para o Farol, deixando praticamente a tarefa ao encargo do colega de grupo [REDACTED], número treze. Mais uma vez a aluna com necessidades educativas especiais (NEE) [REDACTED], número vinte, deixou a tarefa de desenvolvimento do estudo das listas ao encargo do seu grupo de trabalho. No entanto, pediu para colaborar nas tarefas relativas à maquete. Tal com na aula anterior, fui circulando pela sala de aula apoiando os alunos na atividade relativa às faixas, assim como os alunos que se encontravam a desenvolver as tarefas referentes à maquete. No final da aula deu-se a limpeza da mesma sem grandes confusões.

Anotações reflexivas

De um modo geral, os alunos continuaram a revelando bastante empenho e interesse na execução das tarefas. Apenas alguns elementos do grupo 4 demonstraram menos dedicação ao desenvolvimento do estudo para as faixas, passam maior parte do tempo a conversar. A aluna com necessidades educativas especiais (NEE) [REDACTED], número vinte, apesar de continuar a não colaborar com o seu grupo de trabalho, disponibilizou-se para desenvolver as tarefas mais práticas de execução da maquete. É importante realçar que devido ao facto da atividade de desenvolvimento da maquete ser um trabalho de turma, tentei que todos os alunos fossem tendo contacto com esta atividade, havendo uma rotatividade no processo das diferentes tarefas envolvidas.

Nota de Campo nº 19

Dia da observação: 07.05.2013
Local da observação: sala de aula - E.V.
Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº6
Intervenientes/ amostra: turma azul

Anotações descritivas

Deu-se a entrada na sala de aula, como sempre, com bastante agitação. Fui repreendendo os alunos e pedindo que se organizassem em grupo. Posto isto, pedi-lhes que continuassem a desenvolver a atividade do estudo das listas do Farol e lembrei que esta era a última aula para conclusão deste trabalho e que no final deveriam ter prontos, no mínimo, dois estudos, devidamente desenhados e pintados. A par desta tarefa também tinham que continuar a desenvolver a maquete. Inicialmente, a aluna [REDACTED], número dezassete, procedeu à colagem das caixas dos edifícios base do Farol, e por isso foi necessário alertar a aluna sobre o uso e cuidado a ter com a pistola de cola quente. O aluno [REDACTED], número vinte e um, dedicou-se à pintura base da estrutura cónica de metal, mas agora com tinta acrílica. Posteriormente, os alunos do grupo 3, dado que já tinham concluído os estudos para as listas do Farol, com o auxílio do aluno [REDACTED], número vinte e um, dedicaram-se à fase de cobertura das caixas do edifício com folhas de jornal e, seguido, de folhas de papel de seda e cola branca, de modo a tornar as faces e as arestas do edifício mais lisas. O grupo 5, após terminar os seus estudos para as listas do Farol, elaborou o topo do Farol, campânula vermelha, através da cobertura de balão, inicialmente, com papel de jornal e cola branca e, posteriormente, com tiras de gesso. Este grupo também efetuou o recorte das janelas e portas para o edifício do Farol, que havia sido impresso em papel autocolante. Os grupos 1, 2, 4 e 6 centraram as suas atenções nos desenhos para as listas do Farol dado que estavam um pouco atrasados e tinham que entregar os estudos até ao final da aula.

<p>No fim da aula os grupos procederam à entrega dos seus estudos para a decoração das listas do Farol, de forma a poder proceder à avaliação dos mesmos, assim como, decidir quais os desenho e qual a distribuição a fazer-se na maquete.</p> <p>No final da aula a sala foi arrumada e os alunos saíram um pouco exaltados.</p>	
<p align="center">Anotações reflexivas</p>	
<p>Nesta fase, foi notória a capacidade e bom ritmo de trabalho da turma, apesar de serem barulhentos e agitados.</p>	

Nota de Campo nº 20	
<p>Dia da observação: 13.05.2013</p> <p>Local da observação: sala de aula - E.V.</p> <p>Duração da observação: 90 minutos</p>	<p>Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº6</p> <p>Intervenientes/ amostra: turma verde</p>
Anotações descritivas	
<p>Deu-se a entrada na sala de aula e pedi aos alunos que continuassem a desenvolver a atividade do estudo das listas do Farol e lembrei que esta era a última aula para conclusão deste trabalho e que no final deveriam ter prontos, no mínimo, dois estudos, devidamente desenhados e pintados. A par desta tarefa também tinham que continuar a desenvolver a maquete.</p> <p>Assim, os alunos [redacted], número um, [redacted], número dois, [redacted], número treze, [redacted], número catorze, [redacted], número dezoito, e [redacted], número vinte, dedicaram-se à fase de cobertura das caixas do edifício com folhas de jornal e, posteriormente, folhas de papel de seda e cola branca, de modo a tornar as faces e as arestas do edifício mais lisas. Também foi elaborado o topo do Farol, campânula vermelha, através da cobertura de balão com tiras de gesso.</p> <p>Os elementos do grupo 2 efetuaram o recorte das janelas e portas para o edifício do Farol, que havia sido impresso em papel autocolante.</p> <p>No fim da aula a maioria dos grupos ainda não tinham terminado os seus estudos para a decoração das listas do Farol. Como tal, permiti que finalizassem em casa e que me entregassem até ao final da semana para proceder à avaliação dos mesmos, assim como, decidir quais os desenho e qual a distribuição a fazer-se na maquete. No caso desta turma iria ser necessário a escolha de dois desenhos de um do grupo, pois só existiam cinco grupos para seis listas do Farol.</p> <p>O aluno [redacted], número dez, começou a faltar às aulas de E.V., nunca mais tendo comparecido às mesmas.</p> <p>A sala foi arrumada e os alunos saíram ordeiramente.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>Nesta fase, começo a ser notória a diferença entre esta turma e a turma azul, dado que os alunos da turma azul, apesar de mais barulhentos e agitados, conseguiam responder mais atempadamente e com menor dificuldade às tarefas pedidas.</p>	

Nota de Campo nº 21	
<p>Dia da observação: 14.05.2013</p> <p>Local da observação: sala de aula - E.V.</p> <p>Duração da observação: 90 minutos</p>	<p>Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº7</p> <p>Intervenientes/ amostra: turma azul</p>
Anotações descritivas	
<p>Nesta aula, os grupos passaram à execução dos seus desenhos na estrutura cónica de metal do Farol, que havia sido previamente dividida, pelas diferentes listas, por mim e pela</p>	

<p>minha colega de núcleo de estágio, [REDACTED], no horário de coordenação de PES.</p> <p>Logo no início da aula apresentei e expliquei à turma a escolha para a distribuição dos desenhos pela estrutura do Farol. Os alunos que ficaram com as listas da base ficaram um pouco aborrecidos, pois acham que o seu desenho estava a ser desvalorizado. Assim, tentei explicar-lhes que a escolha foi feita de forma a haver uma variação de tons ao longo do Farol, e nunca uma classificação dos trabalhos, pelo contrário, afirmei que a turma, de um modo geral, tinha conseguido bons resultados.</p> <p>Também sugeri ao grupo 2 que deveriam usar os dois desenhos elaborados numa só lista, isto é, os dois desenhos iriam complementar-se.</p> <p>Assim, enquanto alguns grupos se organizavam à volta da estrutura e procediam à passagem do desenho para a mesma, outros grupos pintavam as caixas do edifício, as ripas para as arestas do mesmo e o topo do Farol, campânula vermelha.</p> <p>Aconselhei os alunos a colarem os seus estudos na lista acima da sua para melhor visualizarem e copiarem os desenhos.</p> <p>A turma conseguiu passar quase todos os desenhos durante a aula, começando alguns grupos com a pintura dos mesmos. Ficaram apenas por passar os desenhos dos grupos 4 e 5. Mas no caso do grupo 5, foi dada a pintura base para na aula seguinte se passar o desenho.</p>	
<p align="center">Anotações reflexivas</p>	
<p>Na passagem dos desenhos para a estrutura cônica de metal foi notório a capacidade da turma de se organizar à volta da estrutura para que todos pudessem trabalhar nas suas listas, não se verificando grandes dificuldade por parte de quase todos os grupos.</p> <p>Ao contrário do verde, esta turma, apesar de mais desestabilizadora, demonstrou maior capacidade de concentração e organização no trabalho, tendo conseguido passar quase todos os desenhos numa só aula e começado com a pintura dos mesmos.</p>	

Nota de Campo nº 22	
<p>Dia da observação: 20.05.2013</p> <p>Local da observação: sala de aula - E.V.</p> <p>Duração da observação: 90 minutos</p>	<p>Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº7</p> <p>Intervenientes/ amostra: turma verde</p>
Anotações descritivas	
<p>Nesta aula, os grupos deveriam passar à execução dos seus desenhos na estrutura cônica de metal do Farol, que havia sido previamente dividida, pelas diferentes listas, por mim e pela minha colega de núcleo de estágio, [REDACTED], no horário de coordenação de PES.</p> <p>Logo no início da aula apresentei e expliquei à turma a escolha para a distribuição dos desenhos pela estrutura do Farol. Foi também nesta altura que anunciei à turma que o grupo 2 teria direito a duas listas, especialmente pela diversidade de símbolos usados.</p> <p>Também sugeri ao grupo 3 que deveriam usar os dois desenhos elaborados numa só lista, isto é, os dois desenhos iriam complementar-se.</p> <p>Assim, enquanto alguns grupos se organizavam à volta da estrutura e procediam à passagem do desenho para a mesma, outros grupos pintavam as caixas do edifício e as ripas para as arestas do mesmo.</p> <p>Os alunos [REDACTED], número dois, e [REDACTED], número treze, procederam ao corte e pintura do topo do Farol, campânula vermelha.</p> <p>A passagem dos desenhos para a estrutura cônica de metal foi feita com dificuldades, sendo necessário a mim intervenção com muita regularidade, visto que os alunos sentiam dificuldades em reproduzir os próprios desenhos. Por isso, aconselhei os alunos a colarem os seus estudos na lista acima da sua, para melhor visualizarem e copiarem os desenhos.</p> <p>No final da aula, eram poucos os desenhos que tinham sido passados para a estrutura, estando alguns incompletos.</p> <p>Os alunos arrumaram e saíram tranquilamente.</p>	

Anotações reflexivas	
<p>Na passagem dos desenhos para a estrutura cônica de metal foi notório as dificuldades sentidas por parte de quase todos os grupos.</p> <p>Foi, também, evidente o atraso desta turma relativamente à turma azul.</p>	

Nota de Campo nº 23	
<p>Dia da observação: 21.05.2013</p> <p>Local da observação: sala de aula - E.V.</p> <p>Duração da observação: 90 minutos</p>	<p>Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº8</p> <p>Intervenientes/ amostra: turma azul</p>
Anotações descritivas	
<p>Nesta aula, como de costume, os alunos entraram na sala de aula agitados. Pedi-lhes que se sentassem nos seus lugares, pois iriam começar uma nova matéria.</p> <p>Dei início à aula, com a exposição da matéria teórica sobre o Cartaz, com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi. Comecei por definição o cartaz, explorando as suas funções e a forma correta de o projetar. Também apresentei alguns exemplos de cartazes desenvolvidos para eventos do concelho. Por fim, foi lançada a atividade 6 que pressupõe o desenvolvimento do cartaz para a exposição da Maquete do <i>Farol da Barra</i> no MMI.</p> <p>Posto isto, anunciei o material necessário, a informação a inserir no cartaz e os prazos para a execução do trabalho, que seria apenas de duas aulas, pois a última aula seria para autoavaliação.</p> <p>Assim os grupos foram-se dividindo pelas tarefas do cartaz e do desenvolvimento da maquete.</p> <p>Ao longo, do desenvolvimento do cartaz, fui circulando pela sala, apoiando os alunos com maiores dificuldades e, especialmente, aqueles que pediam o meu auxílio, assim com ia ajudando os alunos que se encontravam a pintar os desenhos das listas do Farol.</p> <p>Entretanto, a sala foi devidamente arrumada e os alunos, e só depois os alunos puderam sair.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>Durante a exposição da matéria tentei ser o mais clara possível, apesar da rápida exploração da matéria, pois os alunos já acusavam bastante cansaço e pouca paciência para as matérias ditas mais teóricas, dado que o final do período já se avizinhava.</p>	

Nota de Campo nº 24	
<p>Dia da observação: 27.05.2013</p> <p>Local da observação: sala de aula - E.V.</p> <p>Duração da observação: 90 minutos</p>	<p>Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº8</p> <p>Intervenientes/ amostra: turma verde</p>
Anotações descritivas	
<p>Nesta aula os alunos entraram na sala de aula de forma ordenada, mas já acusavam algum cansaço, natural de final de ano.</p> <p>Entretanto, dei início à aula, com a exposição da matéria teórica sobre o Cartaz, com base numa apresentação, em suporte multimédia, elaborada em Prezi. Comecei pela definição de cartaz, explorando as suas funções e a forma correta de o projetar. Também apresentei alguns exemplos de cartazes desenvolvidos para eventos do concelho. Por fim, foi lançada a atividade 6 que pressupõe o desenvolvimento do cartaz para a exposição da Maquete do <i>Farol da Barra</i> no MMI.</p> <p>Posto isto, anunciei o material necessário, a informação a inserir no cartaz e a data da</p>	

execução do trabalho, que seria apenas de duas aulas, pois encontrávamo-nos a uma semana da última aula do período.

De um modo geral, os alunos estavam atentos, mas, como já referi, já acusavam algum cansaço, o que levou a alguma distração por parte de alguns alunos.

Os grupos 3 e 4 propuseram trabalhar em computador, ao qual acedi sem qualquer entrave.

Assim os grupos foram-se dividindo pelas tarefas do cartaz e do desenvolvimento da maquete.

Ao longo, do desenvolvimento do cartaz, fui circulando pela sala, apoiando os alunos com maiores dificuldades e, especialmente, aqueles que pediam o meu auxílio, assim como, ia ajudando os alunos que se encontravam a pintar os desenhos das listas do Farol.

O aluno [REDACTED], número nove, procedeu à colagem das janelas e portas nas caixas do edifício, de uma forma bastante metódica e organizada.

Já no final da aula, informei aos alunos que me disponibilizaria para fazermos uma aula extra na sexta-feira, dessa semana, da parte da tarde, para os grupos mais atrasados concluírem as pinturas das listas no Farol e para, assim, poderem ver o projeto da turma exposto no fim-de-semana da Rota do Bacalhau, na escola – dias 1 e 2 de maio. Obtive resposta afirmativa por parte de alguns elementos de dois grupos.

Entretanto, a sala foi devidamente arrumada e os alunos foram saindo ordeiramente.

Anotações reflexivas

Durante a exposição da matéria tentei ser o mais clara possível, apesar da rápida exploração da matéria, dado que tínhamos muito pouco tempo para concluir a maquete e esta atividade.

Nota de Campo nº 25

Dia da observação: 28.05.2013

Local da observação: sala de aula - E.V.

Duração da observação: 90 minutos

Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº9

Intervenientes/ amostra: turma azul

Anotações descritivas

Nesta aula, após todos os alunos se terem sentado por grupos, pedi-lhes que colocassem o material da atividade do cartaz em cima do estirador e que continuassem a desenvolver o trabalho pedido e relembrei que no final da aula deveriam entregar-me o cartaz concluído. A par disto, alguns alunos continuaram a pintura das listas do Farol.

No decorrer da aula, fui circulando pela sala, apoiando os alunos com maiores dificuldades e incentivando os alunos mais atrasados, assim como ia ajudando os alunos que se encontravam a pintar os desenhos das listas do Farol.

O aluno [REDACTED], número vinte e um, procedeu à colagem das janelas e portas nas caixas do edifício, de uma forma bastante metódica e organizada.

No fim da aula apenas o grupo 3 não tinha terminado o seu cartaz, por isso prolonguei a data de entrega até à aula seguinte, para, posteriormente, proceder à avaliação dos mesmos.

Quanto aos desenhos das listas do Farol apenas dois grupos tinham o trabalho incompleto. Por isso, informei aos alunos que me disponibilizaria para fazermos uma aula extra na sexta-feira, dessa semana, da parte da tarde, para os grupos mais atrasados concluírem as pinturas das listas no Farol e para, assim, poderem ver o projeto da turma exposto no fim-de-semana da Rota do Bacalhau, na escola – dias 1 e 2 de maio. Obtive resposta afirmativa apenas por parte do grupo 1. No caso do grupo 2, que também ainda não havia concluído a pintura da sua lista, nenhum elemento do grupo podia comparecer e por isso comprometi-me a dar os últimos retoques neste desenho.

Anotações reflexivas
Mais uma vez, esta turma demonstrou grande capacidade de concentração e organização no trabalho, estando a maquete quase concluída.

Nota de Campo nº 26	
Dia da observação: 31.05.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 180 minutos	Ação: Aula extra Intervenientes/ amostra: turma azul/verde

Anotações descritivas
<p>Às 14h30m encontrei-me na sala de E.V. com os alunos que se tinham predisposto a participar nesta aula extra. Assim, da turma verde compareceram os alunos [REDACTED], número 2, [REDACTED], número cinco, [REDACTED], número nove, [REDACTED], número onze, e [REDACTED], número doze. E da turma azul apenas compareceram as alunas [REDACTED], número oito, [REDACTED], número dezasseis, e [REDACTED], número vinte e dois.</p> <p>Começamos por dispor o material necessário para a pintura das listas e passamos à execução da mesma.</p> <p>Os alunos foram pintando os seus desenhos e à medida que acabavam o trabalho iam saindo.</p> <p>Por volta das 15h30m a Professora [REDACTED], elemento da CAP, passou pela nossa sala para ver em que pé se encontrava o desenvolvimento da maquete. Ficou bastante admirada e satisfeita com o trabalho desenvolvido pelas turmas e deu os parabéns, quer a mim, quer aos alunos, que se encontravam presentes na sala.</p> <p>Entretanto, o último trabalho a ser concluído foi o dos alunos [REDACTED], número nove, e [REDACTED], número doze, por volta das 17h30m.</p> <p>Posto isto, estes alunos ajudaram na limpeza do material que ainda não estava limpo e demos como concluídas as maquetes do Farol da Barra.</p> <p>Às 18h a minha colega de núcleo de estágio [REDACTED] deslocou-se à escola para me ajudar a transportar as maquetes para o polivalente da escola, de modo a serem apreciadas pelos participantes da Rota do Bacalhau, que almoçariam neste mesmo espaço.</p>
Anotações reflexivas
<p>O ambiente da aula foi bastante agradável e amistoso. Os alunos não encaram esta aula como uma obrigação, sentiram antes que lhes estava a dar uma ajuda, proporcionando-se um ambiente bastante descontraído e prazeroso.</p>

Nota de Campo nº 27	
Dia da observação: 03.06.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 90 minutos	Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº9 Intervenientes/ amostra: turma verde
Anotações descritivas	
<p>Nesta aula coloquei a maquete do <i>Farol da Barra</i> no fundo da sala para os alunos poderem apreciar o trabalho desenvolvido por eles.</p> <p>Dado ser a última aula do período, a Professora cooperante, [REDACTED], iniciou a aula com a autoavaliação.</p> <p>Posto isto, liguei o pirilampo da maquete do <i>Farol da Barra</i> e questionei os alunos qual a sua opinião acerca do produto final. Entretanto, expliquei-lhe que para finalizar o meu</p>	

estágio necessitava que me respondessem a um inquérito por questionário, para poder incluir no meu estudo. Os alunos colaboraram sem qualquer problema.

Também convidei os alunos a estarem presente na apresentação dos projetos *Farol da Barra*, elaborado por eles, assim como dos projetos *Bacalhau* elaborados pelos colegas do 9º e 9º, sob a orientação da colega [REDACTED]. Desta forma distribui convite por todos os alunos.

Entretanto, pedi aos alunos que colocassem o material da atividade do cartaz em cima do estirador e que continuassem a desenvolver o trabalho pedido e relembrei que no final da aula deveriam entregar-me o cartaz concluído.

No decorrer da aula, fui circulando pela sala, apoiando os alunos com maiores dificuldades e incentivando os alunos mais atrasados.

Mais uma vez, os elementos do grupo 4, [REDACTED], número seis, [REDACTED], número quinze, e [REDACTED], número vinte e dois, demonstraram pouco atenção e dedicação ao desenvolvimento da atividade, conduzindo o colega de grupo [REDACTED], número treze, a também não efetuar a atividade, pois não queria ser o único responsável pelo resultado. Esta situação levou a que este grupo não entregasse a atividade 6.

Mais uma vez, a aluna com necessidades educativas especiais (NEE) [REDACTED], número vinte, deixou a tarefa de desenvolvimento do cartaz ao encargo do seu grupo de trabalho, tendo participado muito pouco nesta tarefa.

No fim da aula nem dos grupos não tinham terminado os seus cartazes. Dado que esta turma tinha uma aula a menos do que a turma azul, devido ao feriado, permiti que finalizassem em casa e que me entregassem até ao final da semana para proceder à avaliação dos mesmos. O grupo 3 enviou-me o cartaz via correio eletrónico.

No final da aula despedi-me dos alunos e relembrei-os que contava com eles no dia da apresentação dos projetos *Farol da Barra*. No entanto, a maioria dos alunos disse que dificilmente iria comparecer.

Anotações reflexivas

O facto dos elementos do grupo 4, [REDACTED], número seis, [REDACTED], número quinze, e [REDACTED], número vinte e dois, demonstraram pouco empenho no desenvolvimento da atividade 6, conduziu a que o colega de grupo [REDACTED], número treze se sentisse desmotivado e sem interesse.

Ao nível do cartaz foi notório que a maioria dos alunos já apresentava bastante cansaço, tendo sido pouco explorado, pela maioria dos grupos. O *lettering* foi onde se notou maiores dificuldades.

No final deste projeto, consegui concluir que muitas das vezes os grupos de trabalho podem levar à desmotivação de alguns elementos do grupo, caso a escolha não seja devidamente feita. No entanto, como não quis impor nenhum grupo a nenhum aluno, tendo sido a escolha da total responsabilidade de cada um, não me senti culpada pela falta de resposta de alguns grupos, senti-me antes incapaz de contornar a situação em alguns casos, como por exemplo o caso do grupo 4.

Quanto ao caso da aluna com necessidades educativas especiais (NEE) [REDACTED], número vinte, tentei encaixá-la num grupo de colegas onde achava que o ambiente seria mais sereno e acolhedor, visto que esta aluna não estava muito bem inserida na turma. No entanto, fui-me apercebendo que a própria aluna se ia acomodando, deixando o trabalho ao cargo das outras colegas, mesmo quando estas lhe pediam sugestões e ajuda.

Ainda assim, penso que a divisão das tarefas por diferentes tipos de trabalho, individual, de grupo e de turma, proporcionou aos alunos experiências completamente distintas.

Foi também notório a satisfação dos alunos, de um modo geral, com o resultado final da maquete, notando-se que superou as expectativas de quase todos os alunos.

Nota de Campo nº 28	
Dia da observação: 06.04.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 90 minutos	Ação: Prática de Ensino Supervisionado - aula nº10 Intervenientes/ amostra: turma azul
Anotações descritivas	
<p>Nesta aula coloquei a maquete do <i>Farol da Barra</i> no fundo da sala para os alunos poderem apreciar o trabalho desenvolvido por eles.</p> <p>Dado ser a última aula do período, a Professora cooperante, [REDACTED], iniciou a aula com a autoavaliação.</p> <p>De seguida, liguei o pirlampo da maquete do <i>Farol da Barra</i> e questionei os alunos qual a sua opinião acerca do produto final. Entretanto, expliquei-lhes que para finalizar o meu estágio necessitava que me respondessem a um inquérito por questionário, para poder incluir no meu estudo. Os alunos colaboraram sem qualquer problema.</p> <p>Também convidei os alunos a estarem presente na apresentação dos projetos <i>Farol da Barra</i>, elaborado por eles, assim como dos projetos <i>Bacalhau</i> elaborados pelos colegas do 9º [REDACTED] e 9º [REDACTED], sob a orientação da colega [REDACTED]. Desta forma distribui convite por todos os alunos.</p> <p>Entretanto, pedi aos alunos que ainda não tinham terminado os cartazes para colocarem o material da atividade 6 em cima do estirador e que continuassem a desenvolver o trabalho pedido. Também lembrei que no final da aula deveriam entregar-me o cartaz concluído.</p> <p>No decorrer da aula, fui circulando pela sala, apoiando os alunos com maiores dificuldades e incentivando os alunos mais atrasados.</p> <p>No fim da aula todos os grupos entregaram os seus cartazes, de forma a proceder à avaliação dos mesmos.</p> <p>No final da aula despedi-me dos alunos e lembrei-os que contava com eles no dia da apresentação dos projetos <i>Farol da Barra</i>. No entanto, quase a totalidade dos alunos disse que não iria comparecer.</p>	
Anotações reflexivas	
<p>No termo deste projeto, consegui concluir que esta a turma trabalha muito bem projetos com bastantes tarefas e por isso é uma turma com bastante ritmo de trabalho. Apesar de ser uma turma bastante grande conseguiram trabalhar em conjunto sem nunca “chocarem” uns com os outros.</p> <p>Ao nível do cartaz foi notório que a maioria dos alunos já apresentava bastante cansaço, tendo sido pouco explorado, por alguns grupos. O <i>lettering</i> foi onde se notou maiores dificuldades.</p> <p>Quanto ao caso do aluno [REDACTED], número vinte e um, tentei encaixá-lo num grupo de colegas onde achava que o ambiente seria mais sereno e acolhedor. No entanto, fui-me apercebendo que o aluno se ia acomodando às colegas, no que diz respeito ao trabalho de grupo, mas colaborava bastante nas atividades relativas à maquete.</p> <p>Foi também notório a satisfação dos alunos, de um modo geral, com o resultado final da maquete, notando-se que superou as expectativas de quase todos os alunos.</p>	

Nota de Campo nº 29	
Dia da observação: 08.04.2013 Local da observação: sala de aula - E.V. Duração da observação: 90 minutos	Ação: Apresentação dos projetos <i>Farol da Barra</i> e <i>Bacalhau</i> no MMI Intervenientes/ amostra: professor do grupo 600 do concelho de Ílhavo
Anotações descritivas	

Neste dia eu e a minha colega de núcleo de estágio [REDACTED] fomos apresentar os projetos, desenvolvidos com os nossos alunos, no MMI, de forma a rematar o protocolo estabelecido com o Museu em questão.

A apresentação deu-se por volta das 16h, após uma receção no hall de entrada do MMI.

Assim, expusemos os projetos através de uma projeção de slides realizados em Prezi. Para que a apresentação não fosse demasiado massuda e cansativa, decidimos fazer uma exposição intercalando do projeto *Bacalhau* e do projeto *Farol da Barra*.

A professora cooperante [REDACTED] procedeu à apresentação inicial das suas estagiárias e fez também uma pequena introdução explicativa dos projetos.

Na plateia encontravam-se especialmente elementos das nossas famílias, amigos, elementos da CAP, docentes da escola. Quanto aos alunos a adesão não foi muito grande, no entanto compareceram alunos dos 9º anos e seus familiares.

No final da apresentação todas as pessoas fizeram uma visita ao Museu e também ao Aquário dos Bacalhaus.

Após esta apresentação no MMI, o professor [REDACTED], coordenador do grupo 600, pediu-nos que elaborássemos um pequeno texto para a *newsletter* da Escola.

Anotações reflexivas

Apesar de apresentação dos projetos ter corrido muito bem e ter tido uma bom acolhimento de todos os presentes, foi um pouco desmotivante não ter tido a comparência de nenhum aluno, quer da turma azul, quer da turma verde. Os alunos demonstraram pouco interesse pela apresentação dos seus projetos no Museu, apesar do empenho tido na execução do mesmo.

O professor do grupo 600 do concelho de Ílhavo, assim como outros professores e elementos da CAP da escola, felicitaram-nos pelo trabalho desenvolvido.

Anexo II – Inquérito por questionário

Questionário aos alunos

O presente questionário será elemento chave no trabalho de investigação sobre a importância das visitas aos museus e monumentos no desenvolvimento de um projeto na disciplina de Educação Visual, incorporado no Mestrado em ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo Básico e Secundário, do Departamento de Educação, da Universidade de Aveiro.

Os dados aqui fornecidos terão o maior sigilo e anonimato pelo que não deves colocar o teu nome em nenhuma parte e ou folha do questionário.

A resposta ao questionário deve ser o mais sincera possível e devem ser respondidas todas as perguntas.

Obrigada pela tua colaboração! Daniela Mota

Elementos sobre o teu perfil.

1. Género:

Masculino ☐

Feminino ☐

2. Idade: _____

3. Em que localidade vivo: _____

4. A profissão que desejo exercer no futuro é:

Advogado(a) _____ ☐

Médico(a) _____ ☐

Arquiteto(a) _____ ☐

Designer _____ ☐

Artista plástico _____ ☐

Engenheiro(a) _____ ☐

Fotógrafo(a) _____ ☐

Professor(a) _____ ☐

Bombeiro(a) _____ ☐

Mecânico(a) _____ ☐

Cabeleireiro(a) _____ ☐

Eletricista(a) _____ ☐

Pescador(a) _____ ☐

Outra. Qual? _____

5. Grau académico completo do pai:

1º Ciclo do Ensino básico (4ºano) _____ ☐

2º Ciclo do Ensino básico (6ºano) _____ ☐

3º Ciclo do Ensino básico (9ºano) _____ ☐

Ensino secundário (12ºano) _____ ☐

Curso Profissional _____ ☐

Bacharelato _____ ☐

Licenciatura _____ ☐

Mestrado _____ ☐

Doutoramento _____ ☐

Não sei _____ ☐

6. Grau académico completo da mãe:

- 1º Ciclo do Ensino básico (4ºano) _ ☐
- 2º Ciclo do Ensino básico (6ºano) _ ☐
- 3º Ciclo do Ensino básico (9ºano) _ ☐
- Ensino secundário (12ºano) _ ☐
- Curso Profissional _____ ☐
- Bacharelato _____ ☐
- Licenciatura _____ ☐
- Mestrado _____ ☐
- Doutoramento _____ ☐
- Não sei _____ ☐

7. Profissão do pai: _____

8. Profissão da mãe: _____

Aspetos sobre a relação com a escola.

Coloca um X na tabela, tendo em conta a escala de 1 a 5, onde:

1 = Discordo Totalmente, 2 = Discordo, 3 = Indeciso, 4 = Concordo e 5 = Concordo Totalmente.

9. A escola contribui para o meu sucesso futuro.	1	2	3	4	5
10. Sinto-me motivado(a) quando vou para as aulas.	1	2	3	4	5

Indica com um X apenas uma das opções.

11. Considero que:

- Gosto de estudar _____ ☐
- Não gosto de estudar _____ ☐

12. Habitualmente estudo:

- Todos os dias _____ ☐
- Alguns dias _____ ☐
- Para os testes _____ ☐
- Não estudo _____ ☐

Aspetos sobre a relação com a Educação Artística.

Coloca um X na tabela, tendo em conta a escala de 1 a 5, onde:

1 = Nenhuma, 2 = Pouca, 3 = Alguma, 4 = Boa e 5 = Muito boa.

13. A educação artística/dança que recebo na escola é:	1	2	3	4	5
14. A educação artística/música que recebo na escola é:	1	2	3	4	5
15. A educação artística/teatro que recebo na escola é:	1	2	3	4	5
16. A educação artística/idas a museus e monumentos que faço através da escola é:	1	2	3	4	5
17. A educação artística/idas a exposições de arte que faço através da escola é:	1	2	3	4	5
18. A educação artística/aulas de pintura e desenho que recebo fora da escola é:	1	2	3	4	5
19. A educação artística/idas ao teatro que faço fora da escola é:	1	2	3	4	5
20. A educação artística/idas aos museus e monumentos que faço fora da escola é:	1	2	3	4	5
21. A educação artística/idas a exposições de arte que faço fora da escola é:	1	2	3	4	5

Aspetos sobre a relação com a disciplina de Educação Visual.

Coloca um X na tabela, tendo em conta a escala de 1 a 5, onde:

1 = Não gosto nada, 2 = Gosto pouco, 3 = Indiferente, 4 = Gosto e 5 = Gosto muito.

22. Gosto da disciplina de Educação Visual.	1	2	3	4	5
23. Gosto da disciplina de Educação Visual porque é importante para a minha formação.	1	2	3	4	5
24. Gosto das atividades desenvolvidas em Educação Visual.	1	2	3	4	5
25. Gosto de desenhar através da observação direta/ desenho à mão livre.	1	2	3	4	5
26. Gosto de desenhar traçados geométricos.	1	2	3	4	5
27. Gosto de fazer projetos (ex.: <i>Farol da Barra</i>).	1	2	3	4	5
28. Gosto de ver os meus trabalhos expostos na escola.	1	2	3	4	5
29. Gostava de expor os meus trabalhos em museus.	1	2	3	4	5
30. Gosto de trabalhar individualmente.	1	2	3	4	5
31. Gosto de trabalhar em grupo.	1	2	3	4	5

Aspetos sobre a relação com os museus e monumentos.

Indica com um X apenas uma das opções.

32. Quantas vezes já visitaste museus e monumentos:

Nunca _____ ☐

1 a 2 vezes _____ ☐

3 a 4 vezes _____ ☐

5 a 6 vezes _____ ☐

7 a 9 vezes _____ ☐

Mais de 10 vezes _____ ☐

33. Gosto de visitar museus e monumentos.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
34. As visitas aos museus e monumentos que fiz foram através da escola.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
35. As visitas aos museus e monumentos que fiz foram com os meus pais, familiares e amigos.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
36. Nas visitas aos museus e monumentos aprendo bastante.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
37. As visitas aos museus/monumentos são importantes para a minha formação.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
38. Considero que as visitas aos museus e monumentos ajudam-me a desenvolver melhor os projetos da disciplina de Educação Visual.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

Aspetos sobre a visita ao Museu Marítimo de Ílhavo (MMI).

39. Fui à visita ao Museu Marítimo de Ílhavo:

Sim _____ ☐

Não _____ ☐ Porquê? _____

Apenas respondem os alunos que participaram na visita.

40. A visita ao Museu Marítimo de Ílhavo foi interessante.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
41. Na visita ao Museu Marítimo de Ílhavo adquiri informação importante ao desenvolvimento do projeto do <i>Farol da Barra</i> .	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
42. Considerei a visita ao Museu Marítimo de Ílhavo uma aula de exterior produtiva e enriquecedora.	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

Aspetos sobre a visita ao Farol da Barra.

43. Fui à visita ao Farol da Barra:

Sim ____ ☐

Não ____ ☐ Porquê? _____

Apenas respondem os alunos que participaram na visita.

44. A visita ao Farol da Barra foi interessante.	Sim	Não
45. Na visita ao Farol da Barra adquiri informação importante ao desenvolvimento do projeto do <i>Farol da Barra</i> .	Sim	Não
46. O desenho de observação do Farol da Barra ajudou-me no desenvolvimento do projeto do <i>Farol da Barra</i> .	Sim	Não
47. Considerei a visita ao Farol da Barra uma aula de exterior produtiva e enriquecedora.	Sim	Não

Aspetos sobre o projeto ***Farol da Barra***.

Coloca um X na tabela, tendo em conta a escala de 1 a 5, onde:

1 = Não gosto nada, 2 = Gosto pouco, 3 = Indiferente, 4 = Gosto e 5 = Gosto muito.

48. Gostei de realizar o projeto do <i>Farol da Barra</i> e por isso senti-me mais motivado(a) para a disciplina de E.V..	1	2	3	4	5
49. Gostei de desenvolver o projeto com a turma.	1	2	3	4	5
50. Gostava de ter desenvolvido o projeto individualmente.	1	2	3	4	5
51. Gostei do resultado final do projeto do <i>Farol da Barra</i> .	1	2	3	4	5
52. Gostei da ideia de expor o projeto do <i>Farol da Barra</i> , da turma, durante a Semana Aberta.	1	2	3	4	5
53. Gostei da ideia de expor o projeto do <i>Farol da Barra</i> , da turma, no Museu Marítimo de Ílhavo.	1	2	3	4	5

Indica com um X apenas uma das opções.

54. Através do projeto *Farol da Barra* adquiri o conhecimento necessário sobre a matéria: design - áreas do design, logótipo, imagem visual (ilustração de símbolos ligados à fauna marítima e ao concelho de Ílhavo), cartaz.

Sim ____ ☐

Não ____ ☐

Obrigada pela tua disponibilidade!

Anexo III – Guiões de entrevistas

Docente do grupo 600 de escola do concelho de Ílhavo

Coordenadora dos Serviços Educativos do MMI

Guião da Entrevista

Docente do grupo 600 de Escola do concelho de Ílhavo

Tema

A importância das visitas aos museus e monumentos no desenvolvimento de um projeto na disciplina de Educação Visual.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Questões	Notas
A - Legitimação	Explicar o motivo da entrevista; Esclarecer o carácter confidencial da mesma; Solicitar autorização para a gravação áudio.		No âmbito do trabalho de investigação sobre a importância das visitas aos museus e monumentos no desenvolvimento de um projeto na disciplina de Educação Visual, pretende-se com esta entrevista esclarecer algumas dúvidas que surgiram durante a recolha de informação, assim como, conhecer melhor a realidade da escola/disciplina em questão. Gostaria de obter a sua opinião sobre a temática que em questão. Solicito-lhe a permissão para a gravação, em formato áudio, desta entrevista.
B – Perfil profissional do docente	Conhecer o percurso do docente;	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pode falar um pouco sobre o seu percurso académico e sobre a sua atividade profissional? 2. Porque é que escolheu ser professor de Educação Visual (E.V.)? 3. Qual foi o fator determinante nesta sua opção? 4. Há quantos anos exerce a profissão? 5. Há quantos anos dá aulas nesta escola? 6. Aquilo que é hoje como professor aproxima-se daquilo que pensava vir a ser e fazer enquanto professor? 7. Quais as fases e momentos que considera mais significativas no seu percurso profissional? E porquê? 	
C – A disciplina de Educação Visual (E.V.)	Perceber qual a opinião sobre a disciplina;	<ol style="list-style-type: none"> 8. Qual é a opinião que tem sobre a disciplina? 9. O que pensa das alterações que vêm sendo feitas ao currículo e da implementação das metas no ano letivo 	

		<p>que acabou?</p> <p>10. O que pensa sobre as matérias lecionadas na disciplina nos dias de hoje? Diferem muito das lecionadas no início da sua carreira?</p> <p>11. Acha que o currículo está bem distribuído e equilibrado pelas matérias ditas de expressão livre e de expressão rigorosa, como o caso da geometria?</p> <p>12. Considera que é possível trabalhar em projeto na disciplina de E.V., apesar das alterações implementadas pelo ministério?</p> <p>13. (E tendo em conta a realidade dos seus alunos, acha fácil desenvolver projetos em sala de aula com turmas com um elevado número de alunos?)</p>	
D – Relação dos alunos com a escola	Perceber qual a opinião sobre a relação dos alunos com a escola;	<p>14. Como vê a relação dos alunos com a escola?</p> <p>15. Acha que os alunos consideram a escola um local de aprendizagem que contribui para o sucesso futuro deles?</p> <p>16. Considera que os alunos, de um modo geral, são aplicados?</p> <p>17. Na sua opinião o que motiva os alunos a virem à escola?</p>	
E – Relação dos alunos com a Educação Artística	Perceber a opinião sobre a relação dos alunos com a Educação Artística;	<p>18. Tendo em conta a realidade cultural/artística de Ílhavo, qual acha que seja a relação dos alunos com a Educação Artística?</p> <p>19. Acha que os alunos frequentam com alguma regularidade museus, monumentos, exposições de Arte, entre outros?</p> <p>20. Acha que os alunos aproveitam as oportunidades que a escola disponibiliza na área da Educação Artística?</p>	
F – Relação dos alunos com a disciplina de Educação Visual	Perceber a opinião sobre a relação dos alunos com a disciplina;	<p>21. Como vê a relação dos alunos com a disciplina de E.V.? Sente-os motivados?</p> <p>22. Acha que os alunos gostam da disciplina e que a valorizam?</p> <p>23. Quais os tipos de trabalho que os alunos preferem desenvolver na disciplina?</p> <p>24. Acha que os alunos gostam de desenvolver projetos</p>	

		com visibilidade para a comunidade escolar?	
G – A importância das visitas aos museus e monumentos	Perceber qual a opinião sobre a importância das visitas aos museus e monumentos;	<p>25. No âmbito da sua atividade profissional, qual a sua opinião sobre a importância das visitas aos museus e monumentos?</p> <p>26. E para o desenvolvimento da educação artística dos alunos?</p> <p>27. E no desenvolvimento de um projeto da disciplina de E.V.?</p> <p>28. Costuma promover visitas de estudo a monumentos e museus ao longo do ano? (Qual a relação com os trabalhos desenvolvidos em sala de aula?/Acha que os alunos são receptivos a este tipo de visitas de estudo?)</p>	
H – O projeto <i>Farol da Barra</i>	Opinião sobre o desenvolvimento e resultado final do projeto.	<p>29. Relativamente ao projeto <i>Farol da Barra</i> o que achou do resultado final?</p> <p>30. Depois de ver a apresentação do projeto no MMI, o que achou das atividades desenvolvidas no decorrer do processo (aulas de exterior ao MMI e ao Farol da Barra, desenho de observação do Farol, desenvolvimento de logótipo para o Farol, exploração e criação de nova imagem visual para o Farol, desenvolvimento de cartaz para exposição)?</p> <p>31. O que achou do protocolo elaborado com o MMI, que proporcionou aulas de exterior, pesquisa no museu, e futura exposição dos projetos desenvolvidos?</p>	
H - Finalização			Agradeço a disponibilidade que demonstrou para a realização desta entrevista.

Guião da Entrevista

Coordenadora dos Serviços Educativos do Museu Marítimo de Ílhavo (MMI)

Tema

A importância das visitas aos museus e monumentos no desenvolvimento de um projeto na disciplina de Educação Visual.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Questões	Notas
A - Legitimação	Explicar o motivo da entrevista; Esclarecer o carácter confidencial da mesma; Solicitar autorização para a gravação áudio.		No âmbito do trabalho de investigação sobre a importância das visitas aos museus e monumentos no desenvolvimento de um projeto na disciplina de Educação Visual, pretende-se com esta entrevista esclarecer algumas dúvidas que surgiram durante a recolha de informação, assim como, conhecer melhor a realidade da escola/disciplina em questão. Gostaria de obter a sua opinião sobre a temática que em questão. Solicito-lhe a permissão para a gravação, em formato áudio, desta entrevista.
B – Perfil profissional	Conhecer o percurso do docente;	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pode falar um pouco sobre o seu percurso académico e sobre o seu percurso profissional? 2. Como se tornou coordenadora dos Serviços Educativos do Museu Marítimo de Ílhavo (MMI)? 3. Há quantos anos exerce esta função? 4. Está satisfeita com o seu percurso profissional? 5. Quais as fases e momentos que considera mais significativas no seu percurso profissional? E porquê? 	
C – A disciplina de Educação Visual (E.V.)	Perceber qual a opinião sobre a disciplina;	<ol style="list-style-type: none"> 6. Qual é a opinião que tem sobre a disciplina de Educação Visual (E.V.)? 7. Acha que a disciplina proporciona a aprendizagem de diferentes culturas, a abertura de mentalidades e a promoção do sentido crítico e criativo? 	

D – Relação dos alunos com o Museu Marítimo de Ílhavo (MMI)	Perceber qual a opinião sobre a relação dos alunos com o Museu;	<p>8. Como vê a relação dos alunos com o MMI?</p> <p>9. Acha que os alunos consideram o MMI um local de cultura e arte que contribui para a sua formação como cidadão?</p> <p>10. Considera que os alunos ganham competências/ usufruem das visitas ao MMI, durante e após as mesmas?</p> <p>11. Os alunos fazem visitas ao arquivo/biblioteca do MMI usualmente?</p> <p>12. Qual a sua opinião sobre a relação dos alunos das escolas do concelho de Ílhavo com o MMI?</p>	
E – Relação das escolas com o Museu Marítimo de Ílhavo (MMI)	Perceber a opinião sobre a relação das escolas com o Museu;	<p>13. O MMI recebe com regularidade visitas de estudo de diferentes escolas? De que concelhos/locais?</p> <p>14. As escolas costumam desenvolver parcerias de trabalho com o MMI? Que tipos de trabalhos desenvolvem? Em que áreas? E quais os ciclos?</p> <p>15. O MMI costuma lançar desafios/concursos às escolas? E qual é a receptividade?</p> <p>16. Acha que as escolas do concelho aproveitam as oportunidades que o MMI disponibiliza? Porquê?</p>	
F – A importância das visitas aos museus e monumentos	Perceber qual a opinião sobre a importância das visitas aos museus e monumentos;	<p>17. No âmbito da sua atividade profissional, qual a sua opinião sobre a importância das visitas aos museus e monumentos?</p> <p>18. E para o desenvolvimento da educação artística dos alunos?</p> <p>19. E para o desenvolvimento de um projeto da disciplina de E. V.?</p> <p>20. Acha que os alunos são receptivos a visitas de estudo a museus e monumentos?</p> <p>21. Que sugestões indica para motivar os alunos para as visitas aos museus e monumentos?</p>	
H – O projeto <i>Farol da Barra</i>	Opinião sobre o desenvolvimento e resultado final do projeto.	<p>22. Relativamente ao projeto <i>Farol da Barra</i> o que achou do resultado final?</p> <p>23. Depois de ver a apresentação do projeto no MMI, o que achou das atividades desenvolvidas no decorrer do processo (aulas de exterior ao MMI e ao Farol da Barra,</p>	

		<p>desenho de observação do Farol, desenvolvimento de logótipo para o Farol, exploração e criação de nova imagem visual para o Farol, desenvolvimento de cartaz para exposição)?</p> <p>24. O que achou do protocolo elaborado com o MMI, que proporcionou aulas de exterior, pesquisa no museu, e futura exposição dos projetos desenvolvidos?</p>	
H - Finalização			Agradeço a disponibilidade que demonstrou para a realização desta entrevista.

Anexo IV – Análise de conteúdos das entrevistas

Tabela i – Perfil dos entrevistados

Categoria	Exemplos
<p>Perfil</p>	<p>PEV – “Licenciei-me em Arquitetura, exerci alguns anos antes de vir dar aulas, vim dar aulas, basicamente quando mudei de terra, estava a trabalhar no Porto e vim para cá, portanto, decidi mudar de profissão, uma vez que na altura, já na altura, a profissão de arquitetura era muito incerta. Foi uma opção de vida, não desgosto de dar aulas, já tinha dado antes, noutras situações, e achava que era uma coisa que tinha alguma facilidade e não tinha problema nenhum e portanto resolvi dar aulas. Instalei-me em Aveiro em 1991, portanto, estou aqui basicamente vai para vinte e três anos, e primeiro estive na escola de Esgueira, depois estive aqui, portanto estive só um ano na escola de Esgueira, fiquei aqui colocado fiz aqui a profissionalização em serviço e estou aqui desde 1992, portanto. Mais tarde, fiz o mestrado em Arquitetura e Urbanismo, que me ajudou em alguma coisa a nível de conhecimento teóricos, não muito impacto direto na profissão docente, mas conhecimentos globais, portanto, a minha atividade tem sido basicamente dar aulas. Não exerço outra atividade paralelamente, não tenho tempo, gosto de estar concentrado sempre na mesma coisa. Não sei se isto responde, mais alguma coisa...”</p> <p>CSEMMI – “Em termos de percurso académico eu, inicialmente, tirei um curso de Administração Autárquica no Centro de Estudos e Formação Autárquica, em Coimbra, e foi com esse curso que ingressei na Câmara Municipal de Ílhavo, estando diplomada em Administração Autárquica. Depois disso, ainda durante isso, comecei a licenciatura em História, variante em História da Arte. Quando terminei a licenciatura fui colocada no Museu, que ainda não era este espaço, aliás, não era espaço algum, porque estava em fase de requalificação, portanto, estou aqui já há doze anos. Depois em termos de percurso académico, e porque é sempre preciso aprofundarmos os conhecimentos que temos, fiz uma pós-graduação em Gestão do Património e depois fiz mestrado em Museologia, portanto, o meu percurso académico foi esse. Em termos profissionais enquanto diplomada em Administração Autárquica cheguei a assistente principal, que acho que era assim que se chamava na altura, ou especialista, era especialista, e depois fui reclassificada para técnica superior como conservadora do Museu.”</p>

Tabela ii – A prática da disciplina de E.V. (questões e objetivos comuns)

Categoria	Exemplos
Importância da interação com Museus	CSEMMI – “Relativamente à disciplina de E.V. eu acho que ela tornar-se-ia mais enriquecedora se tivéssemos mais projetos destes como tivemos convosco. E chegamos a ter, (...) em que os alunos interagiam com as coleções do Museu e sobretudo com o patrono de onde resultaram muitas obras de que o Museu se orgulha de nos terem oferecido duas, (...) Portanto, acho que a disciplina de E.V. é tão mais enriquecedora quando o professor explora outros aspetos como este de conhecer, de os alunos virem a conhecer o que têm de património, o que têm no Museu, que conta a história da sua comunidade, portanto, se for por aí a disciplina está muito bem e na opinião acho que deve continuar. (...) a disciplina proporciona ou pode proporcionar aos alunos uma abertura completamente diferente e pelas artes é o caminho mais correto, porque nas artes temos tudo.”
Consequências da redução da carga horária	PEV – “A disciplina de Educação Visual acho-a um bocadinho pequena para aquilo que se pretende dar. Ela, antigamente, tinha mais um tempo letivo, portanto, era uma hora e meia e agora está uma hora. Portanto, penso que foi uma derrota grande para os professores de Educação Visual. Os nossos trabalhos, são trabalhos que envolvem uma certa continuidade, envolvem tempo, são trabalhos muito práticos, muito manuais e faz falta um bocadinho mais de tempo. Eu nem me chocaria ter esse tempo todo junto, por exemplo numa única hora semanal. (...) É assim, noventa minutos para desenvolver um projeto, (...) não é muito possível para desenvolver um projeto, sobretudo se a gente atentar que no projeto é necessário perder tempo, é preciso perder tempo, os projetos são feitos de avanços e recuos, muitas vezes tem que se recuar muito para se avançar alguma coisa. (...) Portanto, eu acho que o trabalho de projeto é desejável e esta carga letiva que temos agora não é muito favorável, mas nós fazemos o que podemos. (...) Fácil não é, não é, mas implementamos na mesma essa metodologia, isto é como a metodologia de projeto, tirando os casos da geometria que fazemos muito o trabalho de explicar, depois temos de andar a correr, no caso de projeto nos lançamos o tema, lançamos os dados de trabalho, não é!? E depois passamos a vida nas carteiras, de lado a lado, uns alunos trabalham em grupo, outros isoladamente.”
Desvalorização da educação artística	PEV – “Numa disciplina de Educação Visual que, neste momento, está vocacionada muito para a técnica, para a geometria, mas a parte da educação artística mesmo, está um bocadinho deixada de lado, é verdade! Não se é dada a importância que merecia. Nós de facto temos pouca educação artística e a disciplina de Educação Visual devia contribuir um pouco mais para isso, menos para a geometria e mais para (...) menos para a geometria e mais para a parte mais artística, artística dura, digamos assim. (...) Acho que o currículo de Educação Visual está, neste momento, a sofrer uma inflexão muito grande para a parte técnica, muita geometria, muitas regras, ou seja, muito aquilo que a gente pode ensinar, explicando no quadro e os alunos seguindo, e pouco daquilo

	<i>que a gente pode aprender fazendo, não é, porque isso é que envolve tempo, e aí é que se vê quem é o artista.”</i>
Importância do desenho e da observação	PEV – <i>“Portanto, menos ênfase a geometria. É muito importante, quanto a mim, o desenho e a capacidade de observação, estas coisas são a raiz de tudo. Sabendo observar consegue-se desenvolver o sentido crítico, consegue-se desenvolver mais uma série de capacidades que os vão ajudar em todo o resto do currículo. A parte do desenho é muito importante.”</i>

Tabela iii – Importância das visitas aos Museus e Monumentos (questões e objetivos comuns)

Categoria	Exemplos
Importância no âmbito pessoal	<p>CSEMMI – <i>“Sim sem dúvida nenhuma. E acha também importante os pais começarem desde cedo a habitarem os filhos a isso!? Eu tenho duas filhas, não é, e os fins-de-semana que tenho livres eu visito muito os museus.”</i></p> <p>PEV – <i>“A prenda de anos, no ano passado... de Natal que dei às minhas filhas foi uma visita a Lisboa a cada uma, das exposições que estava da... “A perspetiva das coisas”, foi a prenda de Natal delas. Fomos lá, vimos aquilo, foi espetacular, vimos quadros que nunca mais vamos ver em lado nenhum, estavam lá os van Goghs, os Picassos, estava lá tudo. Lá está estas coisas não é a escola que dá! É de casa, é preciso predisposição.”</i></p>
Impossibilidade de realização de visitas de estudo a museus no contexto escolar atual	PEV – <i>“Agora não temos feito, porque não há condições para isso, como eu disse temos só noventa minutos, o tempo é pouco, pedem-nos muitas coisas para fazermos, muitas vezes, portanto, nós excluimos isso. (...)As visitas são muito importantes, mas a escola neste momento, no atual contexto, não tem possibilidades para proporcionar isso.”</i>
Importante, porque alarga os horizontes	<p>CSEMMI – <i>“Acho que isso é importante porque alarga os horizontes, há outros contextos com que eles ficam mais alerta. (...) os museus cada vez mais são, são... não são museus fechados, são museus abertos e em que as pessoas ao visitá-los percebem uma série de realidades. (...) Agora os museus de Artes, de Arte com Serralves ou Gulbenkian, proporcionam outras visões, outras realidades...”</i></p> <p>PEV – <i>“(...) até inclusivamente, saíamos fora da região, Lisboa, Porto, ver exposições e tudo mais. Era muito interessante, portanto, era abrir, expandir os horizontes, era muito interessante...”</i></p>
Importante para a formação e desenvolvimento de cada um	CSEMMI – <i>“(...) da Paula Rego! Aí facilmente nós através do quadro dela, dos quadros dela, que muitos deles são muito figurativos, facilmente contamos histórias que os nossos filhos não aprenderam, e nós próprios não passámos por lá, a condição da mulher, o próprio 25 de abril. Eu acho que é importantíssimo cada vez mais se recorrer a museus para se passar estes conceitos que depressa desaparecem, ou seja deixam de ser falados, desaparecem. Mas houve artistas que</i>

	<i>pegaram neles, portanto, e se há artistas que pegaram neles e que estão expostos em museus privados ou estatais, acho que cada vez mais se deve aproveitar isso para enriquecer as pessoas na sua formação.”</i>
Importante como forma de motivar os alunos	CSEMMI – “(...) temos que motivar os alunos a aprender, não é?! E a estarem motivados para aprender, e espaços como museus são ideais para isso, atualmente.”

Tabela iv – Os alunos e as visitas de estudo a Museus e Monumentos (questões e objetivos comuns)

Categoria	Exemplos
Visitas na perspetiva da diversão	PEV – “A visita de estudo não é para aprender é para se divertirem. Eles não gostam dessa perspetiva de perder uma tarde livre, concordo. Eles gostam da perspetiva da curtação, do divertimento, não como curricular (...)”
Baixa recetividade devido à idade e ao afastamento do Encarregados de Educação (EE)	CSEMMI – “(...) a idade que vocês tinham também não era mais ideal e a mais fácil. Relativamente a isso, é assim, eu acho que isso reflete um estado da sociedade em que o aluno é que decide e em que aí há também, se calhar, um afastamento dos encarregados de educação, porque se eles estivessem conscientes de como era importante, vocês com certeza teriam aqui mais alunos. (...). Agora, se os pais se envolvessem mais com a escola, acho que seria diferente e aí a escola pública tem muito ainda a fazer.”
Baixa recetividade nas visitas feitas à quarta-feira à tarde	CSEMMI – “(...)há esta questão na escola pública de que à quarta-feira é o dia livre e muitos pais escolhem esse dia para colocar os filhos em atividades extracurriculares, como inglês, para tirarem curso de inglês, para terem outras atividades não letivas.” PEV – “«Ai eu tenho desporto escolar!», «Ai eu tenho judo!», «Ai eu tenho não sei o quê!», «Ai eu tenho explicações!» (...) “

Tabela v – Importância das visitas aos Museus e Monumentos para o desenvolvimento de um projeto na disciplina de E.V. (questões e objetivos comuns)

Categoria	Exemplos
Importante pelo conhecimento da cultura da sua região	CSEMMI – “Aliás, isso notou-se aqui, vocês foram muito mais além, não é?! Não construíram apenas a maquete do Farol, mas tentaram que eles buscassem dentro daquilo que é a sua cultura, aspetos tradicionais, eu estou-me a lembrar das proas dos moliceiros que estão no Farol, dos nós de marinharia, (...)”

Importante pela investigação inicial do projeto e pelo estímulo à criatividade	PEV – “Acho que uma visita ou uma motivação qualquer desse gênero, com uma coisa concreta: “Como é que fulano fez?!”, “Vamos ver como é que os outros fizeram!”, não é?! É muito importante para avançar com um projeto, porque os projetos fazem-se assim, não é?! (...) Como é que resolviam os problemas era sempre de partida, com trabalho de investigação, de recolha, para ver como os outros fizeram, não é para copiar, mas era para ver como é que eles resolveram os problemas. (...) Isso pode ser muito importante e é muito importante para fomentar esse tal “click” que é o desfasamento de uma coisa... é a criatividade, isso é o que estimula a criatividade.”
---	--

Tabela vi – Importância da criação de protocolos de trabalho escola-Museu (questões e objetivos comuns)

Categoria	Exemplos
Criação de relações de entreajuda	CSEMMI – “(...) a escola deve sempre ter, deve ter em atenção este tipo de exemplo, porque o museu não é apenas, aliás, o museu deixa de ser uma galeria em que nós vimos aqui e o espaço é bonito para expormos e é interessante, porque depois os visitantes vêm. Não, os museus contam histórias, criam narrativas e no nosso caso a temática adequava-se, mas se vocês tivessem vindo no final do ano, dizendo que tinham um Farol e que tinham um Bacalhau muito giro para expor aqui, muito provavelmente isso não aconteceria.”
Constrangimentos dentro da escola	PEV – “Só tenho pena que não tenhamos na prática muitas condições para fazer isso, quer dizer, isso são exceções! Nós estamos muito burocratizados, estamos muito limitados a horário, não sei que mais... e esse tipo de coisas não encontram muita flexibilidade no sistema. (...)o sistema de ensino. As coisas deste gênero os museus estão sempre abertos a isso, (...) E vários tipos de instituições, muitas ligadas à cultura e ao ensino e à arte têm sempre muito essa abertura. (...)a dificuldade está cá dentro, não é lá para fora, é o próprio sistema que está muito formatado e não nos dá muito espaço de manobra para isso. Quando isso acontece é graças a um esforço muito grande, que foi o vosso caso, e sabem bem disso, graças a um esforço muito grande!”

Tabela vii – Farol da Barra e o seu processo de trabalho (questões e objetivos comuns)

Categoria	Exemplos
Propício para o desenvolvimento da criatividade	PEV – “Acho isso tudo importante, até porque tem a área da recriação que, quanto a mim, deve ser o núcleo da disciplina, não da disciplina, se calhar estou a exagerar, mas um núcleo dos aspetos forte da disciplina, que é a criatividade, temos uma coisa e transformamos, não é?! A arte contemporânea é um bocado isso, a gente vê a lição do Marcel Duchamp que pega numa coisa e dá-lhe outro sentido, altera, e transforma as coisas, dá-lhe um sentido artístico. O processo é esse está correto! (...)Em investigação procedemos da mesma maneira,

	<i>recolhemos informação, observamos, apropriamo-nos dela, e fazemos o tal click, damos o tal salto, e transformamos numa coisa nova, temos que dar um novo património visual, um novo património de uma maneira geral, à Humanidade, é para isso que estamos aqui. Achei esse processo correto e importante dar-se essa tal transformação.”</i>
Propício o envolvimento entre a comunidade e os EE	PEV – “Esse, acredito também, que é o tipo de coisas que eles gostaram de mostrar à comunidade, (...) E é importante mostrar à comunidade, também, as coisas que se fazem, não só porque foram os alunos que fizeram, mas as coisas que se fazem, porque as pessoas têm que ver o que se faz cá dentro, porque não sabem! Se for perguntar a um encarregado de educação: “O que é que o seu filho anda a fazer na escola?”, ele não sabe. “O que é que ele está a dar em Português?”, “O que é que ele está a fazer em Educação Visual?”. É muito importante isto, não é?! Esta informação... isto também é educação artística!”
Propício no envolvimento dos alunos com a sua região	CSEMMI – “Excelente, excelente, a envolvimento com os alunos, com o projeto, e com referi há bocado o facto de não se cingir ao Farol, mas conhecer um bocadinho daquilo que foi a sua história, e um bocadinho do que são os... em termos visuais o que é Ilhavo, porque, tanto no Farol como no outro projeto, a região está lá, a ria está lá, a pesca do bacalhau está lá, a história está lá, portanto vocês não fizeram apenas um Farol, acho que isso foi só o cenário, o importante foi todo o resto que envolveu essa execução.”
Planificação prévia das várias fases	CSEMMI – “ (...) o que vocês me enviaram, tiveram o cuidado de me enviar a planificação, (...)Acho que é mesmo assim, não é, se vocês não tivessem feito, tê-lo-íamos feito nós, portanto, o projeto passaria por estas várias fases e, portanto, acho que melhor não poderia ser (...)”

Tabela viii – Relação dos alunos com a escola (questões e objetivos PEV)

Categoria	Exemplos
Escola como espaço de convívio	PEV – “Acho que eles continuam a gostar de andar na escola, tirando um caso ou outro que não gostam, mas acho que sim que gostam, e em grande parte por causa do convívio, do ambiente que têm com os outros colegas. Agora tenho a impressão que não há tanto aquela valorização do saber como havia antes.”
Escola como local de aprendizagem	PEV – “Acho que ainda há alguns que consideram, mas também há muitos também que desconsideram... Que “há não se aprende nada aqui, eu quero é ir trabalhar!”. Como se fossem trabalhar e as coisas iam ser diferentes, não vão ter que aprender e ainda não vão ter que ter responsabilidades que também lhes são exigidas aqui. Ainda há um bocado essa separação! A escola está um bocadinho mal vista hoje em dia! (...)apesar de tudo há sempre uma expectativa social da escola que não desapareceu, quer dizer, a pessoa vem à escola para aprender, há sempre essa opinião. Agora há uns que o desvalorizam mais isso que outros e há outros que valorizam mais, mas a escola continua a ser um lugar de aprendizagem. (...)Agora há outros fatores também, os alunos vêm à escola

	<i>porque têm que vir, espera-se que venham aprender, mas também vêm porque gostam de outras coisas, do convívio com os outros alunos.”</i>
Escola como local de relações	PEV – <i>“E não se julgue que a escola para eles que é: “Ah! Uma escola nova, muito boa, com grandes instalações, bons acabamentos”, não é isso. (...) A escola não é o edifício, não é o espaço. É o que está lá dentro, as pessoas.”</i>

Tabela ix – Relação dos alunos com a Educação Artística (questões e objetivos PEV)

Categoria	Exemplos
Baixa Educação Artística	PEV – <i>“Não é muito grande. A educação artística em todo o país é muito baixa. Nós temos um défice enorme de cultura artística. E quando se diz cultura artística diz-se cultura geral. Porque cultura artística também é cultura geral! Vou só dar-lhe um exemplo, (...) Há dias, vinha com a minha filha mais velha, (...)e ela vinha com os livros de físico-química na mão e até encontrámos um individuo, que é professor aposentado na Universidade de Aveiro, que é físico. Ele perguntou: «está a estudar física?» ... E eu disse: «está, mas ela quer seguir artes.» E diz-me ele assim: «faz bem, faz muito bem.» «Porquê senhor professor?» Perguntei-lhe porque ele é físico. Ele respondeu: “Porque temos muitos técnicos, muitos engenheiros, precisamos de pessoas com sensibilidade.” Um físico! Esta educação artística está muito relacionada com a sensibilidade das pessoas, é um défice enorme, a gente precisa disto para tudo. (...)É uma das capacidades finas do ser humano. Não é uma coisa qualquer. Portanto, isso, acho que tem que ser trabalhado, porque tem muito impacto nas outras coisas. Pessoas com sensibilidade, com esse tipo de toque artístico e não temos.”</i>
Educação Artística começa em casa	PEV – <i>“Estas coisas vêm de casa, tem que haver logo um trabalho desde os primeiros anos para habituar a isso. Uma pessoa vai a uma exposição qualquer leva os miúdos, vai assistir um concerto leva os miúdos, em vez de ficarem com os avós. (...) Portanto tem que haver este trabalho de casa e se houver esse trabalho de casa anterior, quando se chega à escola é um trabalho muito mais fácil, as crianças já estão predispostas a isso, senão não há! Portanto, é como eu digo, é reprodução cultural, as pessoas não têm essa educação, a educação artística nunca foi muito grande em Portugal, não é! Aparece a educação artística nos miúdos onde as famílias são mais educadas e têm mais cultura artística. Não é quando a gente chega à escola que vai repor esse défice, é muito difícil com os currículos atuais, com as condições... sobretudo quando se pensa que a educação, português, matemática e umas disciplinas de núcleo duro.”</i>

Desvalorização, pelos alunos, das disciplinas artísticas de oferta de escola	PEV – “Houve uma que tentei implementar, em tempos, que foi oficina de multimédia, trabalhar com fotografia, fazer assim umas coisas, mas era quarenta e cinco minutos, era o que era permitido às ofertas de escola, por isso não havia grandes equipamentos, grandes possibilidades e ainda por força da própria legislação aquelas disciplinas não contavam para a avaliação o que fazia com que os alunos desvalorizassem aquilo completamente. Muitas vezes isso é a alavanca que os faz trabalhar.”
---	--

Tabela x – Relação dos alunos com a disciplina de E.V. (questões e objetivos PEV)

Categoria	Exemplos
Gostam da disciplina, mas permanecem “tabus”	PEV – “Eles, de uma maneira geral, gostam da disciplina, tirando um ou outro, são sempre as exceções que não gostam. Gostam porque dá mais liberdade, não sei quê, não sei que mais... Mas só que muitas vezes é-lhes incutido isto, isto é da sociedade, vem detrás, e é-lhes incutido uma coisa que é: “Eu não sei desenhar!” e “Não tenho jeito!”, “Ai eu não tenho jeito para a disciplina!”. É um dos tabus que eu combato logo no princípio. Uma coisa é ter jeito e eu não tenho jeito para o futebol, mas sei jogar, sei as regras, sei como é que se dá um chuto e essas coisas todas. Tu podes não ter jeito para desenhar, mas vais saber a desenhar, vais saber como é que se observa, quais os materiais que deves usar, não sei quê, não sei quê!”
Desvalorização da disciplina	PEV – “Só os alunos que querem seguir Artes ou que têm essa capacidade é que fazem isso, os outros acham que é uma disciplina menor, acho que sim! Português e Matemática é que são importantes! O resto é “Eu quero ter um três!”.
Motivação propiciada pela visibilidade exterior	PEV – “Gostam de mostrar aquilo que fazem. «Tenho um desenho tão bonito, olha o meu desenho!». Qual quer pessoa gosta disso. Gostam e é motivador para eles.”

Tabela xi – Os alunos e o MMI. (questões e objetivos CSEMMI)

Categoria	Exemplos
Relação dos alunos com o MMI	CSEMMI – “De um modo geral é excelente. Eu acho que, ... depois também nós temos, em termos de Serviços Educativos, nós temos Serviço Educativo adequado a cada faixa etária. (...) Acho, acho que... pronto, em termos gerais a relação que temos com os alunos que por cá passam, uns às vezes só uma vez, outras vezes várias vezes durante o ano, ou durante os anos, é ótima.”
A interação escolar com o MMI como facilitadora da aprendizagem	CSEMMI – “E acho que em termos de Geografia, de História, de Artes, os alunos ficam com uma perspetiva completamente diferente, por exemplo, o que é que foram os Descobrimentos, porque está também relacionado com a pesca de bacalhau, o que é que era em termos geográficos a ria de Aveiro, que é uma laguna e porque é que temos uma Barra artificial, porque é que

	<i>houve a diáspora dos ílhavos, exatamente por causa dessa abertura e fecho da ria.”</i>
Enriquecimento da formação dos alunos através da interação entre escola e o MMI	CSEMMI – “ (...) eu acho que havendo projetos e o professor interagindo com o Museu e o Museu com a escola, os alunos têm muito a ganhar e em termos de formação igualmente, não é?!”
Os alunos tornam-se pequenos investigadores	CSEMMI – “É assim, no projeto de “filho de peixe sabe nadar” os alunos tornam-se pequenos investigadores, portanto eles têm, obrigatoriamente, que passar, para conhecer a história do Museu e a história da pesca do bacalhau, que é isso que se retrata, existe mesmo uma visita específica ao arquivo, ao arquivo e biblioteca.”

Tabela xii – Os alunos do concelho de Ílhavo e o MMI. (questões e objetivos CSEMMI)

Categoria	Exemplos
Sentimento de pertença e criação de laços	CSEMMI – “Aqui também tem acontecido que os alunos depois trazem os pais, portanto, é no fundo nós tentarmos forma-los como cidadãos, como, como... e tentar que eles tenham um sentimento de pertença e criar laços com a história do município e depois que também tentem perceber que isto não é nenhum sacrário, portanto está aqui não só para o exterior, mas sobretudo para as pessoas de Ílhavo, porque é aqui que se conta a história delas.”

Tabela xiii – As escolas e o MMI. (questões e objetivos CSEMMI)

Categoria	Exemplos
Diminuição da afluência de grupos escolar e aumento da do público em geral	CSEMMI – “ (...) nós sempre com os últimos três anos aquilo que notamos é que o nosso público escolar diminui um bocadinho, desde as novas regras de saídas das escolas, que limita muito a saída de alunos para o exterior, e verificamos também que com esta crise o povo português, onde também nós nos inserimos, está a visitar mais o país, ou seja, nos no ano passado em agosto, comparando com o agosto de há três anos, recebemos tanto ou mais pessoas do que recebemos em períodos letivos.”
Parcerias de trabalho entre as escolas e o MMI	CSEMMI – “Aqui em Ílhavo tivemos convosco esta parceria. Desde há dois anos a esta parte, temos com a EB2/3, com o grupo de Teatro Alegre. Tivemos também uma procura em massa, julgo que há quatro anos, de uma visita que criamos, especial, para a disciplina de Português e História, que era fazermos uma comparação, uma analogia entre a pesca do bacalhau e os Lusíadas. Isso foi feito em parceria com as escolas de Oliveira de Azeméis, em que, durante esse ano, todos os oitavos e nonos anos passaram pelo Museu para fazer especificamente essas visitas. Depois, pontualmente, temos, recordo-me que tivemos infantários em que as educadoras desenvolveram ao longo do ano trabalhos connosco, e essas crianças, que na altura tinham cinco anos, ficaram, ainda hoje

	<i>se recordam de todo o trabalho que desenvolveram (...)”</i>
Anos de escolaridade com mais incidência	CSEMMI – “ (...) este ano tivemos pré-escolar, 1ºciclo, tivemos 2º ciclo, 2º e 3º ciclos com a EB2/3 e tivemos também convosco o 3º ciclo. Secundário são os alunos que menos nos visitam (...)”
Oferta educativa do MMI e o feedback das escolas/agrupamentos	CSEMMI – “ (...) no início do ano letivo, (...) apresentamos a oferta que temos para todos os ciclos de ensino, (...), mas somos nós que desafiamos as escolas a desenvolverem projetos. (...) há ofertas específicas para o concelho. (...) Nós também sentimos essa dificuldade. Acho que muitas vezes a informação não, não... e agora com os Agrupamentos vai ser com certeza muito mais difícil. A informação não chega aos docentes, o que é mau. E no nosso concelho, infelizmente, ainda temos isso, vou seja, existem os projetos, veem a apresentação dos mesmos, mas depois o docente que vem, que é com certeza o diretor da escola, ou não o transmite, ou os professores acham que não tem interesse, não sei, ainda estamos numa fase de avaliação. (...) nós estamos abertos a essa interação, é preciso é que ela seja também promovida pela escola.”
Necessidade de envolvimento do MMI nos projetos das escolas	CSEMMI – “Agora também há escolas em que, às vezes, as coisas correm um bocadinho mal, não é!? Desenvolvem projetos, que até poderiam ter algum interesse em partilhá-los com o Museu, e depois no final do ano letivo solicitam-nos espaços para expor. Nós não somos, já não somos esse tipo de museu, ou seja, tudo o que está exposto no Museu, as exposições permanentes têm uma temática própria, as exposições temporárias são programadas com um ano de antecedência, e já não existe esse tipo de abertura de deixar, de, de... acho que há aí uma falta, da parte da docência, de alguma sensibilidade, o Museu não é um... é um espaço aberto à comunidade, mas é um espaço onde se criam relações, e as pessoas não podem achar, que no final de um ano letivo, que nós depois, que não tivemos envolvimento nenhuma em projeto algum, tenhamos depois que ter cá exposto, porque era agradável para os alunos. Acho que também deve haver mais esforço por parte dos docentes em fazermos um projeto semelhante... foram vocês que nos procuraram, neste caso.”
Interação entre MMI a Câmara Municipal e as escolas do concelho	CSEMMI – “ (...) muitas vezes, a, a...acho que sim, sobretudo, para o pré e 1º ciclo. Depois nós já temos contactos privilegiados com alguns professores, (...) Depois a Câmara de Ílhavo também motiva, através dos Serviços Educativos, que tem integrados, mas também através da ação da educação, da assessoria que temos na educação, motiva que a visita se faça, a visita e que hajam projetos de conjunto com o Museu e as escolas.”

Tabela xiv – Sugestões para motivar os alunos a participarem em visitas a Museus e Monumentos. (questões e objetivos CSEMMI)

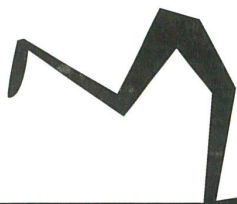
Categoria	Exemplos
Maior envolvimento da comunidade educativa	CSEMMI – <i>“É termos projetos semelhantes a este. E cada vez mais os professores envolveram, não só os alunos, mas também os pais, no sentido de promoverem uma aprendizagem diferente.”</i>
Necessidade de preparação prévia para visitar um museu	CSEMMI – <i>“Há bons e maus profissionais em todo o lado e também há professores que não preparam as visitas aos museus, e quando vêm querem... às vezes nós vemos os professores mais interessados em visitarem o Museu do que em passar conhecimentos através das exposições que vêm aos seus alunos. (...) Agora acho que o trabalho do docente é essencial, mas não é só o do docente em si é o trabalho todo da escola e acho que, atualmente, o estado da educação também não o permite, não o proporciona, julgo eu!”</i>

**Anexo V – Certificado de comunicação na Conferência Internacional
Investigação e Práticas em contextos de educação**



IPL

escola superior de educação
e ciências sociais
instituto politécnico de leiria



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

*Investigação e Práticas
em contextos de Educação*

IO E II • MAIO 2013

ESECS / IPL

CERTIFICADO

Certifica-se que

Carla Daniela Vale Leitão Mota

apresentou a comunicação intitulada

*A perspetiva dos professores de Artes Visuais acerca
do uso dos manuais como instrumento facilitador à
aprendizagem dos alunos NEE*

na Conferência Internacional — *Investigação, Práticas
e Contextos em Educação*, realizada nos dias 10 e 11
de maio de 2013, na Escola Superior de Educação e
Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

O Diretor da ESECS–IPL,

Luís Filipe Barbeiro

Anexo VI – Fichas de apoio

Ficha de apoio a visita de estudo ao MMI

Ficha de apoio a visita de estudo ao Farol da Barra

Ficha de apoio ao desenvolvimento do logótipo



universidade de aveiro

Pesquisa e recolha de informação
Educação Visual 2012/2013

Aluno: _____

Nº: _____ Ano: _____ Turma: _____

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Esboços

Ficha de apoio a visita de estudo ao **Farol da Barra**

Pesquisa e recolha de informação

Educação Visual 2012/2013

Aluno: _____

Nº: _____ Ano: _____ Turma: _____

No decorrer desta visita de estudo deves tirar partido de todas as atividades para, posteriormente, melhor desenvolveres o projeto *Farol da Barra*.

Primeira parte:

Observação direta do Farol da Barra de vários ângulos e registo do que mais te chamar a atenção.

Segunda parte:

Desenho expressivo, através de observação direta, do Farol da Barra.

_ desenho de 1 minuto/ material: papel cavalinho A4 e grafite;

_ desenho de 5 minutos/ material: papel cavalinho A4 e grafite;

_ desenho de 30 minutos/ material: papel cavalinho A4, grafite e lápis de cor.



Esboços/ estudos iniciais do logótipo

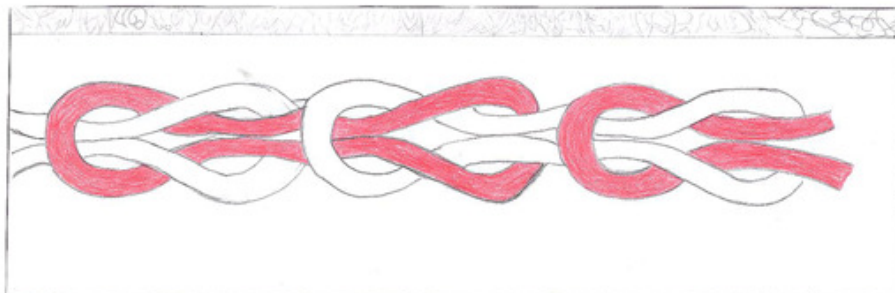
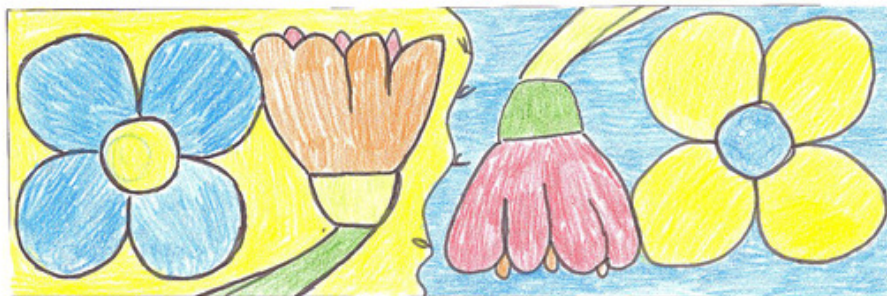
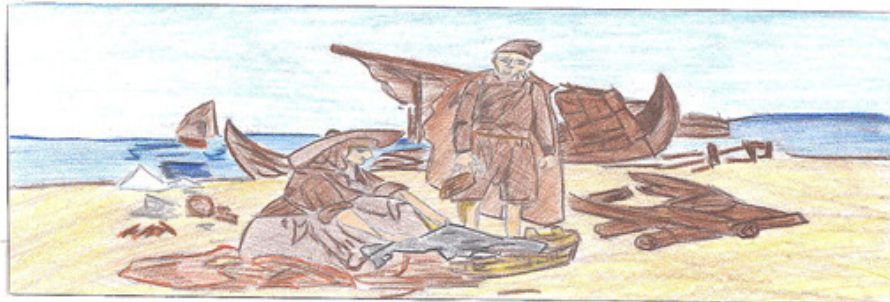
Anexo VII – Estudos para a nova imagem visual das listas do Farol

Estudos da turma Azul

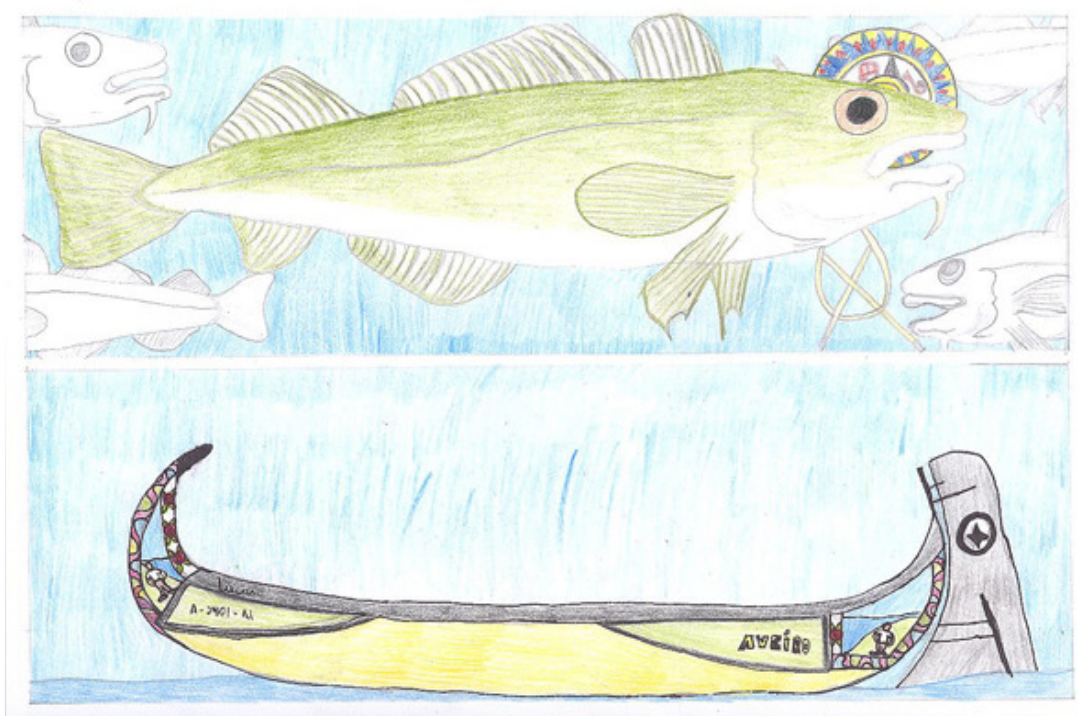
Estudos da turma Verde

Estudos da turma Azul

Ilhavo, heróico poema Escrito, em sangue, no mar! Tua canção é um tema Que todos sabem cantar.
Terra de heróis marinheiros De heroísmo sem igual Sempre honrando, em seus veleiros,
O nome de Portugal. Marinhas, sol, tricaninhas Azenhas sempre a chorar...
Os sinos das capelinhas Chamam o povo a rezar Ria sonhadora esquiada Que o mar, não sabe entender
ele, quem lhe dá vida No mar ela vai morrer. Morre o sol, lá no poente, Num adeus emocionante
diz adeus, chorando, à gente Beijando o mar, solucante. Ó Ilhavo, lindo amor, Noiva linda dos
Brilhas e não tens fulgor, Não tens coração e sentes Moliceiros apurados, Céu azul, noites seras
Lembram gaivotas, voando.. São barcos estilizados, Ninfas esbeltas sonhando.
Ao longe, bramindo o mar! Canais, planuras amenas,



Grupo 1



Grupo 2



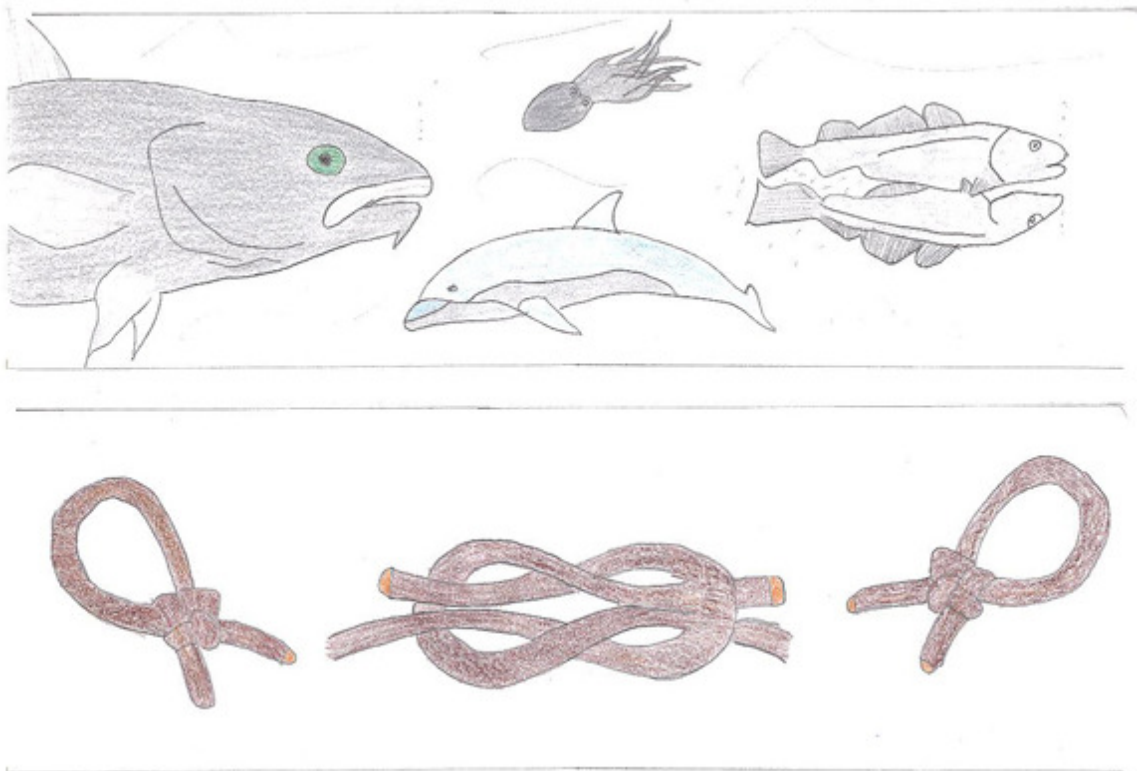
Grupo 3



Grupo 4

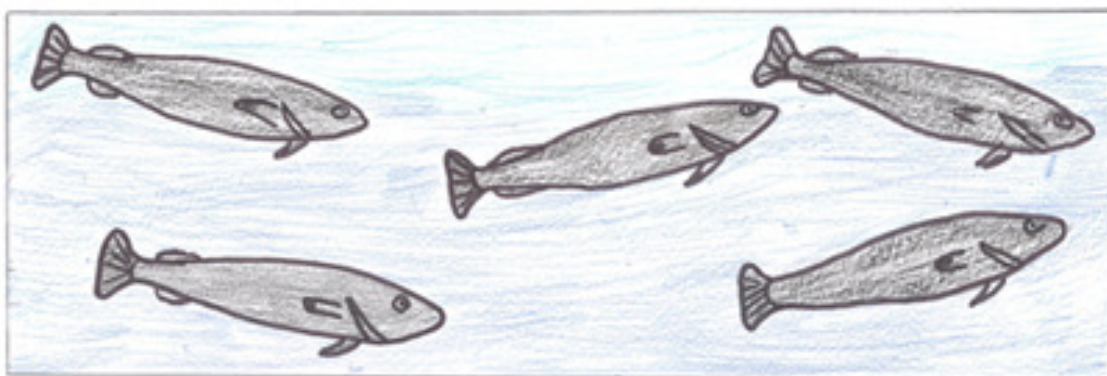


Grupo 5



Grupo 6

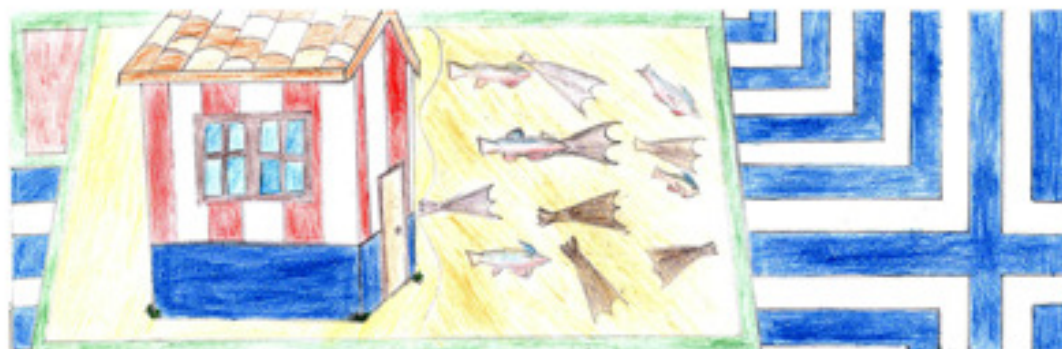
Estudos da turma Verde



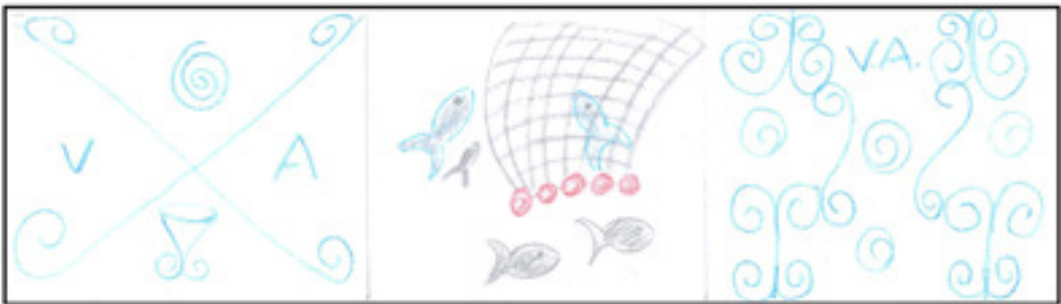
Grupo 1



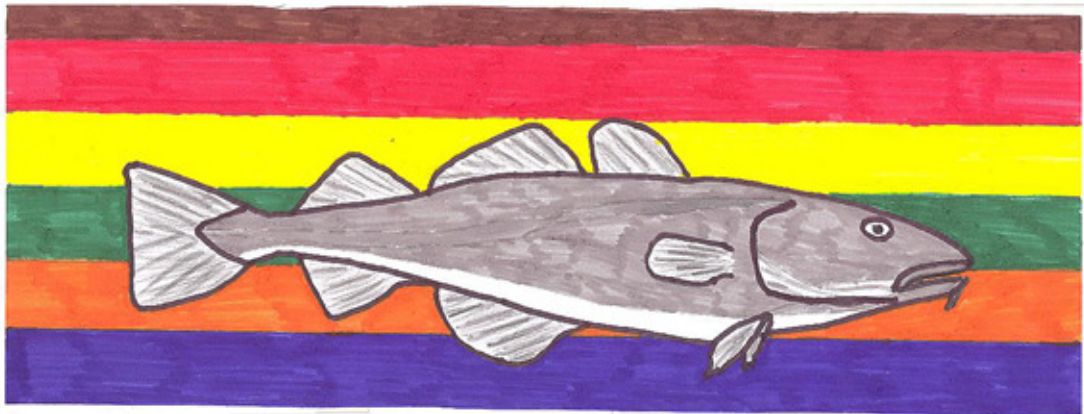
Grupo 2



Grupo 3



Grupo 4



Grupo 5

Anexo VIII – convite para apresentação dos projetos no MMI



Frente do convite



Verso do convite

Anexo IX – Newsletter

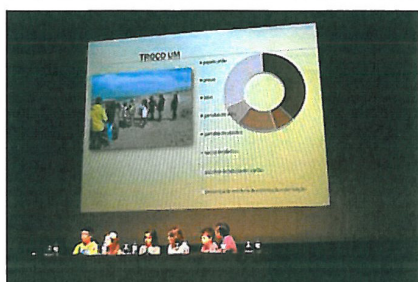


EXPOSIÇÃO

O RESPEITO PELAS MEMÓRIAS EM TORNO DE UM PASSADO...

Na [redacted], durante a Semana Vocacional, realizou-se a exposição “Os Colonizadores da Areia ... Do mito à realidade”, dinamizada pela [redacted] e com a colaboração do [redacted]. Esta exposição enceta um mecanismo de informação e de divulgação aos nossos alunos e comunidade educativa, tecendo uma tendência na “utilidade e legitimidade” na identificação da história local que privilegia “uma busca incessante”.

De 4 a 7 de junho



ATIVIDADE NO EXTERIOR

DIA DO AMBIENTE

No Dia do Ambiente, os alunos que participaram no projeto *Coastwatch* apresentaram no Centro Cultural de Ílhavo a avaliação de todo o seu trabalho de campo. Os alunos do 4º ano do Centro Escolar da Coutada, portaram-se como verdadeiros oradores.

Dia 5 de junho



PALESTRA

OS COLONIZADORES DA AREIA ... DO MITO À REALIDADE

A Arqueóloga [redacted] orientou a palestra “Os Colonizadores da Areia ... Do mito à realidade”, numa memória que entrelaça a afetividade, a solidariedade como instrumento configurador da identidade. Parafraseando a Arqueóloga, “Esta é a Conferência da Minha Vida! Os barcos e a vida de pescadores perseguem-me desde a infância”. A abertura foi realizada pela Presidente da CAP. Estiveram ainda presentes a Vice- Presidente da CAP e os organizadores, Professora [redacted] entre outros docentes.

Dia 6 de junho no auditório do Museu Marítimo de Ílhavo



APRESENTAÇÃO PÚBLICA

PROJETOS “FAROL DA BARRA” E “BACALHAUS

Foram apresentados os trabalhos desenvolvidos pelos alunos das turmas [redacted] da [redacted] sob a orientação de Daniela Mota e [redacted], elementos do núcleo de práticas de ensino supervisionadas de 2012/ 2013, com a coordenação da Professora [redacted]. Estes trabalhos estarão expostos no MMI durante os meses de junho e julho. Possivelmente no mês de agosto, serão expostos no Museu-Navio Santo André, fundeado em frente ao Jardim Oudinot, na Gafanha da Nazaré, durante o Festival do Bacalhau.

Dia 8 de junho no auditório do Museu Marítimo de Ílhavo



CONCURSO

PRÉMIOS DA JUNTA DE FREGUESIA

Decorreu no salão nobre da Junta de Freguesia a entrega dos prémios aos alunos do 4º ano que participaram no concurso sobre a visita à Assembleia da República que teve lugar em março passado. A aluna [redacted] ficou em primeiro lugar, recebendo como prémio uma bicicleta. A aluna ficou muito feliz.

Dia 8 de junho